

Anthony Doerr

Autor de TODA LUZ QUE NÃO PODEMOS VER

QUATRO
ESTAÇÕES
EM
ROMA

Memórias de um escritor americano na Itália



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Anthony Doerr

**QUATRO
ESTAÇÕES
EM
ROMA**

Memórias de um escritor americano na Itália

Tradução de Marcelo Levy



Copyright © Anthony Doerr, 2007

TÍTULO ORIGINAL

Four Seasons in Rome

PREPARAÇÃO

Taissa Reis

REVISÃO

André Marinho

Rayana Faria

DESIGN DE CAPA

Angelo Allevato Bottino

IMAGEM DE CAPA

Silvio Medeiros/Getty Images

REVISÃO DE E-BOOK

Maira Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0035-9

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Outono

Inverno

Primavera

Verão

Notas

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Leia também

Para Henry e Owen

A chuva desaba, as nuvens se erguem, os rios secam, os dilúvios varrem a terra; os raios queimam e se impõem, vêm de toda parte e atingem a Terra no centro do mundo, depois se quebram, se recolhem e carregam consigo a umidade que sugaram. O vapor cai do alto e volta para o alto. Ventos vazios varrem a terra e, então, retornam com suas pilhagens. Tantas criaturas extraem da atmosfera o ar que respiram; mas o ar persiste na direção oposta, e a Terra devolve a respiração ao céu como se a devolvesse a um vácuo. Assim, enquanto a natureza vai e volta constantemente, como num balanço, a discórdia é semeada pela velocidade do movimento do mundo.

PLÍNIO, O VELHO

HISTÓRIA NATURAL, 77 d.C.¹

Outono

A ITÁLIA SE aproxima, ameaçadora. Fazemos listas — fraldas, roupa de cama para os berços, um abajur. Leite em pó. Vinte barrinhas de cereal Nutri-Grain. Nunca comemos barrinhas Nutri-Grain na vida, mas agora, de repente, parece indispensável ter algumas à mão.

Observo nosso dicionário de bolso inglês-italiano novinho em folha e fico preocupado. Será que contém a entrada “aqui está meu passaporte”? Contém “pelo amor de Deus, onde posso comprar um pacote de lençinhos umedecidos para bebês”?

Fingimos estar calmos. Nenhum de nós dois está disposto a admitir que amanhã embarcaremos em um Airbus com gêmeos de seis meses e nele passaremos catorze horas a doze mil metros de altitude. Em vez disso, abrimos e fechamos o zíper das malas, tiramos as rodas do carrinho de bebê e estudamos fotos pequenas e granuladas da basílica de São Pedro no site de viagens ricksteves.com.



Chuva em Boise, vento em Denver. O avião rasga a troposfera a novecentos e sessenta quilômetros por hora. Owen dorme em um amontoado de cobertores entre nossos pés. Henry dorme nos meus braços. Há turbulência durante todo o percurso sobre o Atlântico; as divisórias chacoalham, os vidros tilintam, as travas dos compartimentos da tripulação abrem e fecham.

Estamos nos mudando de Boise, Idaho, para Roma, Itália, onde nunca estive. Quando penso na Itália, imagino opulência, quadros a óleo em tons escuros de marrom e imperadores de sandália. Vejo o corte transversal de uma maquete escolar do Coliseu feita com cola e cubinhos de açúcar; vejo uma saboneteira branca e azul-marinho comprada em Florença, com uma lasquinha faltando no canto, que minha mãe manteve na pia do banheiro durante trinta anos.

Mas o que vejo com mais clareza é um livro de colorir que ganhei de Natal quando era criança, chamado *Roma Antiga*: dois bebês mamando nas tetas de uma loba, César sorrindo com sua coroa de folhas, uma virgem sensual de olhos grandes posando com uma jarra ao lado de uma fonte. A imagem que eu tinha de Roma

naquela época — aos sete anos, na noite de Natal, com flocos de neve se espatifando nas janelas, um pinheiro cheio de luzinhas piscando no andar de baixo e lápis de cor espalhados no carpete — não mudou muito com o passar do tempo: contornos de elefantes e gladiadores com palácios caricaturais ao fundo, a sensação de que eu havia escolhido as cores erradas. Verde-água para as carruagens, dourado para o céu.

Na telinha instalada no encosto do assento à minha frente, o pequeno ícone representando nosso avião passa por Marselha e Nice. Uma mamadeira cheia de leite em pó já preparado, caída de lado no bolso de revistas da cadeira, encharca o tecido e pinga em minha mala de mão, mas deixo que vaze para não me mexer e correr o risco de acordar Henry. O tempo que levamos para ir da América do Norte à Europa é suficiente para assistir a um filme com Lindsay Lohan e dois episódios de *Everybody Loves Raymond*. A temperatura lá fora é de cinquenta e um graus Celsius negativos.



Um táxi nos deixa em frente a um palácio: estuque e mármore travertino, fachada com cinco divisões, escada emoldurada por plantas esculpidas. O porteiro apaga o cigarro na sola do sapato e pergunta, em inglês: “Vocês são os que têm os gêmeos?” Depois aperta nossa mão e nos entrega um molho de chaves.

Nosso apartamento fica em um prédio vizinho ao palácio. O portão da frente é de ferro, tem quase três metros de altura e está todo arranhado; é como se cachorros selvagens tivessem tentado invadir o pátio. Usamos uma das chaves para abri-lo e encontramos a entrada na lateral do edifício. Do carrinho, os meninos observam tudo com os olhos arregalados. Entramos com eles em um elevador tipo gaiola, com portas de madeira que abrem para dentro. Passamos ruidosamente por dois andares. Ouço guinchos, freios de caminhão. Passos de vizinhos ecoam na escada, uma porta é fechada. Há vozes de crianças. Três andares abaixo, o portão de ferro bate fazendo estardalhaço.

Nossa porta se abre para um corredor estreito, que encho aos poucos com a bagagem. Shauna, minha esposa, carrega os bebês

para dentro. O apartamento é maior do que esperávamos: dois quartos, dois banheiros, armários novos, pé-direito de três metros e meio, piso de cerâmica que reverbera ruídos. Uma velha escrivaninha e um sofá azul-marinho. A geladeira fica escondida dentro de um armário. Há apenas uma obra de arte: um pôster de sete ou oito gôndolas cruzando um porto, com uma praça enevoada ao fundo.

O ponto alto do apartamento é o terraço, ao qual se chega através de uma portinha estreita no canto da cozinha, como se o arquiteto só tivesse percebido a necessidade de uma passagem no último momento. Com nove metros de extensão, ele se debruça sobre a entrada do prédio, a quinze metros de altura. Dali é possível ver partes de Roma por entre as copas das árvores: telhados de terracota, três ou quatro domos, um campanário de dois níveis, o verde entrecortado dos jardins nos terraços, tudo abafado pela bruma, estranho e inverossímil.

O ar está úmido e quente. Tenho a impressão de sentir um indistinto aroma de repolho.

— Isso é nosso? — pergunta Shauna. — O terraço inteiro?

Sim, é. Não há nenhuma outra entrada para ele além da nossa porta.

Colocamos os bebês nos berços, que são diferentes um do outro e não parecem particularmente seguros. Um mosquito voa pela cozinha. Dividimos uma barrinha de Nutri-Grain e comemos cinco pacotes de biscoito de água e sal. Nos mudamos para a Itália.



Durante um ano serei bolsista da Academia Americana em Roma. Aqui não há alunos nem professores, apenas um punhado de artistas e estudiosos que ganharam um ano de estadia em Roma para realizar projetos independentes.

Minha área é literatura. Só preciso escrever. Sequer tenho que mostrar a alguém o que escrevo. Em troca, me dão um estúdio, a chave deste apartamento, dois tapetes para banheiro, um jogo de toalhas lavadas toda quinta-feira e mil e trezentos dólares por mês. Vamos morar na colina Gianicolo, uma onda verde de árvores e

casarões que se estende por algumas centenas de metros e uma série de escadas de pedra centenárias acima do bairro romano chamado de Trastevere.

Subo em uma cadeira no terraço e tento localizar o rio Tibre no meio do emaranhado de prédios ao longe, mas não vejo barcos nem pontes. Um guia que encontrei na biblioteca pública de Boise informava que o Trastevere era um bairro charmoso, cheio de igrejas pré-renascentistas, ruelas medievais e casas noturnas. Tudo o que vejo está enevoado: telhados e copas de árvores. Ouço o rumor do trânsito.

Uma palmeira diante da janela recorta o pôr do sol. A torneira da cozinha goteja. Não fomos nós que nos candidatamos a essa bolsa; nem sabíamos que ela existia. Há nove meses, recebemos uma carta da Academia Americana de Artes e Letras dizendo que meu trabalho tinha sido indicado por um comitê anônimo. Quatro meses depois, recebemos uma carta informando que havíamos sido selecionados. Shauna ainda estava no hospital e nossos filhos tinham nascido havia apenas doze horas quando, parado na neve derretida em frente ao nosso prédio, encontrei o envelope na caixa de correio.



A privada do banheiro tem dois botões de descarga, um deles com o dobro do tamanho do outro. Começamos a debater: na minha opinião, eles liberam a mesma quantidade de água; Shauna defende a tese de que o botão maior é para serviços mais pesados.

Como sempre acontece quando se está longe de casa, são os detalhes que nos fazem sentir deslocados. As janelas não têm telas. As sirenes que passam pela rua têm um som um pouco mais grave. O mesmo acontece com o barulho do nosso telefone de plástico vermelho. Quando fazemos xixi, ele não cai na água, e sim na porcelana do vaso sanitário.

As torneiras do banheiro estão sinalizadas com as letras *C* e *F*, sendo que o *C* indica *calda*, quente em italiano, e não *cold*, frio em inglês. A geladeira tem o tamanho de um frigobar. Há uma alavanca

de ferro sem identificação instalada na parede atrás da bancada da cozinha. Para abrir o gás? Água quente?

Os berços que a Academia nos emprestou não têm protetores acolchoados nem lençóis, mas têm o que achamos serem travesseiros: retângulos de espuma de três centímetros de espessura envolvidos em tecido de algodão.

O detergente cheira a limão galego com sal. Os mosquitos são maiores. Em vez de closets, os quartos têm guarda-roupas imensos e bolorentos.

Shauna inspeciona o espaço triangular que se transformará em cozinha, sala de jantar e sala de estar.

— Não tem forno.

— Não tem forno?

— Não tem forno.

— Será que os italianos não usam forno?

Ela me encara.

— Eles inventaram a pizza.

São quinze para a meia-noite, mas no relógio digital do micro-ondas lê-se 23:45, e não 11:45, como no padrão dos Estados Unidos. Será que, à meia-noite, estará escrito 0:00?

No primeiro dia, vamos dormir por volta da meia-noite, mas os meninos acordam à uma, chorando nos berços desconhecidos. Shauna e eu cruzamos um com o outro no corredor, indo e vindo, cada um embalando um bebê.

O *jet lag* me traz uma secura nos olhos e um desconforto na coluna. Acordamos em Boise, dormimos em Roma. Do outro lado da grade do terraço, a cidade é um campo infinito de sombras. Os ossos de Keats, Rafael e São Pedro jazem decompostos em algum canto. O papa sonha a menos de um quilômetro de distância. Owen pisca para mim, de boca aberta e com a testa franzida, como se sua alma ainda estivesse em algum ponto sobre o Atlântico, tentando se reencontrar com o resto dele.

Amanhece, e nenhum de nós chegou a pregar os olhos. Precisamos de dinheiro, precisamos de comida. Remonto nosso carrinho de bebê e, com muito custo, desço a escada com ele. Shauna acomoda e afivela os meninos. Do lado de fora do portão, a

calçada se oferece à esquerda e à direita. O céu está úmido e rasgado por nuvens. Um carro minúsculo acelera pela rua e faz girar um saco plástico.

— Tem mais trânsito à esquerda — diz Shauna.

— E isso é bom?

— Talvez mais trânsito signifique que tem mais lojas...

Estou me opondo a essa lógica quando uma vizinha aparece atrás de nós. Baixinha, cheia de sardas, de aparência altiva. É americana. Se chama Laura. O marido também é bolsista da Academia, mas em paisagismo. Ela acabou de pôr os filhos no ônibus escolar, está levando o lixo reciclável para o ponto de coleta e depois vai comprar carne moída.

Ela nos conduz para o lado esquerdo. Seguindo pela calçada, vinte metros adiante, quatro ruas convergem debaixo de uma arcada maciça de estuque chamada Porta San Pancrazio, um portão nas antigas muralhas romanas. Não há semáforos. Carros compactos avançam pouco a pouco, cada um cavando um espacinho em meio ao tráfego. Um ônibus se mistura à confusão. Logo chega um caminhão com a carroceria cheia de móveis. Aparecem então duas scooters. Parece que todos estão convergindo para a mesma viela, onde, assim que se livram do congestionamento, aceleram em disparada, avançando entre filas de carros estacionados cujos retrovisores ou estão recolhidos ou foram simplesmente arrancados.

Laura fala ao longo de todo o percurso. Como se hoje fosse um dia qualquer, como se nossas vidas não estivessem em perigo, como se Roma fosse Cincinnati. Nem faixa de pedestre eles têm aqui? Buzinas ressoam. Um táxi quase arranca as rodas da frente do carrinho de bebê.

— O voo de vocês era de qual companhia aérea? — grita Laura.

— Meu Deus — diz Shauna.

Tenho vontade de me agachar no meio-fio com meus bebês nos braços.

Outra scooter (uma *motorino*, nos ensina Laura) se esgueira pelo meio da bagunça. Na pequena plataforma entre seus sapatos, o condutor leva uma bananeira de mais de um metro de altura

plantada em um vaso. As folhas vão batendo no ombro dele, que segue em frente.

Resoluta, Laura atravessa o cruzamento, joga o lixo reciclável em uma série de lixeiras e aponta para algumas lojas mais adiante na rua. Ela parece estranhamente à vontade. É uma ilha de serenidade. Fico preocupado: será que deveríamos estar falando assim, tão alto? Em inglês?

Os meninos não emitem som algum. Faz calor. Prédios de apartamentos assomam sobre lojas, centenas de sacadas repletas de gerânios, palmeiras anãs, tomateiros. Do lado de fora de bares, adolescentes tomam café em copos de vidro. Homens com macacões azul-marinho e coturnos estão parados em pé em frente a bancos, pistolas penduradas no quadril. Passamos por uma concessionária Fiat que tem o mesmo tamanho do salão de beleza ao lado dela. Passamos por uma pizzaria; um velho atrás do balcão de vidro arranca uma flor da ponta de uma abobrinha.

Na seção de alimentos infantis de uma *farmacia*, procuro desesperadamente por qualquer produto reconhecível e encontro rótulos ilustrados com coelhos, ovelhas e, pior ainda, pôneis.

Laura nos ajuda a achar um caixa eletrônico e nos mostra onde comprar fraldas descartáveis. Faz questão também de que aprendamos direito os nomes dos bairros: — Trastevere fica atrás de nós, descendo as escadarias. Gianicolo, onde moramos, é apenas o nome da colina. Nosso bairro, onde estamos agora, se chama Monteverde.

— Monteverde — repito, treinando.

Colina verde.

Antes de partir, Laura aponta para o hortifrúti.

— Um *presto* — diz ela, o que me leva a pegar meu guia de conversação. *Prestare?* Dar?

Então ela vai embora. Penso em Dante no Purgatório, virando-se para dizer algo a Virgílio e descobrindo que ele não está mais ali.

Na banca de verduras, descobrimos do pior jeito que não se deve tocar nos alimentos; o correto é apontar para as *insalatine* ou os *pomodori* para que o vendedor os coloque na balança. O açougueiro deixa os ovos em caixas abertas, tostando ao sol. Não

há etiquetas nas carnes; aponto para algo cor-de-rosa e desossado e cruzo os dedos.

As embalagens de Kit Kat são vermelhas, e não cor de laranja, como nos Estados Unidos. O italiano é melhor. As peras também são mais saborosas. Devoramos uma, deixando pingar sobre a cobertura do carrinho de bebê. Os tomates, uma dúzia deles, embalados em um saco de papel, parecem ter luz própria.

Os bebês chupam nacos de biscoito. Deslizamos suavemente debaixo de sol e sombra.

A duas quadras do mercado, em uma rua chamada Quattro Venti — os quatro ventos —, o aroma de uma padaria envolve a calçada. Travo o carrinho de bebê, abro a porta, entro e dou de cara com uma aglomeração. Todo mundo se empurra, quem acaba de entrar abaixa a cabeça como se fosse mergulhar e abre caminho se contorcendo até chegar ao balcão. Será que devo pegar uma senha? Devo gritar para fazer meu pedido? Tento repassar mentalmente meu vocabulário de italiano: oito tardes em um curso de idiomas em Boise, quatrocentos dólares, e neste momento só consigo me lembrar de *tazza de tè*. Xícara de chá.

Uma mulher de bigode é empurrada na minha direção, meu queixo encontra seu cabelo. Ela cheira a leite azedo. Pães vêm e vão sobre minha cabeça. Sei dizer *ciabatta*. Sei dizer *focaccia*.

Atrás do balcão, os únicos italianos que vi usando shorts até agora deslizam com tênis brancos no piso coberto por uma fina camada de farinha. A multidão me empurra para um canto. Homens que acabaram de entrar já estão pegando seus pedidos e pagando a conta.

Sementes de papoula, gergelim, uma bola de papel encerado. Sou um caroço debaixo da pedra de moinho. Pela porta de vidro, vejo Shauna debruçada sobre os meninos, que estão berrando. Tudo parece girar. Quais são mesmo as palavras? *Scusi? Permesso?* Conseguiremos sobreviver sem pão. O ano inteiro, se preciso for. Abaixo a cabeça como um touro e abro caminho até o lado de fora.

A padaria não é meu único fracasso. Procuo um chaveiro em uma loja de ferragens, mas o proprietário permanece parado à minha frente, segurando firme uma mão na outra, disposto a

ajudar, porém eu não sei como dizer “chaveiro” ou “estou só dando uma olhada”, de modo que ficamos nos encarando durante um minuto sem dizer nada.

— *Lucce per notte.* — Finalmente consigo balbuciar. — *Per bambini.*

E, embora eu não esteja ali para comprar luminárias especiais para as crianças, ele me mostra uma e eu compro. Os chaveiros podem esperar até que eu consiga voltar com um dicionário.



De acordo com um resumo de duas frases do projeto que precisei apresentar à Academia, vim para Roma para continuar a escrever meu terceiro livro, o segundo romance, sobre a ocupação alemã de uma cidadezinha na Normandia entre 1940 e 1944. Trouxe comigo mais ou menos cinquenta páginas de prosa, algumas fotos de aviões B-17 despejando bombas incendiárias e um acúmulo desordenado de anotações.

O estúdio onde trabalharei fica no palácio ao lado do nosso prédio: a própria Academia Americana — silenciosa, gigantesca, imponente. Enquanto os bebês tiram uma soneca durante nossa primeira tarde completa em Roma, atravesso o grande portão, aceno para o porteiro em sua minúscula cabine e subo as escadas da frente carregando meus cadernos. Uma seta à esquerda indica “escritório”; uma à direita indica “biblioteca”. O pátio é cheio de cascalho e jasmim. Um filete d’água verde de uma fonte. Cumprimento com um leve meneio de cabeça um homem vestindo camiseta preta, os olhos injetados, os antebraços sujos de tinta a óleo.

O estúdio 235 é um retângulo com pé-direito alto chamado Estúdio Tom Andrews, em homenagem a um poeta hemofílico que recebeu a mesma bolsa que eu. Ele trabalhou aqui em 2000. Morreu em 2002. O espaço tem duas escrivaninhas, uma pequena cama de armar e uma cadeira de escritório cujo estofamento foi arrancado.

Ouvi dizer que Tom Andrews bateu um recorde mundial ao permanecer batendo palmas sem parar por catorze horas e trinta e

um minutos. A primeira frase do segundo livro dele é “Que Nosso Senhor Jesus Cristo abençoe a motocicleta do hemofílico”.

Converso com ele enquanto mudo os móveis de lugar. “Tom, estou na Itália há vinte horas e só dormi uma.” “Tom, estou colocando três livros na sua estante”, aviso.

A janela do Estúdio Tom Andrews tem por volta de dois metros de altura e se abre para os doze mil metros quadrados de gramado e árvores que ficam atrás da Academia. Dividindo a paisagem ao meio, a cerca de seis metros do parapeito da janela, há o tronco de um magnífico pinheiro-manso.

Notei que o bairro está cheio dessas árvores: troncos sublimes, sem galhos, altíssimos, suas copas subdividindo-se como se fossem dendritos de neurônios. Nos próximos meses, ouvirei as pessoas se referindo a elas como pinheiros-italianos, pinheiros-romanos, pinheiros-mediterrâneos, pinheiros-sombrinha, pinheiros-guarda-chuva, pinheiros-mansos. Todos esses nomes se referem à mesma coisa: *Pinus pinea*. Árvores majestosas, imperiosas, ao mesmo tempo indomáveis e serenas, príncipes que dormem como anjos, mas têm sonhos fervilhantes.

Meia dúzia de pinheiros-guarda-chuva se ergue atrás da embaixada que fica do outro lado da rua; uma fileira deles projeta as copas acima do muro de trezentos e sessenta anos que delimita os gramados da Academia. Nunca imaginei que Roma tivesse árvores como essas, que uma cidade de três milhões de habitantes fosse um jardim vivo, com limo nos vãos das calçadas, hera balançando debaixo de arcos, alcaparreiras cobrindo muradas antigas, tomilho brotando em campanários de igrejas. De manhã, os paralelepípedos estavam escorregadios devido ao limo. Nas ruas por onde Laura nos levou, tufo de bambu farfalhavam clandestinamente nos pátios dos prédios residenciais, pinheiros conversavam com palmeiras, ciprestes se postavam ao lado de laranjeiras. Vi um chumaço de hortelã crescendo em uma fenda na calçada, em frente a uma videolocadora.

Dos três livros que eu trouxe, um é sobre a ocupação nazista da França, por causa do romance que estou tentando escrever; outro é uma seleção de citações de *História natural*, de Plínio, o Velho,

porque o texto na contracapa diz que a obra apresenta uma visão do mundo natural como era entendido na Roma do século I. O último é um guia de árvores que dedica meia página ao pinheiro-manso. *A casca tem coloração castanho-acinzentada e é gretada. De tempos em tempos, a casca cai e, em seu lugar, ficam porções de uma coloração castanho-avermelhada.*²

Uma noqueira frondosa, um olival; tílias, macieiras, uma cerca viva só de alecrim. Os muros que delimitam esses jardins chegam a dez metros de altura em alguns pontos, as pedras esmaecidas pelo tempo, os trechos superiores demarcados por fendas estreitas usadas por arqueiros no passado, as amuradas carregadas de ervas daninhas. Antes de haver eletricidade, antes mesmo que o pinheiro-manso perto da janela fosse uma pinha, no tempo em que o céu noturno sobre o Gianicolo era tão estrelado quanto o céu de qualquer outro lugar, Galileu Galilei montou seu novo telescópio durante uma festa neste mesmo jardim, bem debaixo da minha janela, e mostrou o firmamento aos convidados.

A cinquenta metros dali, Shauna está lidando com os bebês. Penso no jeito como Owen mexe a cabeça, nos olhos redondos de Henry.

“Eles são milagres”, digo ao fantasma de Tom Andrews.

Nascidos de células menores que o ponto final deste parágrafo — *muito* menores que esse ponto —, os meninos de repente ficaram grandes e barulhentos e encharcam de baba a frente das roupas.

Abro um caderno em uma página em branco. Tento registrar algumas frases sobre gratidão e encantamento.



Fritamos costelas de porco em uma frigideira amassada, bebemos vinho em copos de água. Andorinhas sobrevoam o terraço em alta velocidade. Os meninos acordam a noite inteira e choram nos berços estranhos. Dou mamadeira a Henry à meia-noite e quarenta (o relógio do micro-ondas indica 0:40), troco a fralda dele e finalmente consigo convencê-lo a dormir. Deito no sofá, a cabeça apoiada em uma pilha de sacos de fralda e dois panos babados

esticados por cima de mim como guardanapos — nosso único cobertor está na cama, com Shauna. Dez minutos. Vinte minutos. Por que me iludir? Apenas um sonho e Owen acordará.

O que foi mesmo que Colombo escreveu em seu diário de bordo ao zarpar da Espanha? “Acima de tudo, convém que eu me esqueça de dormir e dedique toda a atenção à navegação para obter êxito.”³

Henry volta a acordar às duas. Owen desperta às três. Em cada um desses momentos, ao emergir do sono não tão profundo, preciso de um minuto para me lembrar do que esqueci: sou pai; nos mudamos para a Itália.

Passo a noite carregando ora um, ora outro menino para o terraço. Faz um calor agradável. Estrelas reluzem aqui e ali. Ao longe, filetes brilhantes de luz serpenteiam pelas colinas.

“*Molto, molto bella*”, disse Roberto, o taxista que nos trouxe do aeroporto com sete malas e nosso carrinho de bebê de mais de vinte quilos. Seu queixo era coberto por uma barba rala, e ele tinha dois telefones celulares e se sobressaltava toda vez que os meninos faziam algum barulho.

“*Non c’è una città più bella di Roma*”, disse. Não há cidade mais bonita que Roma.



Em nossa segunda manhã na Itália, saímos com o carrinho pelo portão de ferro e viramos à direita. Os meninos gemem, os eixos do carrinho retinem. Carros minúsculos passam em alta velocidade. Viramos uma esquina, e a corrente de ferro que margeia a calçada dá lugar a cercas vivas, que terminam na lateral de uma fonte monumental de mármore e granito. Embasbacados, nós a contornamos até chegarmos à sua frente.

De uma parede com seis colunas, alta como uma casa, cinco nichos despejam água em uma piscina semicircular. Sete linhas em latim cobrem a testeira, os topos das colunas externas exibem grifos e águias. Mais tarde descobriremos que os romanos a chamam simplesmente de *il Fontanone*. A grande fonte. Foi concluída em 1690; a construção levou setenta e oito anos. O

mármore travertino parece quase brilhar, como se houvesse luzes dentro da pedra.

Do outro lado da rua, mais uma maravilha: uma balaustrada, alguns bancos e um mirante com vista para a cidade inteira. Desviando dos carros, levamos os meninos até o parapeito. Eis Roma por inteiro: dez mil telhados, cúpulas de igrejas, torres de sino, palácios, apartamentos; um avião risca o céu lentamente da direita para a esquerda; a cidade se esparrama na planície. Vilas distantes salpicam de branco as colinas no horizonte. Abaixo de nós, até onde a vista alcança, paira uma bruma azulada — é como se a cidade estivesse submersa em um lago e uma brisa penteasse a superfície das águas.

“Isso fica a apenas cinquenta metros da nossa casa”, anuncia Shauna num sussurro.

A fonte brame às nossas costas. A cidade borbulha aos nossos pés.

Na mesma rua há uma igreja, uma pequena *piazza* e o topo de um conjunto de escadarias sinuosas. Os degraus estão gastos e brilhosos; folhas secas farfalham nas plataformas inclinadas entre os lances da escada. Eu seguro a frente do carrinho, Shauna segura a parte de trás.

— Você está pronto? — pergunta ela.

— Acho que sim. E você?

— Acho que sim.

Mas quem saberá se estamos mesmo prontos? Começamos a descer. O carrinho pesa mais de vinte quilos; os meninos, mais ou menos sete quilos cada um. Tudo parece ficar mais pesado a cada passo. Há mais ou menos vinte degraus, seguidos por quatro ou cinco rampas, seguidas por mais degraus. O suor começa a pingar pela ponta do meu nariz. As palmas das minhas mãos estão escorregadias. A qualquer momento vou deixar o carrinho escapar. Ele começará a sacolejar, ganhará velocidade, contornará uma esquina, desgovernado, e explodirá no para-choque de um ônibus.

Descemos para o desconhecido. Ao lado das rampas há estações da via-sacra. Jesus recebe a coroa de espinhos; Jesus desaba sob o

peso da cruz. Alguém deixou um ramalhete de rosas ao lado da décima segunda estação: *Em Tuas mãos, entrego meu espírito.*

Lá embaixo, uma arcada se abre para uma rua com trânsito frenético. Henry começa a chorar. Ziguezagueamos; respiramos fundo e saímos em disparada. Quase sem fôlego, Shauna diz “Frogger!” e sorri para mim, lembrando-me do jogo de computador em que um sapo tem que atravessar uma rua caótica.

O trânsito diminui. Enfiamos uma chupeta nos lábios de Henry. O bairro Trastevere é repleto de casas medievais, varais com roupas penduradas e fontes que parecem nunca parar de jorrar água potável. Carros compactos surgem estacionados em vagas mínimas. Em frente a um prédio, cerca de oitenta scooters estão enfileiradas, os guidões encostando uns nos outros; sinto a tentação de dar um empurrãozinho em uma delas para ver se todas cairão ao mesmo tempo.

Julio César viveu neste bairro. Cleópatra também. Todo romano com quem cruzamos sorri para os meninos. *Gemellini*, dizem. Pequenos gêmeos. E algo como *piccininni*. Ou será *porcellini*? Porquinhos?

Homens de terno param, se agacham sobre o carrinho e cantarolam para os bebês. Principalmente os homens mais velhos. *Che carini. Che belli*. Que gracinhas. Que lindinhos. Não atrairíamos tanta atenção se levássemos duas zebras berrando no carrinho.

Estamos perdidos. Shauna troca uma fralda em uma balaustrada enquanto eu estudo um mapa. Esta aqui é a Vicolo del Cinque? Piazza San Cosimato? Em uma loja de massas — balcão de vidro, montanhas de tortellini, metros de fettucine —, consigo comprar um quilo de ravióli de laranja recheado com abóbora e ricota, a massa coberta por uma farinha bem fina.

“*I suoi bambini... Sono belli*”, comenta o homem atrás do balcão, observando meus olhos para se certificar de que estou entendendo. Seus bebês são lindos.

Pego o pacote e saio para a rua com uma sensação de vitória. Uma brisa sopra em nós as folhinhas das alfarrobeiras no fim da viela. Nevasca dourada. Por uma porta, entrevejo uma cozinha na penumbra, panelas de cobre penduradas em uma parede caiada.

Uma mulher encapsulada numa bolha de vapor olha fixamente para a pia, o cabelo arrumado em uma complexa forma de torre.

Há sessenta horas eu estava comprando fraldas Pampers em um supermercado Albertsons em Boise. Agora estou diante do fantasma do que, dois mil anos atrás, teria sido um anfiteatro que o imperador Augusto mandava inundar de tempos em tempos para encenar batalhas navais. Olhamos lojas de roupas, uma livraria e tentamos imaginar a quilha de um trirreme imperial cortando a água acima de nossas cabeças.

Shauna pergunta: “Vamos para casa?” Num primeiro momento acho que ela se refere a Idaho. Na verdade, está apontando para trás de nós, onde os arcos verdes que compõem o Gianicolo pairam sobre os telhados. Um rio de folhas corre aos nossos pés. Afivelado ao carrinho, Owen boceja. Henry desfruta da sua chupeta.

Atravessamos correndo uma rua por onde os ônibus passam zunindo. Começamos a subir as escadarias. Não vemos gente gorda pelo caminho.



Os gêmeos são bivitelinos. O cabelo de Henry é loiro com pinceladas brancas. Os olhos são castanho-claros. A pele também é clara, e uma covinha divide seu queixo em dois. Quando tenta pegar alguma coisa, ele arregala os olhos e franze os lábios. Agita objetos de um lado para o outro — uma colher de plástico, um chocalho — para ver se fazem barulho. Quando o ar está úmido, o cabelo dele se avoluma, fofo, e bolinhas de cera de um laranja vivo surgem em seus ouvidos.

O cabelo de Owen é mais grosso, cor de noqueira. Num instante ele está inconsolável e, no seguinte, comendo potes e potes de papinha de pera, sorrindo como um louco. Ele se recusa a dormir. Acorda berrando às três da manhã. Às cinco já desperta de vez.

Shauna e eu travamos discussões sem sentido, contaminados pela falta de sono: por que será que Owen não dorme? Gases? Fuso horário? Itália? Ter um bebê é como hospedar um estrangeiro barulhento e pouco articulado e tentar adivinhar o que ele quer comer. Com Owen, começamos a acreditar que estamos deixando

escapar algo óbvio: uma farpa, uma assadura, uma alergia, algum desconforto que qualquer pai ou mãe mais experiente identificaria na hora.

— Sabe o que eu acho que está acontecendo? — pergunta Shauna. — Tem luz demais entrando pela janela do quarto.

Assim, dez minutos depois da hora em que os meninos já deveriam estar dormindo, na nossa quarta noite em Roma, desmonto caixas de fralda, subo no parapeito da janela do segundo banheiro, quase vinte metros acima da calçada, e, usando fita adesiva, prendo pedaços de papelão nas quatro folhas de vidro. Shauna arrasta o berço de Owen pelo corredor até o banheiro, encaixando-o entre a banheira e a pia. Quarto instantâneo. Apagamos a luz e o cômodo fica completamente escuro.

— Talvez agora ele durma — diz ela, com a mamadeira na mão.

Ele dorme. Nós, não. Fico acordado na cama e sinto o imenso movimento de circunvolução da Terra.



O que é Roma? Nuvens. Sinos de igreja. O pipilar distante dos passarinhos. Ontem, no Trastevere, havia uma garota de vestido preto sentada na mureta de uma fonte, rabiscando algo em um caderno de capa de couro com uma pena de escrever azul brilhante que media uns cinquenta centímetros.

Conhecemos alguns colegas bolsistas da Academia: uma especialista em épicos latinos chamada Maura, um advogado que se tornou compositor chamado Harold, uma pintora abstrata chamada Jackie. Muitos falam italiano, vários são também latinistas. Rebecca está estudando um conjunto específico de mosaicos de piso; Jessica, um mapa de 1551. Jennifer estuda como os mitos de Troia eram caracterizados nas pinturas romanas; Tony estuda as esculturas em terracota de Gian Lorenzo Bernini. Parece que Roma faz com que paixões esotéricas brotem: há acadêmicos especializados em escadarias, outros em buracos de fechadura. Um tempo atrás, um bolsista passou um ano inteiro estudando um punhado de moedas medievais; outro passou dois anos examinando o desenvolvimento urbano de Parma entre 1150 e 1350.

Conhecemos também os vários porteiros: Luca, Lorenzo e um imigrante americano grisalho chamado Norm. Depois de passar pelo último andar de estúdios, levo Henry até o telhado do prédio da Academia, talvez vinte metros mais alto do que o terraço do nosso apartamento, o ponto mais alto do Gianicolo, de onde se pode ver para além da cruz de ferro no cume da Fontanone, alto o suficiente, parece, para enxergar a mais remota borda do planeta. Anoitece e o vento nos envolve. A cidade inteira parece espectral, imaterial. Enquanto observamos, uma nuvem se divide em duas e um feixe de luz do sol atravessa o vão entre elas, pintando as cúpulas de laranja, explodindo nas laterais dos prédios, penetrando uma massa de mármore branco que acredito ser o imenso monumento em homenagem à unificação da Itália chamado Vittorio Emanuele II.

Tudo irradia felicidade. Árvores balançam ao longe, muros brilham. As montanhas no horizonte se acenderam como se postes de iluminação pública tivessem sido ligados, tudo perfeitamente delineado, permitindo que se avistem cadeias de morros ainda mais distantes.

De repente, tudo volta a ficar escuro. As nuvens se juntam novamente, as montanhas se transformam em não mais que silhuetas e Roma mergulha nas sombras.



De manhã, procuro começar a trabalhar bem cedo. Atravesso a passos rápidos o longo corredor coberto por tapete vermelho no segundo andar da Academia, passando por dezenas de portas fechadas. Atrás delas dormem acadêmicos visitantes e os bolsistas que não têm filhos: Franco, o pintor; John, o arquiteto. Destranco a porta do Estúdio Tom Andrews e abro o janelão. *História natural*, de Plínio, o guia de árvores e o livro de guerra estão na escrivaninha; dois lápis me esperam na gaveta. Algumas poucas anotações para meu romance estão espalhadas sobre a cama de armar.

Encho uma parede com fotos granuladas de cidades bombardeadas. Saint-Lô. Dresden. Hamburgo. Leio sobre ataques aliados à Alemanha, bombas incendiárias, explosões, tempestades de fogo, infernos tão famintos de oxigênio que arrancavam árvores

do chão e sugavam gente de suas casas pelas paredes. Do lado de fora da minha janela, andorinhas mergulham e mudam de direção sobre o jardim. Abro um caderno, aponto um lápis. A tinta está descascando em alguns pontos do rodapé. Uma aranha se encolhe na teia em um canto do teto.

Em algumas manhãs, isso é o máximo que consigo fazer.



Já estamos na Itália há duas semanas quando um carro mata dois pedestres a duzentos metros da nossa porta. As janelas estão abertas, e estou colocando um potinho de comida para bebê no micro-ondas quando ouço a pancada.

É um daqueles barulhos que você sabe de imediato que significam algo ruim. Ouvimos as sirenes, mais que o habitual. Descemos com os gêmeos até a calçada e observamos os caminhões de bombeiro, as ambulâncias, o cara da seguradora tirando fotos. Um pequeno Peugeot alugado está esmagado nas pedras do canto da Porta San Pancrazio, o grande arco que fica no fim da nossa rua.

Os pedestres estavam atravessando na faixa. Pais de um menino de dez anos que caminhava com eles. O motorista do Peugeot era um turista americano de setenta e poucos anos. Ele e a esposa são levados para o hospital, em choque. O menino também.

Nos dias que já passamos em Roma, atravessei esse mesmo cruzamento empurrando o carrinho com Henry e Owen três ou quatro vezes por dia. Ontem, durante um temporal, Shauna e eu paramos com o carrinho debaixo da Porta San Pancrazio e estudamos o mapa enquanto o trânsito zunia ao nosso redor.

Vá a Roma, alugue um carro compacto, dizime uma família. A qualquer instante, um instante como outro qualquer, tudo pode mudar. Talvez isso seja óbvio, mas uma coisa é pensar que tenho consciência disso, e outra é estar na cozinha e ouvir tudo acontecer.

Passo a tarde com vontade de pegar os meninos no carrinho e apertá-los contra o peito. A luz passa entre as oliveiras no jardim e, perto da padaria, a rua dos Quatro Ventos ganha vida e se enche

de folhas esvoaçantes. De noite, seguro Owen bem alto e berro “Canibal maluco”, e ele solta gritinhos agudos enquanto finjo que estou mordendo sua barriga.



Reinhold é um acadêmico veneziano que estuda registros financeiros de séculos atrás no estúdio vizinho ao meu. Tem uma barba prateada, um rosto incrivelmente amável e usa sempre calça de veludo. Em inglês, ele me conta que às vezes aparecem papagaios no jardim. Mas você precisa acordar cedo, avisa ele. Fique de olho na janela.

Papagaios? Os meninos nos acordam antes do amanhecer todos os dias; ainda não deixei de ver nenhum nascer do sol desde que cheguei à cidade. Tenho a impressão de que, na maioria dos dias, ninguém na colina Gianicolo acorda antes da nossa pequena família. A janela do estúdio de Reinhold se abre para a mesma fatia de jardim que a minha. Mas eu ainda não vi nenhum papagaio.

Folhetos pendurados no mural da Academia avisam sobre uma excursão à antiga Ostia, um tour para alguma coisa chamada Cloaca Maxima. Será que eu deveria saber o que são esses lugares? Seja como for, as folhas de inscrição para o passeio já estão cheias. Shauna e eu levamos os meninos para um almoço da Academia, seis ou sete mesas arrumadas em um canto do pátio. Estamos rodeados por acadêmicos, professores, um eminente visitante de alguma especialidade vestindo roupas amarfanhadas.

“... mas a ecologia dos sistemas formais nos jardins italianos impede...”

“... pense na religiosidade pública...”

“... é claro que Piranesi tem a ver tanto com espetáculo quanto...”

Ouçõ alguém, um classicista da Califórnia sentado na mesa atrás de nós, dizer claramente: “Você ainda não esteve no Arco Quadrifronte de Jano?”

Henry bate uma colher na mesa, Owen baba leite no queixo. Aqui, parece que estamos sempre deixando de aproveitar alguma coisa. Ainda preciso parar de chamar o Panteão de Partenon.

Estamos em Roma há duas semanas e ainda não visitamos o Vaticano.

Em vez disso, nos dedicamos a colocar banana amassada na boca dos nossos filhos. Esperamos dez minutos do lado de fora do escritório para perguntar à diretora assistente de operações da Academia, Pina, se ela conhece alguma loja na cidade onde possamos comprar protetores laterais acolchoados para os berços.



A noite de Roma guincha, ruge, troveja. Alarmes de carros, manobras de trens ao longe, Fiats com escapamento furado — às duas da madrugada, alguém debaixo da nossa janela dispara uma série de fogos de artifício; às três, o caminhão de lixo sobe a rua, para, suspende as caçambas à frente do nosso portão e depois as larga novamente no asfalto.

Nosso prédio também tem um jeito estranho de reverberar ruídos: um pé de cadeira rangendo no apartamento de cima; uma porta batendo embaixo; uma risada de garota, clara e nítida, atrás da cabeceira da nossa cama. Mesmo quando os meninos estão dormindo profundamente, desperto sobressaltado achando que os ouvi acordar.

Chacoalho o ombro de Shauna. “Eles estão chorando? Qual deles?”

Ela solta um gemido e continua a dormir.

Há seis meses, quando saíram da maternidade, os meninos precisavam ser alimentados a cada três horas: três, seis, nove, meio-dia, três, seis, nove, meia-noite. Como mamavam devagar, Shauna passava oito horas por dia com eles no peito. Owen tinha refluxo e precisava tomar gotas de ranitidina a intervalos curtos. Henry tinha que ficar ligado a um monitor de apneia do tamanho de um aparelho de videocassete, que apitava como um detector de fumaça quando a respiração dele pausava ou quando o eletrodo adesivo colado no seu peito se soltava. O médico nos mandou colocar cafeína no leite dele.

Uma ou duas vezes por noite, durante aquelas primeiras semanas como pai, o monitor de Henry começava a apitar justo

quando eu estava quase pegando no sono, ou algo parecido com sono. O cachorro se erguia, tremendo, Shauna se levantava num salto e eu me arrastava da cama pensando *ele parou de respirar, ele parou de respirar*, até ver Henry dormindo profundamente, com um eletrodo solto escondido debaixo do pijama.

Depois de um mês, as coisas ficaram de tal jeito que não sabíamos de quem tinha sido a fralda que havíamos trocado, para qual deles tínhamos dado remédio, ou mesmo que dia da semana era. Havia noites em que Owen gritava desde o crepúsculo até o amanhecer; em outras, havíamos preparado tantas mamadeiras, trocado tantas fraldas e ficado acordados por tantas horas seguidas que essas atividades passavam a se assemelhar a uma espécie de ritual sagrado. Com os olhos ressecados, eu me debruçava sobre Henry enquanto ele encarava o teto às três ou às quatro da manhã. Na minha espécie de devaneio, ele tinha um ar tão sábio e sensato que parecia uma espécie de filósofo antigo.

Ele nunca chorava, nem mesmo quando seu alarme disparava. Aninhado em seu moisés, os fios saindo pelo fundo, o monitor piscando verde, verde, verde, o corpinho de dois quilos inerte exceto pelas pálpebras, ele parecia ter entendido tudo aquilo que eu estava lutando desesperadamente para compreender: o amor da mãe, o choro incessante do irmão. Ele já estava me perdoadando por meus defeitos como pai; era resultado da destilação de uma dúzia de gerações, desde o avô do avô do meu avô, tudo concentrado em uma única chama, encapsulada e flamejando dentro das finas costelas dele. Eu o segurava no colo diante da janela e ele fitava a noite, um entremeado de veias azuis pulsando em seu pescoço, suas grandes pálpebras se fechando de quando em quando, e sobrevinha a sensação de que as amarras estavam se soltando para que nós dois pudéssemos subir suavemente, passando pelo vidro, pelas árvores e pelas camadas entrelaçadas de atmosfera, até alcançarmos o que havia para além do céu.

Em alguns momentos, eu tinha lucidez suficiente para pensar: “Isso não é normal. Eu não deveria estar tentando escrever um livro numa situação como esta.”

No verão, quando já tinham três ou quatro meses de idade, os meninos começaram a dormir melhor à noite. Quatro horas. Às vezes cinco. Houve até um ou dois episódios raros e aterradores em que eles dormiram por seis horas seguidas. Mas a essa altura já era tarde demais. Tantas noites insones haviam provocado uma pane fatal em algum frágil giroscópio dentro do meu crânio, e eu fora excluído sem nenhuma piedade do mundo das pessoas que descansam.

Enquanto eu ficava deitado na cama, acordado, o relógio ao meu lado ia marcando os minutos que se passavam: clique, respira, clique, respira, clique, e a lua ia seguindo seu caminho, atravessando as vidraças da janela. Eu me preocupava com os meninos, que podiam estar sufocando debaixo dos cobertores naquele exato momento, com o iminente lançamento do meu segundo livro, com a aproximação do mês de setembro e com a mudança para Roma. Eu também me preocupava com o fato de que estava me preocupando demais. Tentei remédios para dormir, exercícios, álcool. Tentei pensar na mesma palavra muitas vezes: *azul, azul, azul, azul, azul, chuva, chuva, chuva, chuva, chuva*. Shauna ficava com os meninos a noite inteira, oferecendo-se para ir para o abatedouro, como costumávamos brincar, mas mesmo assim eu continuava acordado, travesseiros esmagando meus ouvidos, o coração martelando dentro do peito.

A única forma de pegar no sono é parar de tentar pegar no sono. O sono é como o horizonte: quanto mais forte você rema na direção dele, mais rápido ele se distancia.

Agora nos mudamos para Roma, meu segundo livro acaba de ser lançado e está acontecendo tudo de novo. Olho para o teto, remo em direção ao horizonte e ouço o que tenho certeza de que é um bebê chorando. Caminho na ponta dos pés pelo corredor escuro e paro do lado de fora das portas dos quartos dos meninos, tentando ouvir alguma coisa. Nada. Fantasmas. Assombrações.



Nossa primeira tempestade. Raios explodem nas cúpulas das igrejas. Granizo cai estrepitosamente no terraço. No início da

manhã, o ar parece mais reluzente e puro do que nunca. A alvorada estende seus braços sobre os jardins, apagando pequenos pontos de sombra da grama, contornando as finas extremidades dos pinheiros-mansos. Os velhos muros parecem lavados, quase novos: milhares de matizes de bronze, heras entrelaçadas, alcaparreiras reluzentes.

Vamos a pé até o Vaticano. É mais perto do que esperávamos, talvez quinhentos metros ao longo da borda do Gianocolo. Passamos por uma imensa estátua de Giuseppe Garibaldi, patriota do século XIX, montado a cavalo; por dezenas de bustos de pedra dos lugares-tenentes de Garibaldi; por um hospital infantil. Descemos uma viela íngreme, nos esgueiramos sob uma arcada, passamos em frente a vários restaurantes de venezianas fechadas. De repente, a basílica de São Pedro e sua vasta *piazza* emergem aos nossos olhos: os braços da colunata de pilares; um anel de santos montando guarda em torno de sua circunferência; no centro, um imponente obelisco, que forma uma sombra pontiaguda na multidão de turistas. Os meninos estão quietinhos, olhos arregalados. Duas fontes gêmeas despejam água ruidosamente. Sinto que o ar escapa dos meus pulmões, uma inundação de sensações diferentes: o murmúrio do espaço, a luz do sol atravessando a bruma em feixes, a gigantesca cúpula da igreja que parece flutuar acima da fachada. É como se, enquanto observamos, a basílica se expandisse e inchasse, ganhando novas camadas. País, continente: a *piazza* é uma campina, a basílica, uma cadeia de montanhas. E a cidade se agita ao redor: arfante, turbulenta, caótica.

À noite comemos tortellini no terraço. Pasmos. Henry adormece nos meus braços. O céu se metamorfoseia, assumindo tons cada vez mais escuros de azul.

Isto é Roma? Ou é um sonho?

As luzes dos postes piscam. A uma quadra de nós, a Fontanone brame sobre a cidade. Quando estou arrumando Henry no berço, um solitário sino de igreja começa a ressoar em algum lugar lá fora.



Entrevistamos uma babá. Achamos o telefone dela em um site. *Filipina, com referências e experiência em cuidar de crianças, fala inglês e italiano, procura emprego para o período vespertino.* Ela bate de leve à nossa porta e tira os sapatos antes de entrar. Chama-se Tacy. Tem um filho de catorze anos que ficou nas Filipinas. Não o vê há dois anos. Usa meias azul-marinho. Em menos de um minuto já não temos mais perguntas a lhe fazer. Ela está sentada na borda do sofá e segura um copo de água com as duas mãos. O que mais devemos perguntar?

— Precisamos de duas ou três tardes por semana — diz Shauna.
— E uma noite de vez em quando. Queremos visitar algumas coisas aqui na cidade. Nem no Coliseu conseguimos ir ainda.

Tacy também nunca esteve no Coliseu. Trabalha em Roma faz dois anos. No emprego anterior, trocava fraldas de um idoso, que acabou morrendo. Gosta de comprar prata nas feirinhas de rua. Gosta de ler. Sua jaqueta de couro recende levemente a cigarro. Antes de vir para cá, era promotora comercial de uma empresa farmacêutica nas Filipinas e ficava viajando entre as ilhas. Mesmo nessa época ela já era obrigada a ficar longe do filho.

— Foi difícil para você vir para cá? — pergunto.

— Mais ou menos quinze minutos de ônibus. Não é longe.

Faço menção de esclarecer a pergunta — *foi difícil para você deixar seu país, deixar seu filho?* —, mas Shauna me lança um olhar reprovador. Por fim, acompanho Tacy pelo corredor, andando na ponta dos pés quando passamos em frente às portas fechadas para não acordar os bebês.

Ela calça os sapatos e aponta para a porta de Owen.

— Posso dar uma espiadinha?

— É um banheiro — digo, encolhendo os ombros. — É mais escuro lá dentro.

Ficamos os dois na penumbra, parados diante do berço. Owen dorme de barriga para baixo, pia de um lado, banheira de outro. As costas dele sobem e descem. A respiração ronrona.

— Espero que eu consiga este emprego — sussurra ela.

— Eu também — digo.



No Estúdio Tom Andrews, tento pesquisar diferentes ocupações alemãs, ressuscitar meus personagens, forçar a imaginação a voar para algum monte na Normandia, mas minha mente está fatigada, meus olhos parecem cheios de areia. As palavras se desgarram de suas posições na página e vagueiam, se retorcem, escorregam para as margens.

Há quem diga que, quando estava desenvolvendo os cálculos cruciais de sua teoria da relatividade geral, Einstein dormia dez horas por noite.⁴ Eu tenho que me esforçar para dormir cinco. Manchete de jornal: *Casamento e filhos podem matar a criatividade dos homens?* Um psicólogo evolucionista da Nova Zelândia defende que dois terços dos “grandes” cientistas homens fizeram suas descobertas mais importantes antes de completar trinta e cinco anos e antes de constituírem uma família.⁵ Maravilhoso. Vejamos o que Einstein diz a respeito: “Uma pessoa que não fez nenhuma grande contribuição à ciência antes dos trinta anos de idade nunca conseguirá fazê-lo.” Eu me pergunto: e se tudo isso também se aplicar a escritores homens?

Estou com trinta e um anos. Cito agora Coleridge, em uma frase de 1804, quando completou trinta e dois anos: “Ontem foi meu aniversário. Um ano inteiro se passou, mas parece que os frutos correspondem ao trabalho de menos de um mês... Ah, que pena, que tristeza... Não realizei nada!”

Não concluí nenhum trabalho de ficção desde que os meninos nasceram. Quero escrever sobre o uso do rádio na resistência francesa, mas não falo francês, nunca operei um rádio velho e não consigo imaginar como um francês falava em 1940, nem mesmo o que carregava nos bolsos no dia a dia. Quando olho para os exemplares dos meus dois primeiros livros, inclusive o romance publicado no mês passado, eles me parecem objetos estranhos, alheios; é como se os parágrafos tivessem sido escritos por um irmão perdido, um irmão com muito mais tempo disponível.

E agora surge Roma, começando a se intrometer em tudo, inundando meus cadernos: os palácios dormentes, a luz

alucinatória. *Nunca me canso das nuvens daqui, escrevi no alto de uma folha de papel, a luz sangrando por cima dos ombros delas.*

Ou isso: *Atrás de uma vitrine em Monteverde: concha fumegante sobre a bancada do açougueiro.*

Ontem rabisquei o seguinte: *Atravessando a ponte Sisto sobre o Tibre, o ar se enche de fios brilhantes. Levo as mãos abertas à testa, semicerro os olhos para ver melhor. Será que é a luz que está se dividindo? Fico observando por um minuto. Os bebês se contorcem no carrinho. Até que me dou conta: são teias de aranha, uma aranhazinha pendurada na extremidade de cada uma delas, todas flutuando sobre o rio.*

Vivo testemunhando milagres aqui: glicínias escalando muros, pedaços de céu que se intrometem nos vãos dos arcos de uma torre de sino, água jorrando sem parar de um barco de mármore semissubmerso na Piazza di Spagna. O piso de uma igreja parece ter a maciez de um corpo humano, a película que encobre uma bola de mozzarella é saborosa o suficiente para mudar minha vida. Eu deveria estar lendo sobre Vichy, colaboracionistas, resistentes, sobre as agruras da ocupação militar. Em vez disso, me acomodo no estúdio, abro a *História natural*, de Plínio, o Velho, pela primeira vez e leio passagens aleatoriamente. “Quando um edifício está prestes a desmoronar”, escreve ele, “os ratos são os primeiros a fugir e as aranhas e suas teias são as primeiras a cair.” Folheio a esmo algumas centenas de páginas: “Fazer amor pode devolver a energia a atletas fatigados”,⁶ sustenta ele, “e recuperar uma voz que esteja rouca ou áspera. Relações sexuais curam dores na região inferior, visão prejudicada, problemas mentais e depressão.”⁷

Como poderia a ficção competir com esse sujeito? Levo um caderno para o telhado da Academia e tento apenas explicar a aparência das pedras, os azuis distantes das colinas Albanas, os contornos da paisagem.

O olhar amplia o foco, vagueia, insaciável. A mente se afoga.



Entrevistamos outra babá, uma garota australiana que diz estar em Roma “para curtir”. Contratamos Tacy. Ela chega na tarde

seguinte e avisa que vai ficar com os bebês pelo tempo que precisarmos. Shauna e eu descemos para a cidade levando o endereço de uma loja de artigos infantis. Caminhamos vários quilômetros, nos perdemos duas vezes. Subimos uma avenida chamada via Nazionale, tomada por uma infinidade de lojas de camisas de seda e de sapatarias, escadas íngremes mergulhando à nossa direita, incontáveis manequins posando nas vitrines. A energia parece brotar do trânsito e dos pedestres nas calçadas; é como se estivéssemos no interior de uma célula viva, a mitocôndria gerando força, íons carregados voando das membranas, tudo se ajustando e reajustando.

Aqui, um par de leões de pedra com as patas cruzadas. Ali, uma cigana dormindo numa folha de papelão. No fim de uma viela clara, uma igreja flutua no alto de uma escadaria. Um sedã de luxo desacelera ao nosso lado, uma mão enluvada ao volante, um vestido de renda vermelho no banco de trás, um gato siamês no apoio contíguo ao vidro traseiro. Na frente de um hotel, um homem manuseia uma câmera sanfonada e dispara o flash.

Tudo parece tão velho! Tudo parece tão novo! Instantâneos de séculos passam em alta velocidade, gerações avançam aos jorros pelas ruas; velhas, carrinhos de bebê, Césares, papas, Mussolini — o tempo é um lenço brilhante tremulando diante dos nossos olhos, colunas se erguendo e se inclinando; templos subindo, afundando e subindo de novo.

Dividimos um pedaço de pizza *con funghi* tão saboroso que é impossível comer de olhos abertos: o azeite na casca tem gosto de sol e vento; então vem o queijo salgado e, em seguida, o toque de madeira do shimeji preto.

Já está escuro quando encontramos a loja de artigos infantis. Tudo é muito bacana e muito caro. Eles têm uma mochila canguru e um cercadinho no estoque. Gastamos dinheiro demais nos dois. Pegamos nossas compras, saímos para a rua e tomamos um táxi para casa.

À nossa esquerda desponta a Piazza Venezia, o centro de Roma, sem semáforos, em que ônibus disputam espaço com pedestres e um policial em pé numa plataforma rege tudo com suas luvas

brancas. No alto, as saliências do monumento Vittorio Emmanuelle II — o Vittoriano, o Altar da Pátria, uma colossal cascata de plataformas de mármore — pairam sobre nós, dez mil toneladas de mármore *botticino*. Cinquenta ou sessenta gaivotas adejam ao vento acima das carruagens posicionadas no cume, a mais de cem metros de altura em relação ao nível da rua. Elas sobrevoam em círculos abertos, sem nunca fechar as asas. Fantasmas, ou anjos.

Só quando chegamos ao nosso prédio e estamos no elevador é que nos damos conta de que tudo que sabemos sobre Tacy é o primeiro nome e o número do telefone.

A escadaria está às escuras. A porta do apartamento está trancada. Meu coração gela. Nunca mais veremos nossos filhos. Terei que conversar com policiais indiferentes, terei que aprender como se diz *sequestro* em italiano. Carregarei no bolso a chupeta de Henry até o fim da minha vida anêmica e arruinada. Terei que dizer para minha mãe: “Bem, nós a encontramos na internet...”

Shauna enfia a chave na fechadura. Avançamos pé ante pé pelo corredor. Os meninos estão sentados em um cobertor no chão com seus brinquedos. Sorriem para nós. Tacy sorri. Tudo — a mesinha redonda, as bancadas, as mamadeiras na pia — foi lavado.



Outubro vai chegando ao fim. Faz quase um mês que estamos morando na Itália. No Palazzo Senatorio, um palácio do século XII no Campidoglio, bem ao lado do Vittoriano, seiscentos dignitários de terno escuro se levantam e ouvem uns aos outros referendar a constituição da União Europeia. Cinco mil agentes de segurança, duas carretas lotadas de flores. À tarde, duas limusines BMW passam em alta velocidade, cada uma escoltada por três sedãs da polícia, sirenes tocando, luzes girando no teto, vidros pretos riscando a rua.

Pompa, poder, prestígio. Sentado no Estúdio Tom Andrews, leio os capítulos da *História natural* de Plínio. Ele é metade gênio, metade lunático. É como se Borges tivesse reescrito Aristóteles, encaixado um pouco de Thoreau e enviado para Calvino por correio aéreo para que ele fizesse uma revisão.

Plínio, o Velho, nasceu em 23 d.C.; entrou para a cavalaria e acabou se tornando comandante de um exército inteiro. Era gordinho, gostava de banhos, quase não dormia. Aos trinta e seis anos, havia completado três trabalhos: um tratado sobre como arremessar lanças montado a cavalo, a biografia de um amigo e uma história das guerras germânicas em vinte volumes. Mas *História natural* foi sua *magnum opus* e a única obra que chegou até nós. Concluída em 77 d.C., consiste de trinta e sete livros separados e aborda de tudo: geografia, cristalografia, a capacidade das hienas de trocar de gênero espontaneamente. Seu objeto de estudo é o universo, de estrelas a pólipos. Em última instância, *História natural* apresenta um panorama de um mundo antigo repleto de mitos e desinformação, mas ao mesmo tempo elegante, bem-ordenado e profundamente belo.

A cada página que viro, mais se evidencia para mim a cativante doçura de Plínio; ele é tão curioso, tão vibrante. “A gentileza natural [do elefante] em relação àqueles não tão fortes quanto ele”, escreve, “é tão imensa que, se estiver no meio de um rebanho de ovelhas, ele afastará com a tromba aquela que surgir no seu caminho, só para não esmagá-la acidentalmente.”⁸

Em outro ponto, ele se pergunta, maravilhado: “Como a natureza conseguiu achar espaço nas pulgas para encaixar todos os sentidos?”⁹

Desço até a biblioteca da Academia e encontro uma tradução integral de *História natural*. Pego emprestados tantos volumes quanto consigo carregar.



No Halloween, fantasiamos os meninos de leão e cachorro e os levamos no carrinho até a Piazza Navona, uma praça ovalada no centro da cidade, cheia de cafés e fontes. Turbilhões de luzes banham as ruas. Sombras tremulam e dançam como chamas de velas; as laterais das casas, atingidas pelo sol, brilham como brasa. Corvos (pretos, como os corvos americanos, com a diferença de que os italianos têm o dorso cinza, como se trouxessem um suéter preso em volta do pescoço) pululam pela *piazza*, bicando sobras de

lixo aqui e ali. Apesar da temperatura de vinte e seis graus, em toda parte do centro histórico romanos desfilam com jaquetas de couro. Sentamos nas escadas em frente a um prédio residencial. Shauna abre o zíper da mochila e prepara mamadeiras com as duas últimas doses que nos restam de leite em pó americano. Venezianas batem ocasionalmente, e o ruído de motores da cidade engole todo o resto.



Durante toda a semana tento me forçar a deixar Plínio de lado e mexo e remexo em trechos do meu romance. Passo meia hora mudando o nome de um personagem em quatro páginas e depois mais meia hora voltando ao nome original. A cada manhã, o gelo que se acumula sobre o rascunho do livro parece mais espesso; meu entusiasmo inicial, mais débil. A realidade subjuga a ficção. Como posso escrever sobre a França dos anos 1940 se os múltiplos rostos de Roma (a Roma de hoje, de 2004, e a de Plínio, de 77) inundam meus olhos? A frágil crosta do presente se quebra; meus pés afundam na areia movediça da antiguidade.

Meio-dia e cá estou lendo Plínio de novo. Ele é autodepreciativo; aborda em profundidade temas aos quais nenhum outro escritor romano deu muita atenção: centopeias, pinheiros-mansos, corvos. Em seu mundo, cometas, eclipses, trovões, pássaros, peixes, aranhas, figueiras, fontes naturais, espirros e tropeções são presságios de eventos futuros.¹⁰ O mel vem do ar, as borboletas nascem do orvalho, as garças se reúnem regularmente em simpósios.¹¹ Toupeiras cujos túneis ficam debaixo de casas conseguem entender o que está sendo dito acima delas.¹² Raios deixam bagres grogues, cavalos se apavoram se forem cavalgados por caminhos onde há pegadas de lobos,¹³ golfinhos “atendem quando chamados de ‘narizinhos salientes’ e gostam desse nome mais do que de qualquer outro”.¹⁴

Mas Plínio também consegue ser doce e perfeitamente sagaz. “Baleias”, escreve ele, “têm a boca na testa e, conseqüentemente, quando estão nadando na superfície da água, espirram jatos de vapor no ar.”¹⁵ Ele entende que a Terra é redonda e, com cuidado,

descreve como a luz do dia varia com a latitude. E, mil e quinhentos anos antes da invenção do microscópio, é capaz de fazer observações extraordinárias sobre insetos, especialmente abelhas.

Dependendo de como se lê, *História natural* está cheio de suposições absurdas e equivocadas e de mistificações. Porém, se vista sob outra ótica, a obra é uma janela para se entender a Roma de dois mil anos atrás. E ainda, sob outra perspectiva, é uma ode ao encantamento, à curiosidade, à dúvida.



Durante os últimos dezesseis anos, quase todo dia, registrei a lápis notas isoladas, uma espécie de diário, em um caderno espiralado. É como um treino, um exercício. Escrevo para me manter em forma. Em Boise, sento-me quase todas as manhãs diante de uma página em branco e redijo um parágrafo; só depois começo a escrever ficção. Durante este primeiro mês na Itália, eu me sento e em duas horas consigo preencher cinco páginas.

Escrevo em meus cadernos, troco fraldas, compro verduras e frutas, frito uma *pancetta* carregando uma criança nas costas. Dou uma entrevista para o *Washington Post* com um bebê encaixado na bolsa canguru pendurada no meu peito. Quando conseguimos dar banho nos meninos, finalizar a batalha para vesti-los com os pijamas e colocá-los nos berços, em geral já são sete e meia ou oito da noite. Preparamos o jantar. Lemos. Vamos dormir. Em vinte minutos Shauna pega no sono. Eu fico acordado, lendo sobre assaduras na internet e tentando decifrar os ingredientes do leite em pó italiano. *Idrolisato di caseina. Minerali enzimatici*. Será que é aconselhável dar essas coisas a um bebê?

Fico andando a esmo, entro e saio do terraço, tento desenhar árvores em um bloco de notas. No site da Fundação Nacional do Sono dos Estados Unidos, leio: "No longo prazo, a privação de sono está associada ao surgimento de várias doenças sérias, como (...) pressão alta, infarto, derrame, problemas psiquiátricos, distúrbios mentais e baixa qualidade de vida."¹⁶



Um ramalhete de margaridas murchas amarradas com fita preta, antes apoiado em um canto da Porta San Pancrazio, está caído no chão. Pego o buquê e tento reequilibrá-lo encostado à parede, mas ele volta a cair, e eu começo a temer que os motoristas dos carros que estão passando pensem que estou sendo desrespeitoso, então destravo o freio do carrinho de bebê e volto depressa para casa com o leite.

São Pancrácio: foi martirizado aos catorze anos. Sua missão no céu é se vingar daqueles que cometem perjúrio.

Dois de novembro, dia de eleições presidenciais nos Estados Unidos. Perto do meio-dia, um vento faz bater a porta do meu estúdio e ouço o barulho da plaquinha emoldurada (*Estúdio Tom Andrews, bolsista, Academia Americana de Roma, 2000*) se espatifando no piso do corredor. Abro a porta, recolho os cacos e os jogo no lixo pensando: um presságio. Plínio sussurra no meu ouvido: "Dias distintos julgam homens diferentes, e somente o último dia julgará todos os homens; por isso, não devemos relaxar em nenhum dia."¹⁷

Uma hora depois, meu editor me manda um e-mail para avisar que, no domingo, o *New York Times* vai publicar uma crítica pouco entusiasmada do meu romance recém-publicado, com a seguinte frase: "O interesse de Doerr pela natureza é tão obsessivo que a equação entre homem e natureza acaba se desequilibrando demais em favor da última, resultando numa literatura de beleza extasiante, mas estranhamente fria e não cativante, como se embalsamada em seu próprio estilo exuberante."¹⁸

Maravilha. *Embalsamar: impedir que um cadáver se decomponha, originalmente por meio do uso de ervas; hoje, em geral, por meio da injeção arterial de uma substância que evita a putrefação.* Arrasto-me escada acima, entro no apartamento e fico em pé diante da privada esperando que alguma coisa aconteça.

Seja como for, depois que os meninos dormem, após o jantar, eu efetivamente consigo pegar no sono, ou algo parecido com isso. Sonho com cavaleiros, atendentes de armarinho e um psicólogo batendo com uma caneta branca em um caderno vermelho. Por

volta das cinco da manhã, Shauna me acorda para contar que George W. Bush venceu em Ohio e na Flórida e será o presidente dos Estados Unidos por mais quatro anos.

Passam-se dez minutos e os meninos começam a chorar. Nós os pegamos no colo, andamos com eles para lá e para cá no apartamento e lhes damos leite. Henry segura meu dedo indicador e não o solta. Uma alergia em torno do pescoço de Owen se expandiu e agora cobre o peito dele, a pele vermelha e irritada.

— Presságios — digo a Shauna. — Você não tem a sensação de que tudo vai terminar mal?

Henry se acalma. O bico da mamadeira de Owen se solta e o líquido respinga em seu pijama. Ele começa a chorar de novo.

— Nem tudo — responde Shauna.



Folhas de plátano deslizam pelas ruas como páginas de algum estranho manuscrito antigo. Em uma *latteria* perto do Panteão compramos um quilo de parmesão por catorze euros. O proprietário do estabelecimento, um homem grisalho que veste um jaleco branco — um cientista do queijo —, tira nossa fatia de um bloco redondo do tamanho de um pneu. Ele explica que, para fabricar esse quilo, foram usados dezesseis litros de leite. A seguir, embrulha nosso pedaço com papel celofane e papel encerado. Agora o queijo está na nossa geladeira, vistoso, salpicado de bolinhas de cristal, como uma pedra rara em exposição. Tem gosto de noz moscada, salmoura e nata; comemos fatias dele como se fosse uma torta.

Li uma vez que o botânico Carl Linnaeus era capaz de saber a hora do dia só de observar quando certas flores do jardim se abriam e fechavam. Olho pela janela do meu estúdio, para além do tronco do pinheiro-manso. Como alguém consegue ter uma ligação tão profunda com o mundo?

Reinhold está gozando da minha cara com essa história de papagaios. Tenho certeza.



No meio de novembro, finalmente insiro nossos nomes em uma daquelas abarrotadas folhas de inscrição em passeios da Academia. Deixamos os meninos com Tacy. Partindo de um pátio em Campo Marzio, um bairro perto do Panteão, um compositor chamado Lee Hyla conduz uma dezena de bolsistas da Academia até um porão úmido e impregnado de bolor. Em grupos de três, nos revezamos para observar, de um andaime de arqueólogo, um pedaço de terra molhada cinco metros abaixo. Numa área do tamanho de um quarto pequeno, sob uma película de água, há restos de um relógio de sol de dois mil anos de idade — marcos de uma *piazza* que, no passado, teve cem metros de diâmetro.

Lee nos conta que se trata do Orologio de Augusto, um relógio de sol projetado para que a sombra de um obelisco — desde então removido e levado para a Piazza di Montecitorio, em outra parte da cidade — incidisse sobre o piso de forma a indicar a hora, o dia e o mês. Os marcos eram hastes de bronze entrecruzadas encrustadas no pavimento, e o obelisco, a exemplo de todos os obeliscos de Roma, tinha sido roubado da África e trazido em frágeis embarcações pelo Mediterrâneo.

Pense nesse relógio, todo aquele bronze queimando ao sol. Pense naquelas embarcações, com uma agulha de granito de cento e setenta toneladas atravessada da popa à proa, flutuando no mar.

Começo a entender que a Academia Americana é isto: um compositor de jazz expressionista de Boston que se dedica à observação de pássaros dando uma aula sobre relógios solares de imperadores. À noite, fico acordado lendo sobre obeliscos; o obelisco de Ramsés, o obelisco de Psamético II. A história jaz debaixo da cidade como uma grande e complicada armadura. Imperadores foram esfaqueados sob trilhos de bonde, ovelhas pastavam embaixo de supermercados. Os treze obeliscos de Roma foram derrubados, reerguidos e trocados de lugar tantas vezes que, se pensássemos num mapa imaginário com as linhas de seus deslocamentos, veríamos uma miniatura rasurada de toda a memória da cidade, uma história de poder e vaidade com a forma de um labirinto enterrado nas ruas.



Vagueio pela biblioteca e leio sobre Gian Lorenzo Bernini, escultor, pintor e arquiteto do século XVII que, aos dez anos, foi convocado pelo papa Paulo V para fazer um retrato (o papa pediu que Bernini pintasse um quadro de São Paulo e, ao ver o resultado, declarou que o menino seria o “Michelangelo de sua época”) e, aos doze, já recebia encomendas de bustos de mármore. É de sua lavra o barco de pedra que jorra água na fonte da Piazza di Spagna. Ele foi o artista mais celebrado de seu tempo, capaz de, observando uma pedreira de mármore, ver o antebraço de Netuno aprisionado dentro de um bloco, ou, talvez, um cacho do cabelo de Perséfone.

Descubro que prefiro o rival rebelde de Bernini, um ex-pupilo chamado Francesco Borromini, filho de marmoreiro, introvertido, suicida, doentamente talentoso. Bernini é educado, fino, apaixonado pelo corpo humano. Borromini é irritadiço, esquisito, mais interessado em geometria pura. Uma de suas criações, a igreja São Carlos nas Quatro Fontes, um templo minúsculo em um cruzamento escurecido pela fumaça dos escapamentos de veículos, fica a mais ou menos um quilômetro e meio do nosso apartamento: seu interior não tem nenhum adorno. Hexágonos, octógonos e cruces estão assentados na cúpula; a luz pulveriza o peso. Ao entrar, tem-se a sensação de que talvez seja possível flutuar.

Na Piazza Navona, o molhado e musculoso quarteto de deuses dos rios criado por Bernini — os dedos deles são mais grossos do que meu punho — equilibra-se na beirada de uma fonte menos de quinze metros a leste da igreja de Santa Inês: é uma espécie de grande embate arquitetônico encenado há trezentos e cinquenta anos. Bernini era dramático, astuto e bem-relacionado; teve onze filhos e reconhecia ter uma “queda pelo prazer”. Morreu rico. Borromini era difícil, brigão e estava em constante atrito com o papado. Suicidou-se em 1667, quase totalmente falido.

Estou aprendendo que, em Roma, praticamente tudo tem um oposto. Não apenas os mais famosos arquitetos barrocos, mas os gêmeos fundadores da cidade, as criptas debaixo de suas igrejas, as casinhas simples ao lado dos *palazzi*, os impérios dentro de

outros impérios. Velas serpenteiam e exibem pisos de pedras que lembram grandes molares pretos. Uma rua pode se chamar via Carini em um quarteirão e, no seguinte, se transformar em via Barrilli. “F. Torre” vira “A. Colautti”; “Perotti” vira “Marino” no meio de uma ladeira. Caminhamos pela rua dos lustres, pela rua das flores, pela rua dos fabricantes de arcos. Olho para cima e percebo que já estive aqui antes. Mesmo assim estou perdido. Três freiras em um Jetta esperam que atravessemos e observam o carrinho de bebê duplo com olhos bondosos.

— Acho que a gente devia virar à esquerda aqui — digo, abrindo o mapa, e Shauna balança a cabeça e nos conduz para a direita, na direção de casa.

Temos dias assim: voltando do supermercado para o apartamento, puxando um carrinho com vinte quilos de frutas e verduras, piso num monte de cocô de cachorro. Trinta minutos mais tarde, Shauna deixa cair um pote de mostarda, que explode no piso da cozinha, fazendo voar centenas de caquinhos de vidro melados. É preciso trocar a fralda de Henry. Owen acorda uma hora antes do previsto. Mamadeiras — uma pia cheia delas — precisam ser lavadas, e uns cinquenta brinquedos precisam ser guardados em uma caixa de papelão.

Depois que escurece, sento-me na borda da banheira no “quarto” de Owen e lhe dou a mamadeira da noite. Ele suspira, os olhos vão ficando pesados. Apoio o dedão na base do berço e, de repente, a barra horizontal da grade lateral se solta: ripas voam para todos os lados. Passo meia hora tentando colar as peças enquanto Shauna embala os dois meninos, e finalmente o berço parece firme de novo. Aninhamos nosso filho no lençol e passo a noite acordado esperando ouvir estalos de madeira quebrando.

Mas também temos dias assim: estou empurrando o carrinho de bebê quando avisto uma rosa amarela, robusta, imaculada, desabrochando no topo do muro de Aurélio, a dez metros de altura. A lua flutua acima da torre de relógio perfeita projetada por Borromini, na via dei Filippini; na praça de São Pedro, que tem o formato de uma elipse, sento-me entre pilares da colunata de

Bernini e escrevo em meu caderno debaixo de faixas de céu púrpura.

Fazemos hambúrguer com carne de vitela. Preparamos uma sopa de tomate insuportavelmente boa e jogamos duzentos gramas de queijo parmesão dentro. Bebemos garrafas de Chianti de quatro dólares. Em uma leiteria da nossa rua, compramos iogurte sabor limão embalado em potinhos com formato de sino e damos colheradas brancas e brilhantes aos nossos filhos.

Inscrevo-me em outro passeio. Dessa vez Shauna fica em casa e eu me junto a outros colegas bolsistas da Academia para subir a escada em espiral no interior da coluna de Trajano, um privilégio para o qual é necessário um *permesso*, meses de correspondências com palavras cuidadosamente escolhidas e uma imensa chave de latão. A coluna está assentada perto do Vittoriano e é composta de vinte blocos cilíndricos de mármore empilhados, cada um com cerca de quarenta toneladas, alcançando trinta metros de altura. Na parte externa, um friso de duzentos metros de comprimento sobe em espiral, detalhando várias passagens do imperador Trajano: dirigindo-se a soldados, seus inimigos fugindo de vilas, fortificações sendo alegremente construídas. A coluna é a história dele exaltada, a propaganda política, a memória pública. Terremotos, vendavais, meia dúzia de ocupações militares: em 1.893 anos, nada foi capaz de derrubá-la.

Mais um monumento ao ego que, com o tempo, tornou-se um monumento à arte, ao talento e à beleza, a exemplo dos obeliscos, do relógio de sol de Augusto ou dos arcos triunfais do Fórum. A imagem que me vem à mente não é a de Trajano, e sim a da viagem que todo esse mármore de Carrara teve que realizar: oitocentas toneladas sendo transportadas ao longo de metade da costa italiana, subindo o rio Tibre, e depois puxadas em carroças pelas ruas lotadas de gente, os cavalos tensionando todos os músculos, as cordas rangendo.

Uma pequena porta na base da coluna se abre; cinco ou seis de nós nos agachamos para entrar. Escalamos um a um na direção de uma grade no topo. Cento e oitenta e cinco degraus. O cheiro é de pedra calcária e bolor. As janelinhas, uma a cada quarto de volta

completa, permitem apenas entrever o céu. No interior há inscrições quatro vezes mais velhas do que os Estados Unidos. Até para os visitantes que as rabiscaram lá, a coluna de Trajano já era antiga. Esgueiro-me para fora pela portinhola no topo e me vejo à beira de um precipício: não é possível ver a coluna sob meus pés; à minha frente se esparramam as ruínas de vários fóruns. Tudo é solene e brilhante: os templos perdidos e os esqueletos de mercados, as pedras do Império conquistadas a duras penas se desintegrando e se reintegrando à terra de modo imperceptível.

“Penhascos sobre o mar são derrubados”, escreveu Plínio, “e a natureza é achatada. Demolimos as barreiras criadas para servir como fronteiras entre nações, e navios são construídos especialmente para transportar mármore. E, assim, nas ondas do mar, cadeias de montanhas — os elementos mais selvagens da natureza — são transportadas de um lado para o outro.”¹⁹

Eu penso: Idaho nunca será a mesma. Eu penso: talvez o brilho que existe no ar que paira sobre essa cidade venha de almas, tantas delas ascendendo desta mesma terra que se tornam visíveis, são jogadas de um lado a outro pelo vento, sopradas cinquenta quilômetros a oeste até se assentarem nas brilhantes planícies do mar Tirreno.



Dia de Ação de Graças. É o nosso primeiro desde que tivemos filhos. Gigantescas nuvens prateadas voam acima do terraço. Súbitas descargas de luz atravessam as janelas. Segundos depois, as sombras voltam. Roma: uma disputa entre sol e sombra, entre reinado e tempo, entre arquitetura e ervas daninhas. Os vencedores, é claro, serão as sombras, o tempo e as ervas daninhas. Mas nesta manhã a briga é acirrada.

Deixo que Shauna durma até mais tarde, visto os meninos em seus grossos agasalhos de lã e desço com eles pela escada. Empurrando o carrinho, passo pela Porta San Pancrazio, desço a Carini e a rua dos Quatro Ventos. É estranho ver lojas sendo abertas e usuários de transporte coletivo se apressando para

chegar ao trabalho; me dou conta que é o meu primeiro Dia de Ação de Graças fora dos Estados Unidos.

Na padaria, uma pequena vitória: não há fila. Homens colocam e tiram grandes bandejas de aço inoxidável de uma estrutura de prateleiras de metal. Peço quatro croissants e quatro pedaços de pizza *rossa*, pequenos nacos quadrados de massa, finos como papel, sem queijo, cobertos com uma película de tomate. Um padeiro se agacha e balança o dedo coberto de farinha branca, fazendo festa para os meninos: "*Buongiorno!*" Antes de sairmos, três colegas se juntam a ele e se agacham diante dos bebês, admirando-os e comentando coisas entre si.

Em vez de voltar para casa, seguimos para o ponto de ônibus. Gatos se esquivam furtivamente atrás de caçambas de lixo. Um homem rega gerânios em uma sacada. Pela janela aberta, vejo uma cozinha no andar de cima, onde uma mulher limpa cenouras com uma escova amarela.

Meia dúzia de romanos me aborda. "São gêmeos?" "Quantos anos eles têm?" "Onde você comprou o carrinho?" Metade do meu vocabulário em italiano tem a ver com artigos para bebês.

Perto do mercado de frutas e verduras passamos por um homem de mãos dadas com uma garotinha. Ela fita os meninos, admirada. O pai cochicha alguma coisa para ela quando os dois nos alcançam; ela ri; é como se lufadas de amor fossem transmitidas entre pai e filha, como uma corrente elétrica. Assim, de repente, o abismo entre mim e os italianos do bairro parece transponível: tenho vontade de seguir o homem e sua filha e de lhes fazer perguntas. Em qual desses prédios vocês moram? O que devo cozinhar com esta abobrinha que comprei? Vocês já viram o Orelógio de Augusto?

Mas não faço nada disso, e antes que eu perceba os dois já estão a um quarteirão de distância. De qualquer forma, a verdade é que o máximo que consigo fazer é sorrir e balbuciar pedaços de frases. Tento um "*Buongiorno*" para o guarda em frente a um banco e ele olha para mim com cara de bravo, belicoso e ridículo ao mesmo tempo, um imenso revólver no quadril. Alguns passos adiante, na vitrine de uma loja de vinhos, alguém pichou *BUSH GO HOME*.

Velhas barreiras reemergem: língua, cultura, tempo. Ser estrangeiro e não dominar o idioma do país é como passar por um portão e depois descobrir que ainda há outros dois a serem enfrentados.

Depois de muito esforço, consigo embarcar com o carrinho de bebê no ônibus da linha 75. A lataria retine pelas curvas que levam ao Trastevere, o motor geme ao avançar paralelo ao Tibre. Owen arrulha e murmura. Henry está com a chupeta na boca. Cerca de três paradas depois, salto com eles em um bairro chamado Testaccio, perto da estação de metrô. Toco uma campainha do lado de fora do que espero ser o cemitério protestante, um dos campos de sepulturas de uso contínuo mais antigos da Europa. Um velho abre o portão.

Dentro, há pinheiros-mansos, cercas vivas esculpidas em formato de cubo, lápides aglomeradas. A pirâmide de Céstio, túmulo de um magistrado do século I a.C., ergue-se parcialmente na parte de dentro dos muros, seus blocos revestidos de lajotas de mármore branco salpicado de manchas de tempo e líquen. Folhas amassadas voam pelas alamedas, e grandes ciprestes escuros estalam como mastros de navio.

John Keats, cujo túmulo quero conhecer, está enterrado perto do canto. Em sua lápide lê-se: Esta sepultura abriga tudo o que era mortal em um jovem poeta inglês, que, em seu leito de morte, do amargo de seu coração, sob o poder maligno dos seus inimigos, pediu que estas palavras fossem escritas em sua lápide: aqui jaz aquele cujo nome foi inscrito na água.

Keats morreu em um quartinho ao lado da escadaria da Piazza di Spagna, a pouco mais de três quilômetros daqui, perto do barco de mármore de Bernini, que jorra água perenemente. Foi em 1821; ele tinha vinte e seis anos. Fazia tempos que a tuberculose assombrava sua família.

Aqui jaz aquele cujo nome foi inscrito na água. Ele queria dizer que escrever o nome na pedra é vaidade? Que todos nós, estrangeiros ou nativos, somos, em última instância, anônimos?

As tumbas dormem pesadamente na grama. Os bebês se contorcem. Observo filas de monumentos serenos. Estamos

cercados por muros, heras, história. Um verso de um poema de Tom Andrews me vem à mente: “Os mortos têm um anzol eficaz para fisgar os vivos. O anzol é enorme.”²⁰

Pelo que vejo, Henry, Owen e eu somos as únicas pessoas aqui. O lugar é plácido, mas também inquietante; é como se estivéssemos em desvantagem na batalha entre mortos e vivos. Mais uma vez sinto, de forma aguda, que somos forasteiros, que há coisas em Roma que nunca chegarei nem perto de entender. O anzol parece se esgueirar por entre as árvores, pelo gramado. De repente, sou tomado por uma vontade intensa de tirar meus filhos do cemitério.

No ônibus de volta para casa, seguro Owen ao lado da janela enquanto toco o punho de Henry. Owen encosta a cabeça no meu pescoço e suspira. Salto em Monteverde, ajeito-os no carrinho e os deslizo para casa. No elevador, os bebês, com as cabeças cobertas pelo capuz do agasalho, sorriem para o espelho. Subimos em meio à escada. Owen tenta pegar o saco da padaria em minha mão. Henry tenta pegar as chaves.

Solto os meninos em cima da mãe. Eles riem, riem e riem. Comemos nossos croissants, bebemos suco de abacaxi de caixinha. Shauna me conta que ontem Owen bateu palmas duas vezes. Henry já consegue atravessar metade do quarto rolando.

No início da noite, estou lendo Plínio no meu estúdio quando dois papagaios verde-garrafa riscam como um meteoro o jardim logo abaixo da janela. Aparecem tão de repente que me desoriento: isto é a Itália? Ou a Amazônia? O tamanho deles me confunde: parecem duas garças gordas e verdes; tenho a impressão de que sua envergadura tem a extensão da minha escrivaninha.

Eles circundam o jardim uma vez trocando guinchos agudos, um levemente acima e à frente do outro, até desaparecerem de súbito, engolidos pelas árvores.

Por quais bênçãos devo agradecer neste Dia de Ação de Graças? Pelos meninos, por Shauna, pelas almôndegas de vitela que o açougueiro enrola em farelo de pão e embala em papel encerado? Agradeço pela música, pelo sabor de pequenas xícaras de chocolate

com café da *cioccolateria* que Shauna descobriu no Trastevere, pelo calor que emana do aquecedor ao meu lado e pela caixa de lápis feita de papel artesanal que Shauna me deu de presente há dois dias. Sou grato pelo fato de que tudo o que é doce só é doce porque uma hora acaba.

Inverno

A TERRA VIAJA em sua trajetória circular. O outono escorre para longe de Roma. Adeus, tomates; adeus, turistas. Adeus, papa-amoras; adeus, rouxinóis. E adeus também ao pequeno passarinho marrom que pousou no nosso terraço ontem e entoou algumas notas antes de seguir seu caminho. Deitado com o rosto afundado no travesseiro, imagino a revoada migratória cruzando a Europa rumo ao sul, cobrindo distâncias equivalentes à Itália inteira: andorinhas e gansos-campestres, martim-pescadores e andorinhas-de-barranco, uma onda vencendo os Alpes, obscurecendo a lua, perseguindo o sol.



A banca de verduras em que fazemos compras está localizada em uma pequena convergência de vielas chamada largo Luigi Micelli, entre a loja de ferragens e a padaria. As irmãs que tocam o negócio têm dedos curtos e gordinhos e usam botas de borracha. “*Buongiorno*”, falam elas sempre que chegamos. “*Dimmi.*” Diga-me.

Na maioria dos dias, elas contam com a ajuda de um filho, atencioso e solene, com seu avental, de tempos em tempos levando a mão ao lábio superior, como que para confirmar a existência do bigode penugento. Os três me dão uma aula sobre verduras de inverno: um tipo de couve-flor branco como algodão, outro púrpura como o crepúsculo; molhos de alho-poró com a terra ainda presa às raízes; bacias de abóbora; batatinhas esféricas que lembram luas em miniatura. Temperaturas abaixo de zero, dizem eles, melhoram o sabor das folhas de couve; o *radicchio* deve ser pincelado com azeite e grelhado em carvão aquecido. Há erva-doce disposta em pequenas pilhas. Repolho macio de folhas enrugadas. Montanhas de rabanetes. Berinjelas enfileiradas e berinjelas empilhadas em montinhos, azul-escuras, azul-violeta, algumas tão roxas que chegam a ser pretas.

Os alhos-porós estão enfileirados em feixes, como a base de uma árvore jovem com vários troncos; as alfaces de folhas vermelhas mostram-se indiferentes e silenciosas; ardem como tochas. A feira se torna especialmente luminosa em dias chuvosos: o ar fica brumoso, as bancas parecem se aconchegar umas ao lado

das outras como que para enfrentar o frio, os maços esmeralda de espinafre, as pirâmides alaranjadas de cenouras, guarda-chuvas surrados salpicados de reluzentes pingos de chuva. Então, ao meio-dia, as bancas fecham, os toldos se recolhem, os produtos do banquete são guardados. À noite, voltando a pé de um restaurante para casa, passamos por ali e tudo o que resta da feira são bancas fechadas, lixo jogado no meio-fio e o reflexo das luzes dos postes nas poças.

Esta manhã, as irmãs têm morangos silvestres, *fragoline di bosco*, gotículas vermelhas e carnudas. Dizem que foram colhidos nas colinas que vemos do telhado da Academia.

Compro uma caixa por dois euros, enfio o braço por debaixo da cobertura do carrinho de bebê e dou um morango, uma minúscula gota de luz, a cada um dos meninos. Eles os examinam antes de os meterem entre os lábios.



Em 1976, um doutorando da Universidade de Nottingham, na Inglaterra, provou que trocar letras de forma aleatória no meio de palavras não prejudicava a capacidade do leitor de compreender frases. Netsa, por exemplo, tdoa palvara ebamrahlda premeance bsicatename lgevíel. Por quê? Porque estamos profundamente acostumados a ver as letras ordenadas em determinados padrões. Porque o olho vive com pressa, e a mente, ansiosa para encontrar significado, faz suposições.²¹

Isso vale também para expressões. Um autor escreve “andar nas nuvens”, “olhar enviesado” ou “ao pé da letra” e os olhos do leitor seguem seu percurso normalmente, confortáveis com as combinações de palavras com as quais já deparou tantas vezes. Mas, na verdade, será que o leitor, ou mesmo o autor, gasta energia tentando visualizar alguém caminhando pelas nuvens ou descobrir o que exatamente é o pé da letra?

A mente tem fome de conforto; ela motiva os sentidos a reconhecer símbolos, a interpretar. Mapeia as gavetas da cozinha e as ruas do bairro; inventa uma espécie de álgebra particular das nossas vidas. Isso é útil, até mesmo essencial: *X* é o caminho para

o trabalho, *Y* é a textura de uma moeda de cinco centavos entre os dedos. Se não houvesse hábitos, a beleza do mundo nos deixaria permanentemente embasbacados. Cairíamos de joelhos toda vez que víssemos — *víssemos* de verdade — uma flor. Imagine o que aconteceria se só conseguíssemos ver uma nuvem, uma constelação ou uma nevasca uma vez a cada cem anos: as ruas virariam um pandemônio generalizado. As pessoas, milhares delas, quase todas elas, permaneceriam deitadas de costas nos campos, só para observar.

Precisamos de hábitos para enfrentar o dia, ir ao trabalho, alimentar nossos filhos. Mas os hábitos são também perigosos. De uma hora para a outra, o ato de ver pode se tornar inconsciente e automático. Os olhos veem algo — por exemplo, a casca marrom-acinzentada de uma árvore, dividida em placas verticais por fissuras; a mente na hora emite a etiqueta *tronco de árvore* e o olhar segue seu caminho. Mas será que eu de fato dediquei algum tempo para ver a árvore? Ao vislumbrar cabelos castanhos e bochechas salientes cheias de sardas, eu penso *Shauna*. Mas será que dediquei algum tempo para ver de verdade minha esposa?

“O hábito”, escreveu em 1917 o russo Viktor Shklovsky, um comissário do Exército que virou crítico literário, “devora trabalhos, roupas, móveis, a esposa e o medo da guerra.” O argumento dele é o de que, ao longo do tempo, deixamos de perceber as coisas mais comuns — palavras, amigos, apartamentos — como elas realmente são. Comer uma banana pela milésima vez é muito diferente de comer uma banana pela primeira vez. Transar com alguém pela milésima vez é muito diferente da primeira vez. Quanto mais fácil for uma experiência, quanto mais enraizada ela estiver na nossa vida, menos intensa será a sensação que ela nos provoca. Isso vale para chocolates, casamentos, cidades natais e estruturas narrativas. Complexidades se empalidecem, milagres deixam de ser espantosos. E, se não tivermos cuidado, acabamos enxergando a vida como se nossa visão fosse filtrada pelas tramas de um saco de sisal.

No Estúdio Tom Andrews, abro meu diário, observo o tronco do pinheiro-manso e me esforço ao máximo para espantar a atrofia

que sobrevém quando vemos as coisas com demasiada frequência. Tento formar algumas frases a respeito deste cantinho de Roma; tento forçar meus olhos a irem um pouco mais devagar. Um bom registro em um diário — como uma boa canção, um bom desenho ou uma boa fotografia — deve ser capaz de pulverizar o habitual, o conhecido, e fazer desaparecer a película que se forma no olho, no dedo, na língua, no coração. Um bom registro em um diário deve ser uma carta de amor para o mundo.

Saia de casa, saia do país, saia do costumeiro. Só assim as experiências corriqueiras — comprar pão, comer verduras e até dizer bom dia — voltam a ser novas.



No início de dezembro estamos conversando com Laura na lavanderia do subsolo do prédio quando ela nos avisa: se algum dia nevar, temos que correr para o Panteão, porque ver flocos de neve entrando pelo buraco no alto da cúpula muda para sempre a vida da gente.

Shauna apoia Henry no quadril e, com uma das mãos, dobra as roupas que estão em uma cesta. Ela pergunta: “Mas a nossa vida já não mudou para sempre?”

Ainda assim, todas as manhãs eu me pego me esgueirando para o terraço para ver como está o céu. Será hoje o dia? Amanhã? Mesmo consciente de que não há nenhuma lógica no raciocínio, penso que, se vir neve caindo pela cúpula do Panteão, talvez eu finalmente consiga dormir.

— Faz quatro anos que não neva em Roma — avisa Lorenzo, o porteiro. Ele está sentado na *portineria*, a cabine dos porteiros, vestindo uma parca. A seus pés, um pequeno aquecedor. — *Grazie a Dio* — acrescenta ele. Graças a Deus.

— Mas a cidade tem tratores para remover a neve? — pergunto.

Ele inclina a cabeça. As lentes dos óculos fazem com que seus olhos pareçam imensos, o dobro do que devem ser de verdade.

— Como assim tratores?

A caminho do estúdio, dou uma parada no pátio. O pedaço de céu sobre minha cabeça está prateado, turvo, e há uma película de

gelo no jasmim. A água na fonte está mais espessa e parece jorrar mais devagar, como cera de vela derretendo. Como se a qualquer momento estruturas de gelo fossem começar a se formar. Como se a qualquer momento o céu pudesse despejar alguns cristaizinhos errantes.



Oito de dezembro, dia da Festa da Imaculada Conceição. Durante toda a manhã, badaladas de sinos preenchem o ar, e uma procissão de freiras sobe a via Carini debaixo de chuva. Gralhas adejam acima do terraço, silentes e alquebradas, como reis depostos. Do lado de fora, na rua, o marido de Laura, Jon, o paisagista, arrasta um toco de árvore para seu estúdio. Celia, uma classicista, está em pé diante do portão da Academia enxugando as lentes dos óculos.

Do outro lado da cidade, perto do McDonald's na Piazza di Spagna, crianças oferecem rosas a uma Madona de bronze em cima de um pilar. O papa é tirado do carro e conduzido de cadeira de rodas até os pés dela para rezar.

A chuva aperta. À tarde, minhocas grossas como dedos se desentocam e são varridas para as calçadas pela água. São imensas, do tipo que só se vê em lojas de artigos para pesca, e provocam certa aflição. Olhando para elas, me pergunto que outras surpresas os jardins daqui escondem.

Entramos e saímos de um ônibus com o carrinho de bebê. Perto da Oviessa, uma loja de departamentos no Trastevere, um imenso cão da raça terra-nova, com cerca de cinquenta quilos, late enquanto o dono prende a guia no bagageiro instalado acima do para-choque traseiro de uma *motorino*. *Au, au*, diz o cachorro. O homem responde alguma coisa.

O cão dá uma volta em torno da scooter, cheirando. O homem acende um cigarro, põe um capacete e finalmente faz um gesto para o cachorro — um movimento quase imperceptível com o queixo. O animal salta para a pequena plataforma aos pés dele. Fios de baba pendem de sua mandíbula.

O homem liga a *motorino*. Com o cigarro ainda entre os dentes, sem olhar pelos espelhos retrovisores, homem e cachorro mergulham no tráfego na viale Trastevere. Gotículas reluzem nas pedras do pavimento, nos guarda-chuvas dos pedestres, no para-brisa de um bonde freando com um guincho agudo ao se aproximar de uma parada ao nosso lado.



A edificação mais antiga de Idaho que ainda preserva o telhado original intacto é a Missão do Sagrado Coração, localizada em uma saída da rodovia I-90, perto de Cataldo, quatrocentos e oitenta quilômetros ao norte de Boise. Foi construída em 1853 por jesuítas e por membros da tribo Coeur d'Alene. Ao vê-la pela primeira vez, o seguinte pensamento vem à mente: meu Deus, este edifício é muito velho. Doze metros de altura, nenhum prego, marcas de mãos de crianças ainda visíveis na textura do barro. A madeira utilizada era trazida de algum lugar a um quilômetro e meio dali. As pedras da fundação eram retiradas de montanhas próximas. O barro tinha que ser extraído do rio. Caramba, como era dura a vida desses caras, você pensa.

O edifício mais antigo de Roma com o teto original preservado é o Panteão, que foi reconstruído em aproximadamente 125 d.C. pelo imperador Adriano, em cima de um templo ainda mais antigo, danificado por um incêndio. Ao ver o Panteão pela primeira vez, sua mente simplesmente desmorona.

As portas têm seis metros e meio de altura e pesam oito toneladas cada. As dezesseis colunas do pórtico têm quase doze metros de altura e pesam cerca de sessenta toneladas — mais ou menos o peso de duas jamantas de dezoito rodas totalmente carregadas —, densos cilindros de um metro e meio de diâmetro. As colunas aqui não foram trazidas de algum ponto a apenas um quilômetro e meio de distância. Foram extraídas de uma pedreira no leste do Egito, arrastadas em uma espécie de trenó gigante até o Nilo, levadas a remo pelo Mediterrâneo, em chatas Tibre acima e em carroças pelas ruas de Roma. São acinzentadas, salpicadas de

mica, vítreas e frias; é impossível chegar perto delas e não ser tomado por uma vontade irresistível de tocá-las.

A abóbada do Panteão é feita de concreto e tem quarenta e três metros de diâmetro. O buraco no topo, o óculo, tem oito metros de diâmetro. Durante doze séculos, a abóbada foi a maior do mundo. Por dezenove séculos resistiu a raios, terremotos e bárbaros.

Contudo, números, dimensões, fatos... você só pensa neles depois. Quando visto pela primeira vez, o Panteão é encantamento. Assim que você atravessa a gigantesca entrada, sua atenção é atraída para cima, na direção de um pedaço circular de céu. Uma bruma flutua no interior da edificação, como uma espécie de filtro; uma coluna de luz perfura o óculo e se esparrama no chão. O espaço é ao mesmo tempo intimista e explosivo: não nos faz sentir que a espécie humana é algo desprezível e, no entanto, nos força a refletir sobre o fato de que o mundo inclui coisas muito maiores do que nós mesmos.

A pequena torre circular no cume da cúpula da basílica de São Pedro supostamente representa o olho de Deus, que tudo vê e tudo sabe, mas é irresistível sentir, no Panteão, que o verdadeiro olho está posicionado acima da sua cabeça. Você se apequena, se encolhe e estremece no limiar de um vasto reino azul.

Mil e novecentos anos: exércitos invasores, execuções e sacramentos, as fundações do templo se acomodando no terreno pantanoso, milhares de casas construídas e demolidas ao seu redor, inundações de água do Tibre três ou quatro vezes por ano ao longo de séculos... Apesar de tudo, ele continua aqui.

Sou a película de filme em uma câmera *pinhole*. Sou o feto no útero. Partículas de poeira dançam à luz do sol. Algo se acalma dentro do meu peito, algo floresce.

Todo ano, três milhões e meio de pessoas visitam o Panteão. Em dezembro, vou até lá umas seis vezes, movido pela esperança de absorvê-lo e compreendê-lo, pela esperança de que comece a nevar.²²



Em folhas de papel escrevo a lápis palavras em italiano e as lacio dentro de um Ziploc que penduro com fita adesiva na parede do chuveiro. *Ho perso il biglietto*. Perdi minha passagem. *Mi sono perso*. Me perdi. Mas não adianta nada: meu italiano continua sofrível. De marcha a ré, entro com o carrinho dos bebês na pequena mercearia, Beti, deixo-o estacionado ao lado das prateleiras de biscoito, atravesso a aglomeração de fregueses e peço molho de tomate à atendente atrás do balcão.

— *Sugo di pompelmo* — digo. — *Con basilico*. — Ela franze a testa, me olha tentando entender. Ela me conhece, acho. Já ofereceu pirulitos a Henry e Owen várias vezes. — *Sugo di pompelmo* — insisto, apontando.

Os dedos dela deslizam pelos potes nas prateleiras.

— *Sugo di carne?*

Há uns vinte potes de molho de tomate bem diante dos nossos narizes. Falo mais alto.

— *No, no. Sugo di pompelmo.*

Estou determinado a não fracassar. Ela me mostra uma lata de peras. Com gestos, indico que não. Ela segura um pote de tomates com cogumelos.

— *Questo? Pomodori? Con funghi?*

— *Ecco!* — respondo. — *Sí.*

Com cogumelos. Tudo bem, é parecido o suficiente. Ela me entrega o pote e eu pago. Só depois, quando estou de volta à via Carini, é que me cai a ficha de que eu estava insistindo em comprar um pote de molho de toranja. Molho de toranja com manjeriço.



Na ponte Sisto, construída no século XV pelo papa Sisto IV, uma dezena de africanos dispõe com esmero bolsas Prada falsas em cima de cobertores, lustrando-as e caprichando na apresentação. A seguir, eles apoiam os cotovelos na balaustrada e conversam. A lanterna no topo da basílica de São Pedro emana uma luz laranja ao longe.

Passamos por dois homens maltrapilhos rodeados por cinco cachorros. Estão agachados em torno de um fogareiro portátil sobre

o qual, em uma panela, fervem pedaços de couve-flor e uma linguiça de metro, enrolada em espiral e já rosada por causa da fervura. Diante deles, no chão, há um boné de beisebol com algumas moedas dentro.

Praticamente todos os mendigos que vimos em Roma têm cachorros: terriers, dogues alemães, uma labradora preta amamentando filhotinhos mestiços malhados. A estratégia parece clara: ponha alguns cachorrinhos sedados sobre um cobertor e escreva em um cartaz uma mensagem na primeira pessoa do plural: *Por favor, nos ajude. Precisamos de comida.*

Shauna chora toda vez que vê os cachorros. Hoje um labrador amarelo deitado em uma folha de papelão levanta a cabeça e nos observa com olhos indiferentes quando passamos. Levada pelo vento, uma folha cai e gruda no focinho dele. Instantes depois, se desgarra e torna a ser soprada para longe. Ele não está olhando exatamente para nós, mas sim para além de nós. Não tem uma das patas.

Sinto logo que Shauna está se retesando, seu lábio inferior treme. Passo meu braço em torno dos ombros dela, empurro o carrinho um pouco mais depressa, aponto para alguma coisa qualquer na extremidade oposta da ponte.



Como dois ineptos generais de baixa patente, estabelecemos rotinas para os meninos. Uma soneca às nove e outra às duas. Lanchinho da manhã. Lanchinho da tarde. Banho antes de ir para a cama. Todos os dias um ou outro pula a soneca ou adormece no carrinho muito antes do que deveria. Nenhum dos dois parece muito interessado em comida. Ambos querem ficar o tempo todo no colo. Será que ser pai é isto: não conseguir controlar nada, nunca?

Nos fins de tarde, quando está escurecendo, depois de registrar alguma coisa no diário, ler Plínio e não conseguir acrescentar nem um mísero parágrafo decente ao meu romance, saio do estúdio, volto para casa, pego o menino que estiver acordado e o coloco na mochila canguru para que veja os estorninhos.

Hoje é Owen. Saímos do apartamento e descemos a colina, chutando folhas, a estrutura do canguru estalando no frio. Ele cantarola um dó sustenido constante no meu ouvido. Fazemos uma paradinha ao lado dos pilares da Fontanone, onde a água espirra azul e gelada sobre o mármore, e cruzamos a via Garibaldi para admirar a cidade. Alguns poucos turistas enfrentam o frio. O trânsito pulsa. A vista nunca deixa de me fascinar. Roma está cor de laranja. O céu, azul como um mar profundo. Suspensa sobre as colinas Albanas, Vênus brilha em um branco pálido.

Não exatamente pretos nem cinzas, os estorninhos têm sutis pinceladas de tons de verde e violeta, como uma poça d'água manchada por uma película de óleo. Adoráveis, mas também comuns: a superpopulação de estorninhos lhes confere a fama de pássaros sujos, desprezíveis. Eles ocupam os comedouros, cobrem os bairros de excremento, comem as sementes de trigo no inverno. No entanto, no céu de Roma, se reúnem em revoadas de até dez mil pássaros, em shows de tirar o fôlego.

Hoje à noite há três revoadas. São bandos que se estendem no ar por até quatrocentos metros, dividem-se e depois tornam a se juntar. Em um minuto desenham três hélices separadas, um funil, um coração, duas echarpes caindo. Um bando desvia para perto de nós, uma cortina negra em contraste com o azul em um mergulho sincronizado — de repente, mil pássaros viram as pontas das asas na nossa direção e vão embora.

Aqui no Gianicolo, os antigos costumavam deixar postados um ou dois áugures, sacerdotes que interpretavam os sinais — na maior parte das vezes, fornecidos pelos voos dos pássaros — para determinar a vontade dos deuses. Pássaros apontando para o leste significa que é tempo de ir à guerra. Ver falcões demais, ou de menos, indica que uma inauguração deve ser adiada. Do pouco que aprendi debruçado sobre uma mesa na biblioteca da Academia, a história de Roma escrita por Lívio está repleta de bons e maus augúrios: generais mudavam planos em função deles, imperadores os ignoravam por sua conta e risco. Os textos de Plínio também estão cheios de presságios:²³ ele acreditava que os corvos

entendiam os significados que transmitiam em suas predições. Bufos-reais simbolizavam agouros medonhos;²⁴ galos de rinha eram portadores dos sinais mais eloquentes — a maneira como comiam grãos determinava se autoridades públicas poderiam abrir suas casas e que tipo de formação militar soldados deveriam assumir no campo de batalha. Esses galos, diz Plínio, “reinavam supremos sobre o império do mundo”.²⁵

No Trastevere, as luzes das ruas vão se acendendo em sequência, uma após a outra. Os estorninhos ressurgem, suspensos no azul do céu, uma bailarina de cento e cinquenta metros de altura fazendo piruetas. Tiro a mochila canguru das costas e a apoio no chão, ajeito o gorro de Owen e lhe dou a mamadeira. Pergunto-me o que ele está vendo. Talvez você conheça a história: em 1890, em Nova York, um fabricante de remédios chamado Eugene Schiefelin, que queria acima de tudo que todos os pássaros mencionados nas peças de Shakespeare fossem introduzidos na América, soltou oitenta estorninhos no Central Park. Cento e quinze anos depois, só nos Estados Unidos há duzentos milhões deles — há também fazendeiros furiosos, revoadas engolidas por turbinas de avião e histoplasnose, uma doença respiratória provocada pelas fezes desses pássaros.

Em Roma, há cerca de um milhão deles. Quando estão rodopiando acima dos telhados, quase ninguém os nota. Na frente da livraria do largo di Torre Argentina, onde quase todas as noites uma revoada realiza arabescos acima de seis pinheiros-mansos, eu normalmente sou a única pessoa na calçada que fica olhando. Os poucos romanos que prestam atenção querem que os estorninhos desapareçam. Voluntários torturam alguns pássaros, gravam o som desesperado e depois saem pela estação de trem tocando as gravações em alto-falantes.

Imagine o que os pássaros ouvem! Vozes estranhas berrando *Ai! Ai! Ai!*. Isso não parece assustá-los.

À minha frente, à frente de Owen, dez mil pássaros adejam, ascendem, flutuam. E, de repente, mergulham. Um turista na balaustrada pergunta, em inglês: “Qual deles é o líder?” Ninguém

responde. Conscientemente ou não, estamos todos aqui recebendo nossos presságios, lendo os sinais dos pássaros. A questão mais importante, a que me faz voltar para esta balaustrada noite após noite, é: por que eles fazem questão de ser tão bonitos?

Estorninhos, terráqueos. Compreendemos tão pouco. Nero tinha um estorninho que falava grego e latim.²⁶ Mozart mantinha um estorninho em uma gaiola ao lado do piano.

Na rua, ao meu lado, Owen cantarola enquanto toma seu leite. Ele explora a textura da mochila com as pontas dos dedos e pisca suas grandes pálpebras.



Penduramos uma guirlanda de Natal na porta. Compramos um pinheiro de sessenta centímetros e o transportamos por mais de dois quilômetros, equilibrado em cima do carrinho de bebê. Comemos pizza *rossa* por quilo, compramos biscoitos de baunilha tão carregados na manteiga que a gordura atravessa o saco de papel em que estavam embalados. Depois de um temporal, um arco-íris de dejetos formado por garrafas pet e bolas de futebol se forma debaixo do vertedouro ao lado da ilha Tiberina, rodopiando no meio da espuma. No Campo dei Fiori, um homem cutuca pombas pousadas no toldo de sua banca de jornal com o cabo de uma vassoura, enquanto o herege Giordano Bruno, queimado vivo em 1600 neste mesmo lugar, medita sob o grande capuz de sua estátua de bronze.

No Trastevere, estamos descendo a via della Lungaretta, uma longa viela com vendedores de canetas, pulseiras e DVDs nas duas calçadas, quando um homem apoiado em muletas nos aborda. Está interessado no carrinho de bebê: aperta os pneus, examina os cintos. A esta altura minhas respostas são automáticas.

— Então você não o comprou aqui? — pergunta ele. O pé, o tornozelo e a canela dele estão engessados.

Com a intenção de dizer “Sempre tem a internet”, me aventuro: — *Ecco sempre l’internet.*

O que, em italiano, é algo como “Aqui, para sempre, a internet.”

— Minha esposa — diz ele — está grávida de gêmeos.

— Ahhh.

Ele suspira, batendo uma das muletas nas pedras do calçamento.

— E também temos uma filha.

Traduzo para Shauna, que lhe dá os parabéns.

— É uma bênção — diz ele.

Então olha para algum ponto atrás de nós, na própria viela, sem sorrir. Parece ser o tipo de pessoa para quem até mesmo estar com o tornozelo quebrado é uma bênção. Caminhamos juntos por um trecho, seu gesso balançando para a frente e para trás entre as muletas. O nome dele é Marco. O apartamento onde mora com a esposa tem dois quartos, e eles ainda não sabem onde vão acomodar os bebês.

— Dá muito trabalho? — pergunta.

Nós rimos e dizemos que sim, dá, sim. *Molto lavoro*. Muito trabalho. Quando chegamos ao fim da viela, nos despedimos e ele entra em seu prédio, acenando.

Há uma rede de compreensão mútua, uma camaradagem silenciosa que une pais de bebês múltiplos. Dois dias atrás, uma mãe romana fazia um tremendo esforço para subir no bonde com nenéns gêmeos, um pendurado em uma bolsa tipo canguru à sua frente e o outro no braço. Ao afastar o cabelo do rosto, percebeu Henry e Owen, o carrinho e eu. Por meio segundo, nossos olhares se cruzaram. Algo no meu coração se aqueceu. Pensei comigo mesmo: aguente firme, companheira. Você não está sozinha.



Em meados de dezembro, o frio é de lascar quando se está na sombra. Os italianos praticamente não saem com as crianças de casa. Na Villa Sciarra, um parque perto da Academia, onde faunos e ninfas de pedra se equilibram, congelados, nas bacias das fontes, e dois pavões desfilam, seguidos por dúzias de pombas, dentro de um aviário cercado por tela de arame, nós frequentemente somos os únicos pais empurrando um carrinho de bebê.

Virgílio defende na *Eneida* que os antigos romanos jogavam seus recém-nascidos nas águas geladas dos rios para “endurecê-

los”,²⁷ mas, nos poucos carrinhos de bebê que vemos no inverno, as crianças estão enterradas em macacõezinhos de neve e edredons de pele de ganso; não se parecem muito com nenéns, e sim com travesseiros com cabeça, luvas e sapatinhos costurados nas extremidades. No ônibus, senhoras idosas se apressam a fechar as janelas assim que entramos com nosso carrinho. No supermercado, uma mulher vestindo uma parca até o tornozelo nos observa enquanto embalamos as compras e, apontando para os meninos, pergunta algo como “Vocês vão sair com eles *lá fora?*”.

E como ela acha que chegamos até ali? Afinal de contas, faz quatro graus Celsius, nada menos que isso. Se tiver a oportunidade, faça a seguinte experiência: pare com um carrinho de bebê na sombra no inverno de Roma. Em menos de um minuto, uma mãe italiana vai parar e alertar: “Eles precisam ser colocados ao sol.” Houve uma ocasião em que duas senhoras tiraram o carrinho de minhas mãos, empurraram-no por dez metros para o outro lado da praça e o reposicionaram elas mesmas.

De duas uma: ou Virgílio estava mentindo ou os romanos ficaram medrosos. Vestimos os meninos em blusas de malha com capuz e macacõezinhos de lã. Somos alvo de olhares horrorizados. Somos pais temerários.



Uma semana antes do Natal, deixamos os bebês com Tacy. Shauna quer brincar de entrar e sair a esmo nas linhas de ônibus que cortam a cidade. Um homem esboça caricaturas detalhadas de John Malkovich em frente a um restaurante. Uma loja de departamentos especializada em roupas para freiras e padres: casulas bordadas, estolas roxas, capas de chuva para freiras, malas para freiras. Uma padaria na via della Luce, no Trastevere, é o paraíso dos biscoitos: biscoitos em bandejas, biscoitos em caixinhas, biscoitos empilhados em travessas.

Um ônibus para à nossa frente e Shauna me arrasta para dentro dele; duas paradas depois, ela me arrasta para fora. Beliscamos barrinhas de chocolate aqui e ali. Na floreada igreja de Jesus, *Chiesa del Gesù*, datada do fim do renascimento, um trabalhador da

manutenção usando macacão sobe até o nicho do organista e aponta a lanterna para um feixe de tubos. Na via Giulia, uma grande avenida em linha reta repleta de antiquários, um homem muito idoso, de pele clara, quase leitosa, mexe no presépio da vitrine por quinze minutos, reposicionando pastores e ovelhas, ajeitando uma miniatura de moinho d'água.

No fim da tarde, saímos de uma rua movimentada, adentramos um pátio aberto, passamos por outra porta e entramos na igreja mais incrível que já vi.

A brancura chama a atenção logo de cara. Algumas das balaustradas têm detalhes dourados, mas todo o resto é branco: estrelas de seis pontas brancas, janelas brancas, galerias brancas. Imediata também é a sensação de estar em um espaço liberto, sem pilares, assentos para o coro e capelas laterais. Feixes de luz mergulham por duas das seis janelas altas. Parece menos uma igreja que um tabernáculo, menos um templo para louvar a Deus que um templo para louvar à luz.

O piso revela dois triângulos equiláteros superpostos formando uma estrela de Davi com as linhas voltadas para dentro. À medida que as paredes sobem, os segmentos dos triângulos geram uma série de convexidades e concavidades. Fico tonto, me seguro no encosto de um banco. Estamos no interior de um estômago branco como leite, olhando para cima, para uma garganta que vai se fechando.

Nosso guia de viagem informa que se chama Sant'Ivo alla Sapienza. Projeto de Borromini. Faz sentido: claramente tem parentesco com a igreja São Carlos nas Quatro Fontes. Leio em voz alta o curto parágrafo: concluída em 1660. Interior de estuque. Cúpula inspirada em antigas representações da torre de Babel.

— Só isso? — pergunta Shauna.

— Só.

Ela pisca.

— Merece quatrocentas páginas.

Sentados em um canto, tentamos contar as seis pontas da estrela no ponto em que o conjunto converge para a lanterna, mas logo ficamos meio tontos e perdemos a conta; estamos enredados

num favo de mel, presos nas moléculas de um floco de neve. Os bancos, o crucifixo, o altar diminuto — tudo parece absolutamente irrelevante. Tudo é espaço, geometria, cúpula. Nas instigantes paredes, vejo padrões: montanhas e riachos, neve voando acima de uma estrada, uma fila de escaladores subindo em zigue-zague a encosta de uma geleira. Formas surgem, desaparecem e tornam a se materializar. Sentados em nosso pequeno banco, sentimos a igreja se espiralar e se retorcer sobre nossas cabeças, um coração invernal, um tornado de gesso.

Cai a noite. Saímos inebriados. No caminho para casa, só conseguimos ver o reflexo dos nossos rostos pálidos e embasbacados na janela do ônibus.



A poeira vai se acumulando nas anotações para o meu romance. Despacho uma resenha literária para o *Boston Globe* e fico na biblioteca da Academia, sentindo o magnetismo de Roma, sua permanente inquietação, seus sonhos. Começo a escrever um registro para o diário sobre a igreja de Sant'Ivo, achando que vou gastar apenas dez minutos na tarefa de explicar o lugar para um caderno e que, em seguida, vou subir para o estúdio para trabalhar no meu texto ficcional. Passam-se quatro horas e ainda estou na biblioteca, lendo sobre projetos de construção do século XVII. Os financiadores de Borromini tinham tanta dúvida de que a lanterna em espiral no alto da Sant'Ivo permaneceria de pé que ele pessoalmente deu garantias à igreja por quinze anos. A demanda por pedras especiais era tanta que arquitetos brigavam entre si para obtê-las; durante séculos, marmoristas vinham fatiando colunas de granito e pórfiro retiradas de edificações antigas para usar como piso de igrejas.

Aqui, parece que cada época canibaliza a precedente; tudo é recuperado, reaproveitado, reciclado. Não muito depois do suicídio de Nero, a estátua de trinta e seis metros do imperador, que ele mandara erigir no salão de entrada de seu palácio de férias — uma construção com quase um quilômetro quadrado de área —, teve a cabeça reformada para se parecer com os imperadores que o

sucederam. O imponente arco do triunfo de Constantino, construído no século IV, de pé até hoje perto do Coliseu, consiste basicamente de pedras e adornos pilhados de monumentos erigidos por imperadores precedentes.

O império romano tomou para si a cultura dos gregos, a infraestrutura dos etruscos e os obeliscos dos africanos. Em 455 d.C., o povo vândalo saqueou todo o bronze do templo romano de Júpiter e o utilizou na decoração do palácio de seu próprio rei. Em 663, o imperador bizantino Constante II arrancou os azulejos dourados do Panteão e os despachou para sua própria residência, em Constantinopla. Arquitetos da renascença empregaram antigos pilares romanos para reconstruir aquedutos e desenterraram peças de travertino do império para usar nas igrejas. Em um único dia de 1452, mais de duas mil e quinhentas carroças carregadas de rochas teriam sido extraídas do Coliseu e levadas para o canteiro da obra da basílica de São Pedro. Novos templos, velhos templos.

O folheado de bronze que reveste o pórtico do Panteão resistiu novecentos e cinquenta anos a mais do que os azulejos do telhado, até que, em 1625, o papa Urbano VIII mandou derretê-lo para moldar o baldaquino do altar de São Pedro.²⁸ Consta que teria usado as sobras para fabricar oitenta canhões.

O mármore da fachada da Fontanone, na mesma colina em que moramos, veio do Templo de Minerva, no Fórum, suas colunas de mil e oitocentos anos arrastadas Gianicolo acima, as lajotas serradas em pedaços, reformadas e reassentadas. Em 1638, Bernini usou colunas das Termas de Diocleciano, do século IV, nas torres do sino em frente à basílica de São Pedro; oito anos depois, elas saíram de cena outra vez, quando as torres semiconcluídas foram demolidas.

A cidade é um turbilhão de histórias — quanto mais mergulhamos nas prateleiras e pilhas de livros, mais a espiral da história nos abraça. O sobrinho de um papa vence o sobrinho de outro papa num jogo de cartas em 1485 e usa o dinheiro para financiar a construção da Cancelleria, um palácio de três andares ao

lado do Campo dei Fiori com área equivalente a um quarteirão. Será que é verdade? Importa se não for?

Eis algo sobre o que você pode passar um dia inteiro refletindo: há pelo menos duzentas e vinte flores de gesso do tamanho de mesas de piquenique penduradas na face inferior da cornija feita por Michelangelo no Palazzo Farnese, todas voltadas para baixo, aguardando a atenção de quem se der ao trabalho de olhar para cima. Nenhuma flor é igual à outra. Quanto tempo terá sido necessário para fazer algo assim?

Mais um fato: muitos dos templos, monumentos e estátuas antigos daqui eram originalmente *pintados*. A cor da Roma clássica não era o branco, mas o azul-turquesa, o cobre claro, o amarelo-ouro: um livro de colorir de uma criança de sete anos, com templos magenta e céus violeta. Uma exposição no Vaticano intitulada “As cores do branco” apresenta um leão de pedra da maneira originalmente projetada pelo escultor: juba azul-marinho, unhas cor-de-rosa, olhos verdes. Veja um busto de Calígula com olhos castanhos e batom coral, a Vênus de Milo com sombra nos olhos e narinas carmesim. Imagine o friso em torno da coluna de Trajano: era um espectro de cento e oitenta metros de marrons e dourados, e cada soldado de trinta centímetros de altura, cada tronco de árvore, cada navio legionário, da base até o topo, era cuidadosamente pintado.

Há quem diga que São Pedro está enterrado não sob o Vaticano, mas no Gianicolo. Ou em Jerusalém. Há também quem acredite que o maior de todos os obeliscos — um décimo quarto obelisco — está enterrado em algum lugar debaixo do Panteão.

Vejo muito pouco, sei muito pouco. Nunca saberei nem um décimo de tudo. Um acadêmico seria capaz de passar uma década estudando as grimpas dos cata-ventos dos telhados de Roma, ou as arcadas, ou as portas dos batistérios. E quanto descobriria?

Há três meses desembarquei de um avião na Roma de 2004, prenehe de um romance que eu me considerava capaz de escrever. E, agora, onde estou? E quando? Pisco, respiro: as lombadas dos livros ao meu redor se agitam, tremulam, cada um deles a crônica

da mente de alguém, uma inteligência que se debruçou sobre a cidade como uma onda e, ao atingi-la, se espatifou.



Tacy toma conta dos bebês. Shauna e eu saímos para uma noite de compras de Natal. Na volta para casa, chove na praça de São Pedro, e nos esgueiramos para dentro da basílica para nos aquecermos. Os bancos estão tomados, e uma aglomeração de jovens ocupa o corredor central; talvez sejam estudantes. Seguram celulares e câmeras acima das cabeças. Flashes são disparados. Um crucifixo de metal na extremidade de uma haste flutua acima deles a caminho do altar.

Atrás da multidão, coloco nossas sacolas de compras no chão, seguro Shauna pelo quadril e a ergo bem alto para que consiga ver. Ela narra: é uma procissão. Na frente vem meia dúzia de guardas suíços em uniformes ocres e azuis; atrás deles, vêm alguns homens de terno; depois, cardeais de escarlate. As pessoas atrás de nós nos empurram, sussurrando, clicando. “*È qui*”, dizem. Ele está aqui.

Há dois anos, eu e a mãe de Shauna estávamos caminhando pela 37th Street, em Nova York, indo para um clube do livro, quando Denzel Washington saiu de um prédio e parou a menos de dois metros de nós. Do outro lado da rua, atrás de um cordão de isolamento, um grupo de mulheres começou a gritar “Denzel! Denzel!”. Ele olhou na direção delas e acenou. Durante mais ou menos um minuto, ficou estudando uma folha de papel enquanto alguém se ajoelhava e introduzia um fio pela parte de trás de seu paletó. Bem ali ao lado havia uma câmera posicionada em uma grua dobrada, parecendo um imenso inseto adormecido; mangueiras conectadas a um caminhão molhavam a calçada. Sem saber, tínhamos entrado no meio de um set de filmagem.

O estranho é que o rosto de Denzel Washington me era tão familiar que eu precisei me conter para não dar um tapinha no ombro dele e dizer: “Oi, Denzel. Sou eu. Tudo bem contigo?”

Quando o papa João Paulo II finalmente se aproxima pelo corredor da basílica de São Pedro, sinto o mesmo impulso. Ele vem carregado em uma grande cadeira estofada, e todo mundo se estica

e se equilibra na ponta dos pés para vê-lo. Enquanto me esforço para levantar Shauna ainda mais alto, consigo ver o papa, por entre dois ombros, em um relance de um segundo. Ele está a seis metros de distância, todo enrugado e com uma aparência cansada, a cabeça tombada para o lado, o queixo se esparramando sobre o peito. Seu perfil é bem-delineado e seus olhos, suaves. Uma figura absolutamente familiar. Um rosto que já vi mil vezes. Talvez até mais. Ele é papa desde que eu tinha quatro anos. Meu impulso é anunciar nossa presença: “João Paulo, sou eu! Somos nós!”

Ele desaparece. Ponho Shauna no chão. Somos apenas dois no meio de dez mil. Menos de um minuto depois, o papa é acomodado perto do baldaquino, uma forma branca em uma cadeira a cinquenta metros de distância. Alguém começa a falar um italiano rápido ao microfone e nós voltamos para a rua, onde ainda chove.



O aniversário de Shauna é no solstício de inverno. Tiro a manhã de folga. Comemos croissants e caminhamos até uma loja de artigos de vidro egípcios que um amigo recomendou a Shauna, perto do Campo dei Fiori — bancadas e mais bancadas de utensílios de vidro empoeirados, verdes, azuis, amarelos; jarras, travessas, abajures, cômodos lotados de cinzeiros. O pé-direito é baixo, os tijolos são marrons, revestidos de creosoto. As prateleiras parecem estar seguras por pregos de mais de cem anos, e de quando em quando se ouve o ruído de algo se espatifando no porão. Compramos cem florezinhas de vidro, apenas alguns centavos cada uma, para serem fixadas em uma tira de couro e penduradas nos galhos de nossa minúscula árvore de Natal.

Nas glamorosas lojas da via Condotti, pequenos arbustos decorados com luzinhas são exibidos sobre tapetes vermelhos, e tortas de chocolate e docinhos luzidios são expostos sobre tecido rendado em vitrines iluminadas. Bolsa Louis Vuitton: três mil e novecentos euros; casaco de couro Hermès: nove mil e cem euros. Vagueamos até a Piazza del Popolo, onde observamos duas senhoras idosas — seus pesos somados talvez cheguem a oitenta quilos — apoiadas nas grades e matando casquinhas de sorvete do

tamanho de um tubo de bola de tênis. Um garoto pedala em seu triciclo enquanto o pai o ajuda, puxando-o com um guarda-chuva enganchado no guidão. Acordeões soam. Na frente de um café, o aroma é de pão quente, moluscos e cerveja derramada.

Viver aqui é em parte viver num mundo de fantasia — as ruelas sinuosas, as estátuas adormecidas, o sol de inverno, pequeno e frio, fazendo aparições que obedecem ao balanço das copas dos pinheiros.



Na véspera de Natal, subimos a escada da Academia com os bebês e nos sentamos com eles no chão da grande sala de estar. A umidade em seus olhos reflete as luzes que piscam em ritmo lento na árvore de Natal. A maioria dos acadêmicos e artistas voltou para os Estados Unidos para as festas de fim de ano, e o prédio está em silêncio, privado até de fantasmas, sem passos, sem vozes atrás das portas, sem venezianas batendo. A biblioteca está trancada, os estúdios estão fechados. O Gianicolo inteiro parece dormir atrás da garoa, algumas poucas luzes bruxuleando por trás de cercas vivas, gotas de chuva escorrendo pelo vidro das janelas.

Lutamos com os garotos para colocá-los no carrinho, depois lutamos com o carrinho para descer a escada e saímos para caminhar em meio à névoa que cobre o Trastevere. Parece que só há indigentes na rua: uma menina cigana gemendo nos degraus de uma igreja, fingindo ter uma deficiência na perna; um bêbado cambaleando atrás de nós, perguntando de onde somos (“Finlândia”, digo). Luzes brilham atrás de venezianas. Henry canta suavemente para si mesmo.

Em uma igreja perto da viale Trastevere, estacionamos os meninos ao lado de uma bica de água benta e acompanhamos de pé, com nossas capas de chuva, a segunda metade da missa. A comunhão — uma hóstia banhada em vinho doce — é colocada diretamente em minha boca. À esquerda, uma estátua de Maria feita de gesso reluz sob uma coroa barata. Quando estou abrindo caminho de volta para o fundo da igreja, velas votivas queimando à minha esquerda, bancos enfileirados à minha direita, Owen olha

para mim de dentro do carrinho e abre um sorriso. Um sininho começa a badalar no meu peito.

Fim da missa. As luzes se acendem e cerca de trinta velhinhas se dirigem em fila para a saída, todas elas, uma após a outra, sorrindo para os gêmeos. *Che carini. Che belli.*



Quando Shauna estava grávida, de tempos em tempos uma enfermeira nos mostrava nossos filhos na tela do exame de ultrassom. Uma ou duas mãos, os crânios ovalados se encostando, membros espremidos se movendo suavemente de um lado a outro atrás de uma tempestade de pixels — era como se estivéssemos observando uma forma de vida bizarra no fundo do oceano. Parecia indiscutível que eles não seriam totalmente humanos: seus dedos eram ligados uns aos outros e havia apenas cavidades no lugar dos olhos. Depois de dois anos tentando engravidar Shauna, eu já estava resignado com a ideia de que a paternidade era um privilégio para outras pessoas, pessoas mais afortunadas. Eu nunca havia realmente acreditado que as coisas funcionariam como deveriam; nem mesmo depois de os exames de Shauna darem positivo ou depois de vermos, no ultrassom da vigésima semana, a criatura que chamaríamos de Henry relaxando no âmnio com os tornozelos cruzados e Owen se mexendo dentro de sua própria bolsa amniótica, vizinha à do irmão; nem mesmo depois de Shauna, por indicação médica, ter precisado ficar em repouso, e depois de passarmos a usar expressões como *assoalho pélvico* e *tampão mucoso* nas conversas do dia a dia.

Hoje — tudo aconteceu num átimo —, os bebês estão com nove meses, e este é o nosso primeiro Natal em família. Ainda me impressiona, todos os dias, que nossos filhos sejam perfeitos e saudáveis. Sempre acho que uma hora eles vão se transformar de novo em monstros submarinos ou que alguém raptará um deles.

Esta noite eles estão rastejando pelo corredor como soldados passando debaixo de arame farpado. Os olhos deles brilham. As bocas escancaradas, concentradas na tarefa.

Antes da hora de dormir, nós os colocamos na banheira e despejamos canecas de água sobre suas cabeças. Os pequenos diafragmas dos dois sobem e descem sob as costelas. Eles se inclinam nas cadeirinhas de banho de plástico, batem as mãozinhas na água e gargalham. Shauna olha para mim e diz: “A gente tem *dois filhos.*”



Manhã de Natal. Mais chuva. Estamos os quatro sentados em um cobertor ao lado da nossa modesta arvorezinha de Natal enfeitada com flores de vidro e rodeada de presentes. Presentes para os meninos, presentes dos Estados Unidos. Os que foram comprados na Itália são fáceis de identificar: estão gloriosamente embalados. Os italianos têm tanto talento para embalar presentes que seriam capazes de fazer um livro didático usado parecer a mais rara das preciosidades.

Minha cunhada nos mandou biscoitos de chocolate caseiros que, em tese, podem ser encontrados em uma padaria no bairro judeu de Roma, mas a tal padaria estava fechada nas duas vezes que fomos até lá. Devoro quinze deles.

Meu editor me mandou o livro de gastronomia *Comida e cozinha*, de Harold McGee, e eu passo a tarde lendo sobre cogumelos. Descubro que os talos e os chapéus que comemos são apenas uma pequena fração do verdadeiro organismo. Na verdade, a parte maior dos cogumelos vive debaixo da terra, em uma rede de fibras extremamente finas, a hifa, que se espalha pelo solo e acumula nutrientes. Um único centímetro cúbico de terra pode conter até dois mil metros de hifa.

Roma também é assim, penso. Uma parte imensa e essencial da cidade jaz no subsolo, os ramos de sua história compactados tão densamente, dez séculos a cada dez centímetros, que ninguém jamais conseguirá elucidá-la por completo.

No jantar, a chuva fustiga as venezianas. Os trovões são tão suaves que nem temos certeza de que são mesmos trovões. Comemos carne de porco e tomates com mozzarella. Owen rola para fora do cobertor, posiciona os joelhos e as mãos no piso e atravessa

a cozinha engatinhando, a primeira mão, a segunda mão, um joelho, dois joelhos, como se soubesse engatinhar desde que nasceu.

“Meu Deus”, diz Shauna, deixando cair o garfo. Ele olha para nós, rindo.

Damos banho nos dois e os acomodamos em seus quartos. Owen rola de um lado para o outro, um pequeno furacão, jogando-se nas grades do berço.



Ser pai de primeira viagem talvez seja como se mudar para outro país. Há um Antes e um Depois, uma Vida Antiga e uma Vida Nova. Às vezes nos perguntamos quem éramos antes. Às vezes nos perguntamos quem somos agora. Às vezes nossos pés se cansam. Às vezes nos pegamos recorrendo à ajuda de guias e manuais de instrução.

Somos lembrados das nossas limitações o tempo inteiro — lições de humildade nos aguardam em cada esquina, a cada segundo. Que ótimo que seu romance recebeu uma boa crítica! Mas você só vai poder lê-la depois que limpar o cocô do pijama do seu filho. Então você acha que está aqui há tempo suficiente para negociar descontos nas feiras? Mas não foi você que acabou de pagar oito euros por três cabides de plástico?

A cada poucos dias experimentamos novos momentos de beleza desesperadora. Estamos ao mesmo tempo mais felizes e mais esgotados do que jamais estivemos. Nos comunicamos por sorrisos, apontando para coisas e balançando alimentos no ar. Não dormimos tão bem quanto antes. Nossos planos (é possível que hoje eu tome um banho; é possível que o ônibus da linha 75 realmente passe) são frustrados com frequência. Quando acreditamos que conseguimos montar um esquema (duas sonecas por dia; Shauna descobre uma *rosticceria* que tem frango no espeto e abre aos domingos), ele desmorona. Quando achamos que já aprendemos a andar pela cidade, nos perdemos. Quando pensamos que sabemos o que vai acontecer, tudo muda.



No dia seguinte ao Natal, nós quatro acordamos devastados por uma virose. Uma pressão absurda, como se eu estivesse mergulhando a dezenas de metros de profundidade, martela a região atrás do meu nariz, espalhando dor até o fundo dos meus olhos. Shauna mal consegue sair da cama. Henry olha abatido para o nada. Owen é quem está pior. Está sentado em seu tapete, tossindo como um velho fumante. Duas cachoeiras de catarro escorrem sobre seu lábio superior. A tosse vem em sequências de três. Ele abaixa a cabeça e esfrega as mãozinhas no rosto.

É como se estivéssemos presos em um baú que vai descendo lentamente até o fundo do mar. Shauna calcula as doses dos remédios em gotas. Ligo o computador e descubro que um terremoto no Sri Lanka matou duas mil pessoas. Quinze minutos depois, a CNN informa que o terremoto atingiu a Índia e a Tailândia e que matou cinco mil pessoas. Mais tarde, são dez mil.

Tomamos xarope italiano e o gosto é horroroso. À tarde, adormeço e tenho vários pesadelos consecutivos nos quais mato os meninos por acidente: entro no prédio equilibrando Henry nos braços junto com várias sacolas de compras e o deixo cair nas escadas. Owen rola da bancada apoiada em cavaletes que usamos para trocá-lo e se espatifa na banheira. Estou segurando Henry no terraço e ele mergulha no ar. Seguro Owen à janela para lhe mostrar um pássaro e ele cai lá embaixo.

Acordo tremendo. Quando vamos jantar, o número de vítimas fatais do terremoto já chegou a vinte e cinco mil, e a rádio do Vaticano chama o fenômeno de tsunami. *Tsunami*: em japonês, "onda do porto".

Quase não dormimos durante a noite. Sentimos calor, sentimos frio. O suor se acumula em nossas roupas. Limpamos o nariz; permanecemos deitados no escuro com a sensação de que há árvores crescendo em nossas testas.

Em algum lugar do Iraque, um sargento do Exército britânico é morto. Em alguma praia de areia branca da Indonésia, mil corpos começam a apodrecer. Perto das duas da manhã, vou dar uma olhada em Owen. Ele está acordado no berço, mas sem chorar. O cabelo dele está grudado, colado na testa. Quando troco sua

fralda, o peito dele está pálido, os antebraços, frios. O termômetro informa sua temperatura: trinta e oito vírgula nove graus. De manhã, ele começa a tossir sem parar, intervalos de três tossidas seguidas por choro. Nós o carregamos no colo pelo apartamento, mostrando vários brinquedos, tentando fazer o acesso de tosse parar. Durante vinte e cinco minutos ele tosse sem pausa, exceto para respirar. A certa altura, Shauna desconecta o telefone e deixa que ele aperte os botões, o que o acalma por um tempo. Ele senta diante do aparelho, o tronco balançado delicadamente para a frente e para trás. Consigo ouvir sua respiração do outro lado do cômodo.

“É só uma tosse”, digo a Shauna. “Só uma febre.”

Mas como podemos ter certeza de que ele não está preso nas garras de uma doença fatal? De repente, parece que as sombras do apocalipse avançaram e encobriram tudo. O número de mortos do tsunami vai subindo como um taxímetro adulterado: oitenta mil, noventa mil. Não consigo tirar os olhos da tela do computador: árvores perfurando telhados, órfãos chorando em tendas improvisadas. O restaurante de um hotel é tomado por água escura. Uma tora emaranhada num tecido flutua entre dois prédios.

“Desligue isso”, pede Shauna. “Já basta.”

Assisto novamente. A tora não é uma tora. Não é uma tora.

Uma gigantesca placa basáltica, raspando a superfície da Terra a uma velocidade grosseiramente comparável à das nossas unhas crescendo, se choca com outra placa, e o choque reverbera na forma de ondas que irão afogar cem mil pessoas.

Cem mil. Metade da população de Boise. Será esse o número de pessoas que conheço? A quantidade de indivíduos que já vi alguma vez na vida? Mesmo cem mil é um número grande demais para se compreender.



O pediatra anda de Vespa. “Roma inteira está doente”, comenta ele, lavando as mãos na nossa pia durante três minutos. Diz que os meninos precisam de repouso, nebulização e mais xarope para tosse. Antes de ir embora, pergunta se podemos lhe emprestar um lenço de papel.

Como que anestesiado, Owen está sentado no colo da mãe, o remédio fazendo efeito, o vírus agindo dentro dele, todas as suas células jovens e fulgurantes lutando. Vou para o estúdio, abro um caderno e escrevo: *O vento faz as venezianas estremecerem. Você tem medo?* Não consigo ir mais longe do que isso. Passo o resto da manhã assistindo a vídeos de vilarejos devastados. Já são mais de cento e cinquenta mil mortos.

Aqui jaz aquele cujo nome foi inscrito na água. Esse aqui também. E mais um, e mais um.

A chuva respinga na janela. Viver no século XXI é isso? Meu amigo Al escreve: "Comece a juntar os animais. Eu preparo a arca." Penso que eu devia começar a manter um machado guardado num canto do quarto.

Alguém que visse nosso planeta do espaço jamais imaginaria nossos dramas humanos e o desespero vivido nos desertos, nas florestas e nos pântanos; a Terra é apenas uma cápsula altamente inflamável e explosiva de folha seca e palha, com trinta placas tectônicas flutuando sobre uma astenosfera de asfalto semiderretido. As chamas cintilantes dos desejos humanos, o redemoinho insensível que nos empurra para o esquecimento. Eis mais uma dualidade de Roma: a forma como o tempo dá a sensação de ser simultaneamente imenso e minúsculo. Um dia, somos grandiosos, estamos no centro do palco. No dia seguinte, somos um floco de neve, caindo em círculos entre as nuvens, penetrando pelo buraco na cúpula de um templo, pousando no solo e desaparecendo.

Se os quatro bilhões e meio de anos de existência da Terra fossem representados por um campo de futebol, os cem mil anos de história do homem desde a prática da agricultura seriam representados por um trecho de três milímetros perto da linha de fundo — a largura de uma folhinha de grama.

O destino é caprichoso: eu poderia ser você, lendo esta página; você poderia estar em um quebra-mar no Sri Lanka, ou preparando o jantar em Pompeia, rindo com sua filha, em seus últimos cinco minutos de vida. A todo momento o mundo nos lembra como nosso controle sobre tudo é insignificante; o vento penetrando no seu

casaco, uma pequena comunidade de bactérias escondida no seu hambúrguer.

Sair por uma porta, inspirar ou amarrar o sapato é arriscar a vida. Você se agacha e uma bala invisível e silenciosa pode passar zunindo a milímetros da sua cabeça, ou talvez ela se aloje na sua garganta. No século I, Plínio e os antigos, com seus circos, suas simulações de batalhas navais e uma população de escravos tão numerosa quanto a de cidadãos, parecia entender isso melhor do que nós. Mesmo os imperadores, muitos dos quais acreditavam ser deuses, podiam ser eliminados com tanta facilidade quanto qualquer outro indivíduo: um acesso de tosse, uma travessa de cogumelos tóxicos ou um punhal cravado nas costas.

Em 24 de agosto do ano 79 d.C., Plínio, o Velho, estava ao sul de Roma, na baía de Nápoles, quando o Vesúvio começou a exalar fumaça. Ele pediu que preparassem os navios e zarpou para Estábia, um vilarejo de veraneio à beira-mar, perto de Pompeia. “Será que ele estava com medo?”, perguntou-se o sobrinho dele. “Parece que não, pois se manteve observando os vários movimentos e formas daquela nuvem maligna, descrevendo o que via.”

O vento levou Plínio para o outro lado da baía. Uma chuva de cinzas e pedra-pomes caía sobre o cais. Ele fez anotações, formulou hipóteses sobre as causas da erupção. Em Estábia, reuniu-se com líderes locais e chegou a tomar um banho. Os prédios estremeciam e as cinzas se acumulavam nas ruas. Plínio ajudou a levar as pessoas que estavam fugindo até a orla, mas o mar tinha subido e o vento tornava impossível sair com os barcos. De acordo com seu sobrinho, ele se abrigou à sombra de uma vela, pediu água fresca e morreu asfixiado enquanto dois escravos tentavam ajudá-lo a se levantar.

É difícil não imaginar o sobrinho de Plínio, de dezessete anos, que ficara em Miseno, olhando para o outro lado da baía e imaginando qual teria sido o destino do tio. As cinzas distantes, o céu azul para além delas. Eu me pergunto qual é a diferença entre aqueles que ficam sentados e observam e aqueles que atravessam

de barco a baía. A curiosidade pode ser considerada uma forma de coragem?

“Para se protegerem dos objetos que caíam do céu, eles usavam pedaços de pano para amarrar almofadas na cabeça”, escreveu o sobrinho de Plínio. “A essa hora, estava claro em outros lugares, mas lá eles estavam no escuro, uma escuridão mais negra e espessa do que a de qualquer noite comum.”²⁹



Na noite de Ano-Novo, bebo cerveja com colegas bolsistas no telhado da Academia. Shauna ainda está doente, os meninos finalmente começaram a se recuperar e estão dormindo nos berços. Nas últimas semanas, escrevi pouquíssimas páginas do meu romance de guerra. A lua se ergue sobre as colinas Albanas, imensa, assimétrica e vermelha. Dez minutos antes da meia-noite, fogos de artifício começam a riscar o céu, disparados em todos os bairros — no centro histórico, no Trastevere, nos subúrbios, no Castelli Romani e nas colinas mais distantes. São pequenas flores verdes e vermelhas, mil explosões abafadas. Janeiro: mês de Jano, deus romano dos portais e das arcadas, deus das mudanças, deus do dualismo. É ele quem cuida da fronteira entre campo e cidade, protege colheitas e nascimentos. É a mascote da Academia Americana. O Gianicolo tem esse nome em sua homenagem.

Na Indonésia, ainda há carros pendurados em árvores e pessoas bestificadas dormindo em escombros; aqui em Roma, restos de rojões usados são chutados para o meio-fio, Peter Pan atravessa voando a Piazza del Popolo e sombras de pessoas passam em frente à Academia, de mãos dadas, ora nos espiando, ora admirando a cidade lá embaixo.

A caminho de casa paro em frente à escada. Impondo-se sobre a entrada da Academia, há uma imagem entalhada de Jano, com suas duas faces: uma na frente e outra na parte de trás da cabeça. Acima da silhueta dos prédios, as bases das nuvens estão pintadas de um tom de cobre reluzente. À minha direita está o estúdio de Jon Piasecki, salpicado de tocos entalhados, galhos pintados e pedras que ele furou. À minha esquerda está o estúdio de Georg

Stoll, impecavelmente limpo, todo branco, com meia dúzia de tigelas de gesso obstinadamente polidas sobre mesas.

Três metros acima de mim, Jano espia os estúdios de George e Jon, o Trastevere e o Vaticano, o passado e o futuro. Mais dialética, mais pares.

Lorenzo já encerrou seu turno e foi embora. Tenho que pular o muro de quase dois metros ao lado do portão para chegar em casa. As fagulhas de um rojão caem lentamente sobre os pinheiros.

Detesto ver meus meninos doentes. Como a gente nunca os viu se recuperarem, não é tão fácil nos convenceremos de que conseguirão melhorar.



No dia 4 de janeiro, meu segundo livro é lançado no Reino Unido, e meu editor me leva para Londres. Os Alpes deslizam ao longe lá embaixo, resplandecentes de neve, uma topografia de saliências e vincos. No banheiro do avião, as toalhas de papel estão sinalizadas como *Tissues* e no botão da descarga está escrito *Press here to flush*. A comissária de bordo me cumprimenta com um “*Buongiorno*” e me pergunta, em inglês impecável: “O que você gostaria de beber?”

Em vez de reconfortado, fico frustrado. É o mesmo enfado que sinto quando entreouço conversas de americanos em Roma e um deles diz algo como “Ah, sim, já estive em St. Kitts”. Sei que sou um deles, pouco mais do que um turista, mas a ida a Londres, onde as pessoas falarão comigo em inglês, onde poderei ouvir e entender as conversas dos outros de novo, depois de uma estação e meia rodeado de italiano, sinto que estou trapaceando. Como se a vida não devesse ser assim tão automática, como se nós, americanos, precisássemos ser sempre lembrados disso.

Neste momento Shauna deve estar colocando os meninos no berço para a soneca matinal. Penso nesta manhã, Owen se arrastando no piso de madeira da sala de estar da Academia, Shauna e eu sentados em um baú antigo tomando *macchiati*, o corpinho de Owen rastejando na madeira, as palmas das mãos o impulsionando na direção de uma colher caída no chão, da lareira,

do cadarço do sapato da mãe. Ele passa os dedos sobre a face entalhada no baú e solta gritinhos de alegria.

“É um segundo nascimento”, é o que diz Maria Montessori sobre o momento em que uma criança consegue se movimentar e se distanciar da mãe por conta própria. Com efeito, Owen parece uma nova criança; só chora em raras ocasiões e está constantemente dedicado a ir para algum lugar.

O 767 sacoleja de leve, os imensos monitores de TV desligados, comissárias e comissários de bordo mexendo em seus carrinhos. A França está encapsulada por nuvens de vapor. O céu passa flutuando.



Retorno cinquenta horas depois. Agitação e escuridão no bairro Monteverde. A banca de jornal, a pizzaria, o bar da esquina — filho na máquina de cappuccino, pai no caixa, ambos com chapéus de papel na cabeça. Tudo isso vai passando e ficando para trás. É estranho cruzar, em menos de um minuto, no banco traseiro de um táxi, esses quinze quarteirões que são palco do nosso dia a dia e por onde eu só tinha passado a pé.

Subo correndo a escada até o apartamento, mas todo mundo está dormindo. Dou uma espiada em Henry e Owen, preparo uma xícara de chá e saio para o terraço. Há poucas estrelas. Minha respiração voa junto com as nuvens brancas. Londres me pareceu tão civilizada e moderna com seus rostos pálidos, suas avenidas retas, seus restaurantes de fast-food, seus cumprimentos polidos e seus “com licenças”. É claro que Londres é uma cidade antiga, mas, para mim, vindo de Roma, pareceu redecorada e jovial, sem madeiras antigas rangendo nem restos de edificações desmoronadas, não tão lúgubre nem tão detonada. Starbucks e KFCs reluzindo nas esquinas. Todos os cardápios em inglês, todas as placas inteligíveis. E aqui? Eu poderia morar vinte anos em Roma e nunca teria certeza absoluta de que não deixara de perceber alguma avenida extremamente importante, margeada por árvores, a dez quadras do nosso apartamento. O fascínio de Roma está em seu quebra-cabeça: sua paciência, sua estratigrafia, a lama do

Tibre aglutinando o passado, o vento que traz a poeira da África, a chuva que engole ruínas, o peso acumulado de séculos compactando tudo, transubstanciando todas as pedras em uma só.

Por alguma razão, hoje à noite quase consigo assimilar que faz sentido a ideia de que o universo está em expansão, tempo e espaço se esticando, a galáxia girando em um turbilhão de dimensões cada vez maiores; as estrelas que reluzem palidamente sobre este terraço, mais velhas do que os fundadores de Roma, mais antigas do que os dinossauros, há muito extintas, não passam de cápsulas de carbono em lenta combustão, impossivelmente pesadas.

No entanto, seguem cintilando, como faróis de um passado distante.



Dias de cachecóis e parcas. Dias de objetos demais em bolsos demais — uma mamadeira em um bolso traseiro, mais uma no outro. Caneta, carteira, livrinho de frases, chaves, manta para os meninos pendurada no ombro, bloco de anotações e prendedor de cédulas de dinheiro, canguru amarrado ao meu peito com Henry dentro, Owen balançando no meu braço esquerdo, os dedinhos no meu cabelo, o queixo empinado — um glutão furioso. Entre meus dentes, uma carta, já com o selo, para jogar na caixa do correio. Saco de lixo para reciclar pendurado no pulso. Será que peguei uma chupeta? Trouxe o protetor contra chuva para o carrinho?

Nos Estados Unidos, praticamente toda vez que alguém nos abordava na rua ou na mercearia era para apontar para o carrinho e dizer: "Gêmeos? Devem dar um trabalho danado." A intenção era boa, tenho certeza, mas é muito desanimador ser lembrado o tempo todo de algo impossível de esquecer. Prefiro as mães italianas, que se debruçam sobre o carrinho e sussurram "Que lindo", o sorriso das crianças que passam por nós, o velho romano que hoje nos parou, sorriu para Henry e Owen, apertou minha mão e disse, curvando-se: "*Complimenti.*" Meus cumprimentos.



Em meados de janeiro, a mãe de Shauna chega a Roma. Na sua segunda manhã aqui, ela topa sair do hotel e vir nos visitar às sete da manhã para cuidar dos meninos. Shauna e eu tomamos nosso suco num só gole, pegamos o ônibus da linha 115 para a basílica de São Pedro e atravessamos a enorme *piazza* vazia, tudo molhado de chuva, as fontes jorrando, a fachada da basílica cinza e coberta de sereno.

Caminhamos rente aos muros do Vaticano e entramos em uma parte da cidade que ainda não conhecíamos. Lojinhas apregoam pirulitos em forma de papa e Virgens de plástico; uma padaria vende doces em forma de mitras papais.

Antes das oito já estamos na fila para entrar nos museus do Vaticano. Vinte minutos depois, os guarda-chuvas à nossa frente começam a avançar; damos sorte na escolha da cabine de detector de metal e do guichê de venda de ingressos, passando à frente de grupos de turistas de aspecto sonolento. Atravessamos uma arcada e disparamos por um corredor interminável; as janelas do lado esquerdo se descortinam em um pátio gigantesco e melancólico, as tapeçarias ficam para trás, os cento e vinte metros do Salão dos Mapas ficam para trás, o Salão das Máscaras e o Salão das Musas ficam para trás. Guardas nos observam, perplexos. Em pouco tempo já não há mais ninguém à nossa frente, apenas uma sequência de galerias e o exterior taciturno dos prédios do Vaticano assomando nas janelas. Depois de mais ou menos três minutos correndo, atravessamos as Salas de Rafael, alcançamos uma derradeira escada onde se concentra um bando de guardas, quase todos ao celular, e descemos para entrar, sozinhos, na Capela Sistina.

É mais escura do que eu imaginava. Mais simples e mais velha também. Cheira a jornal bolorento.

Quatro anos de trabalho, oito horas por dia deitado de costas. Mergulhados no silêncio, imaginamos Michelangelo, orelhudo, nariz quebrado e canhoto. Jovem quando pintou o teto, velho quando pintou a parede do fundo, andando aqui dentro em uma manhã de garoa como esta, arrastando-se pelos corredores em suas botas de pele de cachorro, o gesso molhado a esperá-lo, a abóbada silenciosa. Inspire fundo, volte ao trabalho.

Por cinco minutos, Shauna e eu somos os únicos dentro da Capela Sistina. Até que chega outro casal, ofegante. Um grupo de turistas entra por uma porta que eu nem tinha notado. Ainda assim, há menos de vinte pessoas. Shauna e eu nos deitamos em um banco sob *A embriaguez de Noé* e sussurramos.

O teto nos obriga a inclinar a cabeça para trás até onde o pescoço permite, os olhos hipnotizados nas órbitas. Mais que qualquer outra coisa, vou me lembrar dos pés de Jonas, a trinta metros de altura, musculosos e arqueados, pendurados acima do Juízo Final, o corpo dele retorcido no trono, a expressão de absoluto espanto perante o milagre de sua própria existência e perante a obra no teto acima dele.



Para aprender a se orientar em um lugar, é preciso se perder nele. O inverno de Roma é feito de dias curtos como um suspiro, de pedra calcária e de sombras: a luz perfura frestas de venezianas fechadas como se houvesse pilhas de ouro acumuladas do outro lado. Em uma vitrine em Campo Marzio, não muito longe do Orelógio de Augusto, duas mil gravatas de seda, cada uma em seu escaninho, brilham como aves tropicais. Em San Lorenzo, a leste da estação de trem, bebemos chocolate quente denso como petróleo. Na Escada Sagrada, a menos de um quilômetro do Coliseu, onde é tradição peregrinos cristãos subirem vinte e oito degraus de mármore de joelhos, vemos um homem colocar folhas de jornal dobradas sob as rótulas enquanto sobe.

Rios de carros correm a cidade, fluindo livremente aqui, travando em congestionamentos ali. Shauna tira outro lenço de papel da bolsa. Dizem que passar um dia caminhando pelas ruas de Roma equivale a inalar dezoito cigarros.³⁰

De manhã, vou à feira com os meninos. Uma mulher passa por nós fumando. Passam mais duas, também fumando. Um homem de terno e gravata acelera sua moto, com pneus dentados e amortecedores imensos, enquanto espera abrir o sinal.

Não surpreende que o papa viva entrando e saindo do hospital. Penso nos brônquios de dez meses de Henry e Owen, fulgurantes e

rosados; penso em João Paulo II, oitenta e quatro anos de poluição italiana e polonesa passando pelos anéis da traqueia.

Na praça de São Pedro, repórteres fumam e apontam as câmeras para os fiéis. *Você está rezando por Sua Santidade?*

Estou? Quando a brisa arrefece e a luz é propícia, é possível ver, do alto do Gianicolo, a camada de poluição: um cinturão azul e dourado pairando acima das igrejas.

O jornal anuncia as mais recentes medidas para combater a poluição: Às quintas-feiras, a cidade de Roma restringirá o trânsito dentro da *fascia verde* a carros com placas com final ímpar ou par. A partir de 13 de janeiro, se seu carro tem placa com final par, você não poderá circular entre nove da manhã e meio-dia e entre três da tarde e sete da noite. Na quinta-feira seguinte será a vez dos carros com placas ímpares. E assim por diante, alternando entre pares e ímpares até 31 de março.

As regras são tão confusas e enlouquecedoras que chegam a ser quase bonitas. As coisas são assim em Roma. Moramos aqui há quatro meses e eu ainda não sei quando devo ou não pagar pelo café em um bar.

Veja isto: dez anos atrás, uma Madona em gesso que decorava um jardim em Civitavecchia, um vilarejo ao norte da cidade, chorou lágrimas de sangue. Na semana passada, um jornal publicou o relatório de "uma equipe de peritos médicos, religiosos e científicos" que estudou o caso e concluiu que o evento foi "sobrenatural, já que não há explicação científica para as lágrimas".

Roma é um espelho quebrado, a alça caída de um vestido, um quebra-cabeça de complexidade espantosa. É um iceberg flutuando debaixo de nosso terraço, seu lastro totalmente oculto sob a superfície.

Um homem de terno, botas revestidas de pele e óculos escuros espelhados passa por mim. Um garotinho usando um gorro com a inscrição *Versace* passa por mim. Uma mulher de luvas segurando uma partitura com o nome de Mozart no cabeçalho esbarra no meu ombro. Esta é a cidade em que banqueiros da renascença serviam sopa de língua de papagaio. É a cidade onde os antigos etruscos

podem ou não ter realizado orgias com mil pessoas, a cidade onde virgens vestais “culpadas” de ter relações sexuais eram sepultadas vivas em túmulos com comida suficiente para não morrerem imediatamente, e onde espectadores de decapitações apostavam quantos jatos de sangue seriam expelidos por um corpo sem cabeça.³¹

Crucificações, mortes na fogueira, entranhas extraídas por turbas. Em *História romana*, Dião Cássio, senador e historiador do século II, conta a história de um rico romano de nome Vedius Pollio, que possuía grandes reservatórios de água salgada cheios de moreias “treinadas para comer homens, às quais ele costumava lançar os escravos que desejava matar”.³² No Trastevere, Santa Cecília foi esaldada em vapor durante três dias em 230 d.C., antes de ser enfim decapitada. Um século depois, São Jorge foi torturado em uma gigantesca engrenagem que esticou seus músculos até arrebentarem e, depois, foi forçado a vestir sapatos em brasa, mas mesmo assim não morreu. Mil e trezentos anos depois disso, um dos governadores de Cesare Borgia queimou um pajem, espetado como um porco sobre uma fogueira. Um papa começou a obrigar judeus a correr pelo Corso na frente de cavalos, e outro mandava pendurar orelhas de hereges nas portas. E, na verdade, o que era heresia? Uma pergunta fora de hora? Apontar uma luneta para uma estrela?



Pela internet, alugamos por uma semana uma casa de campo perto de Todi, uma cidade na Úmbria, duas horas ao norte. Alugamos também uma minivan chamada Picasso, cujo preço de locação é quase igual ao da casa. Para pegar o carro, preciso assinar sete formulários diferentes. Em seguida, dirijo lentamente para casa, buzinas me seguindo ao longo de todo o percurso.

Carrinho, fraldas, cadeiras para alimentação, duas cadeirinhas para o carro. Duas sacolas de supermercado cheias de potes de comida para bebê. Macacões de inverno, casacos, uma bolsa só de pijamas de lã. A mala contendo minhas roupas e as de Shauna fica por último, arrumada à beira da displicência. Quando estamos

iniciando a viagem, passamos devagar pela Academia e vemos Lorenzo sair correndo de sua guarita.

— Você vai dirigir? — Ele olha para os bebês no banco de trás e ajusta os óculos. — Já fez isso antes?

— Desde que eu tinha dezesseis anos.

A expressão dele é séria, severa. Concluo que ele é um dos homens mais gentis que já conheci.

— Os romanos não dão seta antes de virar — avisa ele.

Avançamos por Monteverde. Carros e vans passam por nós dos dois lados. Logo estamos na nova Roma: outdoors e cones de sinalização de obras, um hotel Hilton, uma concessionária de tratores, condomínios, torres de vidro e de aço rodeadas por massas de carros reluzentes. Shauna decide deixar de lado o mapa e passa a avisar os números das saídas que devemos pegar na estrada por instinto. Descubro que dirigir fica mais fácil se eu fingir que estou jogando videogame.

Estatística: a chance de morrer nas ruas e avenidas de Roma é cinquenta vezes maior do que em estradas de Los Angeles ou Londres. Romanos são famosos por adorar crianças, mas, se você passar cerca de três minutos em uma calçada, é provável que veja uns dois garotos de catorze anos zunindo em alta velocidade em suas Vespas, sem capacete.

A viagem no Picasso segue impecável: conseguimos até fazer um retorno sem provocar um acidente. A bagunça do trânsito se dissipa. Vinhedos recobrem as colinas irregulares. Aqui e ali, há pequenos carvalhos ainda com folhas. Olivais esculpem morros, um trem entra e sai de um túnel. Uma BMW passa zunindo por nós, talvez a mais de duzentos quilômetros por hora. Os meninos deixam cair pedacinhos de cereal sobre o banco traseiro e tagarelam “Ma, ma, ma, ma”.

A casa que alugamos é de pedra e fica em um terreno de doze mil metros quadrados. Está quase escuro quando chegamos. No andar de cima, enchemos uma banheira com água barrenta, damos banho em Owen e Henry e os colocamos para dormir em berços que antes tinham cocô de rato, já meticulosamente removido por Shauna.

Lá fora, a Via Láctea é deslumbrante, branca. A casa parece gigantesca para nós, tem mais ruídos e estalos que um trem de carga, vários quartos enormes e um monte de móveis velhos. Eu tinha esquecido como é morar num lugar assim, com um forno de verdade e uma estante lotada de livros, pilhas de travesseiros e cobertores, duas mesas de jantar, uma bancada central na cozinha, peitoris, três lareiras. Eu tinha esquecido como é estar mergulhado no silêncio.

A cama é macia. Cortinas claras cobrem as janelas. O silêncio é tão absoluto que consigo entreouvir os galhos das árvores batendo uns nos outros lá fora.

“Quero uma casa”, anuncia Shauna.



A Úmbria é enevoada e azul em janeiro. As roseiras estão peladas. Folhas secas tremulam em pequenos carvalhos e lascas de oliveiras sujam o solo dos pomares.

Começa a nevar uma hora após o amanhecer. Flocos vestem os galhos e pedaços de árvore caídos como raspas de vidro. O vale abaixo da casa se pintou de um branco luminoso; três luzes brandas cintilam ao longe, sob nós. O sol nasce e incendeia as colinas. Depois do café da manhã, construímos uma barricada de travesseiros e cobertores na sala para cercar os meninos; escondemos os fios dos abajures e os instrumentos da lareira. Eles ainda não andam, mas já conseguem engatinhar e parecem atingir a estonteante velocidade de trinta quilômetros por hora. Levantam-se apoiados em cadeiras e irrompem pelas débeis fortificações que erguemos como se fossem tratores desgovernados. De quando em quando, ouve-se o perturbador baque de algum objeto pesado que foi derrubado; segue-se uma longa pausa — provavelmente para tomar ar — enquanto corremos até eles, pensando: pode ser que, desta vez, ele não chore. De repente, o grito explode.

Comemos frango assado, batata assada, lombo de porco, torta de maçã. É a primeira vez que usamos um forno desde que chegamos à Itália.

Aqui na Úmbria, talvez até mais do que em Roma, começa a ficar mais claro que a Itália abriga humanos desde tempos imemoriais. Aonde quer que vá, você se deparará com pomares, casas de fazenda e ruínas existentes há muitos séculos; tenho a sensação de que é possível desencavar o passado com a mesma facilidade com que, na nossa cidade nos Estados Unidos, bandos de codornas alçam voo quando as espantamos. Mas também sinto que esta Itália ainda não é tão conhecida, tão completamente dominada. O tempo aqui é maior. Falcões visitam a casa, a geada embranquece as amoreiras, a terra exhibe cintilantes seixos de quartzo. A lama gruda em nossas botas. O Tibre corre ao lado da estrada, as águas rápidas e turvas, os trechos mais rasos esmaltados de gelo.

Algo inesperado acontece: volto a escrever ficção. Ressurge em minha mente a primeira imagem que guardei de Roma, a vista a partir da extremidade do Gianicolo: a Fontanone troando atrás de nós, os telhados, as cúpulas e os jardins da cidade ondulando sob um mar de azul. A paisagem paira diante dos meus olhos e, quando chega a hora do almoço, já escrevi cinco páginas de um conto sobre um vilarejo que será inundado devido à construção de uma barragem.

Talvez isso se deva ao fato de que já me acostumei à Itália a ponto de conseguir, durante umas poucas horas do dia, parar de prestar atenção em tudo o que vejo. Ou talvez seja porque estou de volta ao campo, um lugar muito mais parecido com aquele de onde venho, onde homens saem para dar longas caminhadas pelas colinas, as pessoas acenam quando você passa de carro e o barulho ao fundo não é de motores, mas apenas silêncio. Não importa: o fato é que as páginas do caderno vão sendo preenchidas, uma a uma, com um mundo imaginário. Trabalho no sótão, em uma mesa cheia de carcaças de vespas mortas. De pernas para o ar, escrevo sem parar novos parágrafos. Shauna lê em uma poltrona perto da lareira. Os meninos dormem profundamente, encolhidos nos cantos dos berços. Durante toda a semana o céu se pinta de prata.



Perto do fim de janeiro, pego um voo para a Holanda para trabalhar na divulgação do meu romance recém-publicado. Um após o outro, os repórteres entram num quarto de hotel segurando um exemplar do livro em holandês. Um relógio de pêndulo conta as horas. Atrás de seu visor, pequenos navios de madeira oscilam para a frente e para trás, marcando os segundos.

Respondo à mesma pergunta umas dez vezes. Quando o dia chega ao fim, minhas mãos estão vibrando de tanto café que tomei. Amsterdã parece uma cidade de fantasmas, inerte a noite inteira, chuva caindo mansamente nos canais, nada de buzinas ou alarmes, somente gente pálida e bonita atravessando cruzamentos de bicicleta. As ruas desaparecem atrás de cortinas de neblina. Na zona de prostituição, o famoso bairro da luz vermelha, mulheres de lingerie posam entediadas em vitrines do tamanho de cabines telefônicas, balançando os quadris quando trocam o pé de apoio.

Se há cinco anos tivessem me dito que este seria o meu futuro, eu não acreditaria: que europeus bonitos e desconhecidos leriam meus livros, que em um único dia eu veria o meu rosto refletido nas lentes de quinze câmeras diferentes. Canais e peixe fresco com meu editor holandês, uma caixa de chocolates divinos no meu quarto de hotel com um bilhete de boas-vindas do gerente, uma jornalista belga lindíssima viajando três horas e meia de trem para vir falar comigo sobre algo que eu inventei — parece um sonho.

Caminho por Londres com Jessica, a assessora de imprensa; caminho por Amsterdã com Esther, a assessora de imprensa. O mercado das flores, a cápsula preta e imensa de mais um microfone, uma sessão de fotos em frente ao Rijksmuseum e, amanhã, o voo de volta para um apartamento de cujo terraço vejo o Panteão — alguém pode pensar que me sinto o sujeito mais glamoroso do planeta. Mas não é bem assim. A verdade é que fico deitado em camas de hotel sentindo saudades da minha família. Quando as pessoas me fazem perguntas sobre livros que já escrevi, a sensação mais forte é de que não sou eu quem dá as respostas, mas um eu que já não existe mais, um eu de uma vida passada. Meu coração está em outro lugar. Suponho que este seja o

significado de ter dois bebês: qualquer tentativa de se sentir o centro de qualquer coisa importante é irremediavelmente risível.

Agora tenho a oportunidade de dormir a noite inteira, mas não consigo. Escrevo umas páginas novas para o meu conto; ligo a TV no canal de notícias. No primeiro intervalo comercial, um Volvo desliza por uma estrada margeada por ciprestes e, súbita e incrivelmente, passa em frente à Fontanone. Os grossos pilaretes de mármore em forma de bala de revólver e esculpido com dragões são inconfundíveis.

Pavimento molhado, faróis em arco, um sedã classudo. Meus filhos sonham seus próprios sonhos a menos de duzentos metros daquele cenário.

Por fim, perto das três da manhã, adormeço. No sonho, um solitário floco de neve desce desenhando uma espiral, passa pelo óculo do Panteão, pousa no piso e brilha por um segundo antes de derreter.



Entro carregando duas sacolas de bulbos de tulipa. Shauna me conta que os meninos começaram a pular as sonecas de novo. “E a gritar sem nenhum motivo”, diz ela. “Estão lá, sentadinhos, babando, e, de repente, começam a berrar.”

Constipação? Fome? Abrimos a boca dos dois e examinamos: as gengivas estão inchadas e vermelhas. Os narizes estão escorrendo. Querem ficar no colo o tempo todo.

Durante toda a semana, nos revezamos fazendo pontaria para pingar gotas marrons e fedorentas em suas gengivas, lutando com eles para trocar as fraldas e lhes dando panos gelados para chupar. De manhã, estruturo parágrafos para meu conto, analiso o que escrevi, tento descobrir o que quero dizer. Assim que volto para o apartamento, mando Shauna sair. Cuidar de bebês em fase de dentição é como monitorar um reator nuclear: é melhor que a atividade seja realizada por indivíduos descansados, em turnos.



Num 1º de fevereiro esplendoroso e frio, Shauna e eu deixamos os meninos com Tacy e caminhamos os quatro quilômetros até a

Piazza del Popolo. Quando a noite começa a cair, estamos no lado norte da praça, na igreja de Santa Maria del Popolo, em frente à *Crucificação de São Pedro*, de Caravaggio. É um quadro imenso, escuro e granuloso, cheio de marrons e pretos. Nele, três trabalhadores com rostos ocultos tentam erguer um crucifixo de madeira maciça ao qual Pedro está pregado de cabeça para baixo.

A igreja cheira a madeira velha, pedra e cinzas de incenso. A furadeira de um restaurador geme em um andaime atrás de nós. Semicerco os olhos para tentar enxergar melhor na pouca luz; o quadro está exposto em uma capela escura e tem quatrocentos anos. Além disso, Caravaggio usou tanto preto que é difícil distinguir qualquer coisa. Quando estou prestes a seguir andando, um homem pesca no bolso uma moeda e a joga dentro de uma caixa fixada sobre a balaustrada ao meu lado. Ouve-se um clique em algum ponto acima de nós e um holofote instalado no teto se acende, banhando o quadro de luz.

O branco no peito e nos joelhos de São Pedro salta para a frente. Consigo discernir rugas na testa dele, sujeira nas costelas. Um semblante estranho e desorientado surge em seu rosto, como se ele não conseguisse decidir para onde olhar. Nas panturrilhas e nos antebraços dos crucificadores, revela-se o óbvio esforço de erguer um camponês velho e pesado. Pela primeira vez entendo o que os críticos de arte que declaram que Caravaggio era um mestre no uso do branco querem dizer: o pano em torno do quadril de Pedro, no centro da tela, brilhante e pinguado, parece sugar o olhar do observador. O artista usou talvez vinte pinceladas de branco em uma ampla paisagem de preto e, com isso, conseguiu que um universo inteiro ganhasse vida.

Um minuto depois, o holofote se apaga. O quadro volta a mergulhar na sombra. Piscamos. Saio da igreja me perguntando: quantos outros lugares daqui têm caixas de iluminação como essa?



A luz escorre nas molduras das janelas. O gelo enverniza o fundo da banheirinha que deixamos no terraço. Ao meio-dia, ele terá se transformado em água de novo e a temperatura estará alta

o bastante para levar os meninos, com suas cadeirinhas para alimentação, para comer do lado de fora.

Todas as manhãs trabalho no conto sobre o vilarejo inundado. Me enfio no Estúdio Tom Andrews com cadernos e café; o céu que a janela descortina está quase sempre roxo. Tenho a sensação de que a alvorada em Roma, no início de fevereiro, não é um momento, mas uma série de pétalas fechadas que se abrem uma a uma e depois caem, enquanto outras, novas, ligeiramente mais claras, surgem em seu lugar.

Passo a manhã inteira escrevendo e apagando frases, experimentando outras diferentes. Quando as coisas fluem bem, em pouco tempo o mundo à minha volta começa a desaparecer: o céu lá fora, a calma furiosa do imenso pinheiro-manso a três metros de distância, o cheiro da poeira que cai na superfície da lâmpada quente no abajur. Este é o milagre de escrever: de repente, você se encontra no lugar que estava procurando. Como que numa ação orquestrada, a sala, seu corpo e até mesmo o tempo se unem e deixam de existir. Sumiram os caminhões troando lá fora, sumiu a incômoda borda afiada da escrivaninha sob meus pulsos, a conta de luz que deixei de pagar em Idaho. Pode parecer solitário, mas não é: logo os personagens emergem das paredes, silenciosos e atentos, alguns mais delineados que outros, esperando para ver o que lhes acontecerá. Escritores também aparecem. Às vezes, todos os escritores que já admirei na vida surgem, de Flaubert a Melville a Wharton, todos os livros que amei, todos os romances que sonhei ser talentoso o suficiente para escrever. Nos últimos dias, Plínio tem me feito companhia, sentado à escrivaninha como um velho farmacêutico, respirando pelo nariz, cheirando a cânfora, balançando a cabeça de quando em quando.

Às vezes, em algum ponto no fundo da mente, sinto também a presença dos outros artistas nesta vasta e ventosa Academia: arquitetos, escultores e compositores dormindo ou acabando de despertar, remoendo mentalmente seus próprios trabalhos. Imagino-os como pequenas chamas ardendo na cama e que vão crescendo à medida que a manhã avança; labaredas na biblioteca,

labaredas nas janelas dos estúdios, labaredas atravessando o pátio e chegando ao jardim.

Submeto frases a um raio X, risco parágrafos e os reescrevo com o máximo possível de cuidado, avalio novamente, revisito as páginas tentando aferir se as coisas ficaram mais claras, melhor resolvidas. Com frequência, não ficaram. Mas escrever uma história é construir uma ponte de tábuas em balanço, avançar e recuar no escuro, centímetro a centímetro, tábua a tábua, e o máximo que você pode esperar é se descobrir cada dia mais longe do ponto de partida, equilibrando-se sobre o precipício.

Cedo ou tarde o feitiço acaba. Alguém abre a torneira do chuveiro do outro lado da parede, ou eu percebo que minhas mãos estão congelando, ou que meu estômago está roncando... Então o estúdio volta a se materializar ao meu redor. A gravidade, o cheiro dos brócolis aquecidos no micro-ondas atrás de alguma porta no corredor, freios a ar guinchando atrás dos muros do jardim: as exigências e limitações da vida.

O grande tronco do pinheiro-manso se impõe na janela, vivendo suas duas vidas: a do mundo superior, de folhas pontiagudas e talos, e a do mundo inferior, de raízes e terra. Saio do estúdio, espanto o sonho e volto para Shauna, os meninos, Roma, todos eles partes de um sonho mais barulhento e insistente.

Carnaval, *carnevale*: vem do latim *carne* (carne) e *levare* (renunciar, afastar). No domingo antes da Quarta-Feira de Cinzas, caminhamos pelo Campo dei Fiori. Na via dei Baullari (a rua dos construtores de baús), passamos por uma padaria com fileiras de doces e pizzas emanando vapor na vitrine e uma gigantesca mortadela, grossa como o pilar de uma igreja, salpicada de cubinhos de gordura, exposta em uma prancha assentada sobre cavaletes ao lado da porta. Cruzamos a corso Vittorio Emanuele II e paramos para observar um ambulante esculpir garças com folhas de palmeira entrelaçadas. Por toda a Piazza Navona, crianças correm e pulam, o ar que elas expiram se transformando em micronuvens de vapor devido ao frio, as máscaras puxadas para trás sobre a cabeça: Mary Poppins, Piu-Piu, fantasias de princesas e diabinhos feitas em casa. Nossos passos fazem voar pedacinhos de

papel colorido que acabam recobrando as rodinhas do carrinho de bebê. De quando em quando uma criança joga em cima de Henry e Owen um punhado de pequenos adereços de papel em forma de estrelinhas, quadradinhos e bolinhas. Os meninos não gostam muito disso.

Só as crianças estão fantasiadas, e apenas nos arredores da Piazza Navona. As festas costumavam ser melhores. Palavras de Lívio sobre as Bacanais: "As sombras da noite eram um incentivo ainda maior para que não se deixasse de experimentar qualquer tipo de crime, qualquer tipo de imoralidade. Havia mais obscenidades praticadas entre homens do que entre homens e mulheres. Qualquer um que se recusasse a se submeter a atos indignos ou relutasse a cometer crimes era morto e oferecido em sacrifício."

Sobre a Lupercália, festa de origem pré-romana que era celebrada em 15 de fevereiro, Plutarco escreveu: "Neste momento, muitos dos magistrados e dos jovens de famílias nobres correm nus pela cidade e, em suas brincadeiras e gozações, chicoteiam quem encontram com correias de couro felpudo. E muitas mulheres das classes mais altas se colocam no caminho deles de propósito e esticam o braço para ter a mão golpeada, como crianças na escola."³³ As correias eram tiras sangrentas de pele de bode que supostamente faziam com que as mulheres se tornassem férteis. O chicote era chamado de *februa*, de onde vem *febbraio*, fevereiro em italiano. Muito mais tarde, nos séculos XVIII e XIX, todos os romanos, de cardeais a cocheiros, passaram a se fantasiar durante o carnaval. Estandartes eram pendurados nas sacadas; serpentina, confete e farinha eram lançados das janelas. Depois que escurecia, as carruagens e as multidões presentes à via del Corso eram empurradas para as laterais para permitir a passagem de tropéis de cavalos sem cavaleiros, enfeitados com fitas e atizados por esferas com cravos pontiagudos penduradas em suas crinas — que saíam em disparada da Piazza del Popolo e, correndo por mais de um quilômetro e meio em direção à Piazza Venezia, na outra extremidade, atropelavam quem estivesse no caminho.³⁴

Goethe caiu na folia em 1788: “Uma vez dado um sinal”, escreveu, “todo mundo tem licença para fazer as loucuras e extravagâncias que desejar. Tudo é permitido, exceto brigas de soco e punhaladas.”³⁵

Dickens participou da festa cinquenta e sete anos mais tarde: “O retinir dos arreios enfeitados [dos cavalos], o estalo dos seus cascos nas pedras duras, o estrondo e a fúria da disparada ecoando na rua e o ribombar dos canhões não são nada comparados ao bramido da multidão, seus berros, suas palmas.”³⁶

Carnaval: loucura crescente, carne assando em todas as fogueiras. Até que chega a Quarta-Feira de Cinzas: ave-marias geladas purificando a todos. E por quarenta dias a carne fica guardada.



Owen bate as mãos nos azulejos quando engatinha. Henry vai atrás dele, e os dois deslizam em fila para debaixo da mesa da cozinha. Vejo-os e penso em animais migratórios, gnus seguindo um ao outro. Henry já consegue bater palmas, e Owen canta de manhã, mas, toda noite, acorda berrando exatamente às dez e trinta e cinco e precisa ser abraçado e tranquilizado.

“São os dentes”, diz Shauna. Tudo tem a ver com os dentes.

Mesmo assim, a energia deles é de tirar o fôlego. Tentar vesti-los depois do banho é como tentar pôr pijama num peixe. Sempre que conseguem invadir nosso quarto, os dois seguram o fio que liga o computador à tomada e o puxam com toda a força; em quatro ocasiões peguei o computador no ar antes que caísse no chão. Passam o dia empurrando as cadeiras da cozinha de um lado para o outro sobre os azulejos, produzindo o ruído mais insuportável que se possa imaginar. Shauna constrói um escudo de papelão e fita adesiva em torno do fio do rádio, mas, duas horas depois, Owen dá um jeito de desmontá-lo e está sentado no meio da cozinha com o plugue inteiro enfiado na boca.

No Villa Sciarra, o parque infantil com faunos e pavões, deixamos os meninos em cobertores e eles se desgarram na direção dos arbustos. Quatro ou cinco garotos italianos os rodeiam,

batem em suas costas e lhes oferecem pirulitos. Tento relaxar. Germes: só consigo pensar nisso.

Meia-noite, uma hora, duas horas e nada de eu dormir. Saio para o terraço de casaco e gorro de lã e remexo a terra dos quinze vasos deixados por algum morador antigo. Arranco as ervas daninhas, cavo buraquinhos na terra com os dedos e enfio bulbos de tulipa novos, praticamente colados uns nos outros, vinte por vaso.

Às duas da manhã, as colinas Albanas estão azuis e salpicadas de luzes. Um casal passa lá em baixo, na rua, a mulher atrás do homem. Ela para, ajeita uma fivela do sapato. A brasa na ponta do cigarro dela desenha arcos na noite.

"*Cesca, mi dispiace*", diz o homem em voz alta. Cesca, me desculpe. Ela se levanta, olha em volta e ri.

Eu nunca tinha vivido um período em que passasse tantas horas acordado quanto agora, e ainda assim os dias e as noites em Roma parecem avançar muito depressa, como cartas sendo embaralhadas.



Em 17 de fevereiro, o papa volta para o hospital por conta de dores de cabeça. Na primeira página de todos os jornais há fotos extraídas de um vídeo de uma jornalista italiana, Giuliana Sgrena, sequestrada em Bagdá há duas semanas. "Eu imploro. Suspendam a ocupação. Eu imploro (...) ao povo italiano para pressionar o governo a retirar suas tropas", teria dito ela no vídeo. Está ajoelhada, uma parede lisa ao fundo, as mãos juntas como se em prece. "Por favor, façam alguma coisa por mim."

Astros do futebol aparecem para treinar vestindo camisetas com a frase *Liberate Giuliana*. Uma gigantesca foto dela é pendurada na fachada da prefeitura. Abro o atlas na biblioteca e me dou conta de que a distância entre Roma e Bagdá é menor do que a de Boise a Washington.

O que será que o papa João Paulo II, estirado no leito de um hospital, cercado de flores, está suspirando no ouvido de Deus esta noite? Será que ele reza pela jornalista sequestrada? Ou pelas

gengivas inchadas de criancinhas? É provável que ele tenha sonhos maiores: o planeta girando no espaço, o lento deslocamento de placas tectônicas.

Convenço-me de que não vai nevar em Roma neste inverno.



Algumas noites, enquanto carregamos mais um saco de fraldas sujas até a caçamba de lixo ou lavamos mais um monte de mamadeiras, começamos a nos sentir empapuçados, saturados. Interiores de igrejas se fundem, colunas de dois mil anos passam despercebidas. Aquilo ali era um outro Michelangelo? Outro Pinturicchio? Há cinquenta anos, em *Rome and a Villa*, a romancista Eleanor Clark chamou esses sintomas de a “excessividade” de Roma. Em pé diante da caçamba de lixo, observando o vapor da minha respiração se distanciar, concordo com a escritora: a Fontanone está logo ali, e a lendária cidade se espalha aos pés dela, mas eu só vejo sujeira e vidros quebrados. Beleza demais, informação demais: se não tomar cuidado, você pode ter uma overdose.

Cozinhar espaguete, descascar uma maçã. Cortar espaguete e maçã em pequenos pedacinhos. Colocar na bandeja das cadeirinhas para alimentação. Ver Henry e Owen jogarem comida no chão. Recolher comida do chão. Lavar as bandejas das cadeirinhas. Na cidade, passamos por romanos lendo romances, conversando sob o sol, devorando alegremente seus *contorni* em um café do bairro judeu. As camisas deles são impecavelmente passadas, seus cabelos são penteados com esmero, seus sapatos brilham. Eu os observo de trás das grades da condição de pai. Por que eles não têm manchas de leite nos ombros? Por que conseguem dormir a noite inteira?

Se eu não tivesse você, Owen; se eu não tivesse você, Henry. Se não tivesse vocês dois, eu conseguiria comer com as duas mãos.



Eis que, de repente, quando eu mais precisava, algo acontece: estou saindo de casa com Owen no colo quando cruzo com um homem que nunca vi subindo as escadas do prédio.

— *Ciao* — digo.

— *Ciao* — responde o desconhecido.

— *Ciao* — repete Owen.

É a primeira vez que ele disse isso. Quase caio no chão. O homem sorri.

— *Ciao!* — exclama o sujeito. Ele se curva levemente e brande sua bengala num cumprimento.

Uma frase de *Em casa*, de Marilynne Robinson, me vem à mente: “Há mil milhares de razões para viver a vida, e todas elas são suficientes.”



Em uma manhã clara e com vento na segunda semana da quaresma, alguns colegas da Academia me levam para conhecer o monte Testaccio, parecido com todas as demais colinas romanas, mas sem a fama das outras sete: ele foi construído pelo homem. É formado quase inteiramente por pedaços de grandes jarros de barro chamados de ânforas. Milhões deles. É provável que cheguem a vinte e cinco milhões.

Antes, qualquer um podia subir aqui, mas agora é preciso ter um *permesso*. Ou estar disposto a pular algumas correntes. Do alto, vemos milhares de quarteirões de prédios do sul de Roma, seus tetos coalhados de antenas de TV, e dezenas de terrenos baldios onde brilham poças d’água, um dos quais tomado por um acampamento de ciganos com trailers e barracas, lonas azuis tremulando presas a cordas.

Ânforas, quando preservadas, têm gargalo estreito, base pontiaguda e duas alças. Vazia, uma ânfora de transporte pesa trinta quilos. Nos tempos do Império, costumavam ser usadas para carregar cera, mel, linhaça, grãos, ou, mais comumente, azeite de oliva. Eram então empilhadas em embarcações e trazidas da Espanha ou do norte da África para Roma, transportadas Tibre acima e descarregadas sob o monte Testaccio, antes das corredeiras que contornam a ilha Tiberina. Então, o óleo era decantado e depositado em cântaros menores, e as ânforas eram

quebradas, seus cacos juntados, salpicados de cal e amontoados. Tudo regulado, tudo planejado, tudo registrado em latim.

O azeite de oliva era o músculo, o tônico capilar, o combustível das lamparinas do Império, o sabor das refeições, a luz de suas tramas. Plínio dedica oito meticulosos capítulos da *História natural* às azeitonas e oliveiras, falando do plantio, da colheita, da moenda e da armazenagem. Azeite de oliva era esfregado em ícones, arreios, reis, mulheres grávidas e ferimentos nos pés. Quer conservar um pedaço de madeira? Hidratar a pele do rosto? Aliviar uma dor de dente, amenizar rugas, lubrificar o eixo de uma biga, refrescar o couro cabeludo, consagrar a alma de um cristão morto?

Hoje em dia, o monte Testaccio tem cinquenta metros de altura e cobre uma área de vinte e dois mil metros quadrados, um monumento ao apetite tão grande quanto qualquer outro de Roma. É borrado por mato e algumas poucas árvores raquíticas. Embalagens de barra de chocolate voam, carregadas pelo vento. Zanzamos pelo cume procurando por cacos de ânforas, o sol aquecendo a parte de trás de nossos casacos, o vento roubando o calor das nossas mãos. O solo parece rachar sob nossos tênis.

A oeste, vestindo uma névoa verde-escura, está o Gianicolo: topos de prédios e pinheiros, uma florescência de mármore coroada por uma minúscula cruz de ferro que sinaliza o topo da Fontanone. À esquerda dela está a torrezinha cor de laranja da cobertura do nosso prédio. Penso nos pequenos Owen e Henry. Owen provavelmente já acordou de sua primeira soneca do dia, deve estar engatinhando pelos azulejos da cozinha e atormentando a mãe. Não faz nem um ano que os dois chegaram ao mundo e as fraldas deles já estão espalhadas por seis estados e dois continentes.

Viver é deixar resíduos: cabelo, pó, lixo, filhos, cartas de amor, sapatos velhos, ossos. Somos todos tomados por fomes terríveis. Com menos de uma hora de vida, Henry e Owen já sabiam como se conectar à mãe. Roma em si está assentada sobre rochas calcárias cuja calcita é feita dos esqueletos de trilhões de ínfimos animais marinhos, seus corpos quebrados e amontoados, literalmente salpicados de cal, um cemitério primordial, um lodo oceânico.

Nascemos, consumimos, morremos. Nossas paisagens são cemitérios. E o que é um cemitério senão um aterro?

Todo o azeite de oliva que chegou a Roma durante os seis séculos em que ânforas foram amontoadas no monte Testaccio pesava algo em torno de cento e oitenta milhões de quilos.



Quaresma: tomamos cafés *macciati*, comemos ravioli de espinafre. Embebemos nacos de uma baguete no azeite de oliva que trouxemos da Úmbria, verde, viscoso e penetrante numa garrafa sem rótulo.

Nos restaurantes, os espaldares das nossas cadeiras encostam nos espaldares das cadeiras atrás de nós. Nos ônibus, temos que lutar por território a cotoveladas e golpes de quadris. Enfiamos à força o carrinho de bebê porta adentro e esmagamos as canelas no vão da roda. Uma mulher chora no assento ao meu lado. Shauna entreouve alguém dizer, em inglês: "Bem, e qual é o problema se ele sofre de impotência?" Um violinista fedendo a vinho bate com o instrumento nas minhas costas.

Proximidade, propinquidade — não somos apenas americanos na Itália, mas interioranos em uma cidade grande. Compro um jornal e, quando me viro, deparo com três garotinhas acariciando os cabelos dos meus filhos. Dois monges baixinhos, quase anões, e com hálito de cebola, passam depressa em uma conversa animada. As *piazze* são salas de estar, salas de concerto, palcos de festivais; os becos pertencem aos jovens e os bancos dos parques são fraldários a céu aberto. O tempo todo somos lembrados de que o parque, o claustro e o pátio interno são arquitetonicamente indispensáveis.

Ao acaso, reencontramos o homem de muletas cuja esposa está grávida de gêmeos. Marco. Está com a filha. O médico, diz ele, mandou a esposa ficar de repouso. Há três semanas está proibida de levantar da cama a não ser para ir ao banheiro.

— E compramos um carrinho de bebê — anuncia ele. — Diferente do de vocês.

A filha dele tem olhos escuros e cabelos encaracolados. Linda.

— Avise-nos se precisar de alguma coisa — oferece Shauna, em inglês.

Difícil saber se foi compreendida.

— Ah, está tudo bem — diz ele. — Não está? — conclui, batendo docemente no ombro da filha. Mas os olhos de Marco estão longe.



No último dia de fevereiro, passo dez minutos tentando abrir a embalagem de plástico com bonecos ovalados tipo João Bobo que a mãe de Shauna nos enviou, os meninos berrando para que eu os tire do pacote, meus dedos já em carne viva, os três pequenos bonecos obstinadamente se recusando a sair de suas conchas de PVC. Enquanto serro com uma faca de pão a costura do embrulho, não consigo deixar de refletir sobre a tecnologia e a correria da vida moderna. Será que progresso é mesmo equivalente a aprimoramento? As embalagens (ou os brinquedos, os sapatos, os vinhos, o leite, o queijo ou o cimento) não eram, em muitos casos, melhores há trezentos — ou setecentos, ou mil e novecentos — anos?

Há algumas semanas, no Fórum, vimos uma guia turística parar na frente de um sítio arqueológico, apontar com um guarda-chuva fechado e dizer: “Notem como quanto mais antiga a construção, melhor o trabalho do pedreiro.”³⁷

Imagine como era a vida antes do leite industrializado, das rádios governamentais e da proliferação de imagens! Imagine se você só visse o presidente (ou o papa, ou o príncipe, ou a rainha) *uma vez* na vida: nada de TV, nada de fotos, apenas uma ou duas estátuas, um busto, um perfil cunhado numa moeda. Como era a vida no tempo de Plínio? Tente pensar no impacto que as histórias causavam: seu primo conta para você que viu o imperador galopando rumo ao Capitolineo em uma biga, o braço erguido, apenas dois dedos esticados, o rosto na penumbra, seguido por um tropel trovejante de guardas, bronze reluzindo à luz do sol. Poder, direito divino, o mito em todo o seu esplendor, uma única aparição em toda a sua vida. Por que não acreditar?

Nascia-se em casa. Se tivesse sorte, você morria em casa também. A noite para além dos muros não tinha iluminação, apenas o céu coalhado de estrelas. O inverno matava familiares, e o planeta — ele próprio uma divindade —, girando no centro do universo, deslizava silenciosamente em meio a círculos de pestes e guerras.

A trilha sonora da vida não era o ronco constante dos motores, e sim o murmúrio do vento, o uivar dos cachorros e os gritos das mães ralhando; o retinir das talhadeiras, os passos, as risadas; o tropel dos cascos na pedra, os gritos dos prisioneiros e os segredos dos vizinhos.

Os mapas eram repletos de pontos cegos. Soldados ou viajantes ocasionais que se aventuravam para longe de sua vizinhança podiam voltar anos depois trazendo na bagagem histórias que seriam levadas a sério ou encaradas como mentira. Talvez elas simplesmente não fossem contadas. Seja como for, quase ninguém deixava o lar. A andorinha gigante se equilibrando no varal onde suas roupas eram penduradas provavelmente veria muito mais partes do seu próprio país do que você poderia sonhar. O ofício do seu pai determinaria quase todos os aspectos da sua vida: onde você moraria, o que faria, com quem se casaria, o que comeria. Homens lutavam por sal, e as terras ao norte, até onde se sabia, eram tomadas por gelo e bárbaros. Se caminhasse para muito longe, talvez você chegasse aos restos de um muro que ninguém jamais atravessaria, porque, como escreveu Procópio no século VI, do outro lado “incontáveis cobras, serpentes e toda sorte de criaturas selvagens dominam o território.”

Para o historiador Tácito, o norte era o nada, “uma imensa extensão de terra sem forma”.³⁸ Os soldados do imperador Calígula preferiam se amotinar a cruzar o canal da Mancha, porque acreditavam que em suas águas viviam profusões de sereias.³⁹ Presas de narval eram vendidas como chifres de unicórnio — e por que não? É muito mais fácil acreditar em um cavalo com chifre do que em uma rotunda baleia branca que caça focas debaixo do gelo.

Ossos de mastodonte que emergiam de inundações eram ossos de gigantes. A fênix, escreveu Plínio, “é grande como uma águia e possui um brilho de ouro em volta do pescoço. Todo o resto de seu corpo é púrpura”.⁴⁰ Leões entendiam o significado das rezas, e certas cobras, acreditava ele, “eram capazes de engolir pássaros mesmo que estes estejam voando bem rápido e alto”.⁴¹

As pessoas comiam filhotes de burro, ratos silvestres recheados, cotovias ensopadas. Havia palavras que não podiam ser ditas. Bruxaria era algo real. Leite de asna diminuía rugas, gordura de urso misturada com fuligem de lamparina prevenia a calvície. Acreditava-se que raspar as gengivas com um dente extraído da boca de um homem que teve morte violenta combatia inflamações.⁴² Mulheres grávidas que desejassem ter filhos bonitos eram compelidas a olhar para coisas bonitas.

O poeta Estácio conta a seguinte história sobre o Coliseu: por volta do ano 81 d.C., quando a arena ainda estava bem nova, o imperador Domiciano deu uma festa regada a bebida que durou um dia inteiro em meio ao festival de fim de ano chamado Saturnália. Avelãs, tâmaras, ameixas e figos eram lançados sobre os espectadores. Servos com guardanapos brancos sobre os braços distribuía pão e vinho à vontade. Houve lutas entre gladiadoras e entre anões. Prostitutas, dançarinas do ventre e malabaristas circulavam em meio ao público. Quando o sol começou a se pôr e a animação geral arrefeceu, o imperador mandou soltar milhares de pássaros exóticos: flamingos, faisões, perdizes, galinhas-d’angola. A massa enlouqueceu tentando pegá-los. Havia mais pássaros que gente, diz Estácio. Impossível pensar em brinde mais perfeito para um dia de festa. Tente imaginar: archotes flamejando sob dosséis, fumaça atravessando pórticos, penas voando, pássaros guinchando, cinquenta mil cidadãos gritando e se acotovelando. E este mesmo céu de Roma, emoldurado por esta mesma estrutura ovalada de pedras, ficando azul-escuro com pinceladas agitadas de flamingos róseos conforme a noite caía.

Eu não trocaria o século XXI por nenhum outro. Temos papel higiênico, pasteurização, Novocaína e abacates mexicanos o ano

inteiro. E ainda existe uma miríade de mistérios: o que leva uma mulher a entrar em trabalho de parto prematuro? Do que realmente é feito o universo? A biologia do fundo dos oceanos, a natureza da gravidade, por que dormimos, os mecanismos da migração: milhares de perguntas ainda precisam ser respondidas.

Mas, quando finalmente consigo abrir o pacote, Henry e Owen chupam os bonequinhos por apenas trinta segundos antes de se distraírem e saírem engatinhando, deixando para trás um rinoceronte e um jacaré de cores espalhafatosas, encharcados, oscilando de um lado para o outro no piso de cerâmica. Não consigo não pensar em Plínio e na mania persistente que a civilização moderna tem de se considerar avançada. E daí se Plínio acreditava que a lua fazia mariscos incharem ou encolherem, que a menstruação embotava o fio das lâminas, que colocar absinto sob uma faixa de cetim em torno da barriga prevenia contra íngua na virilha? Ele também não afirmou que a Terra era esférica e entendeu que ela completava um giro completo em torno de si mesma a cada vinte e quatro horas? Também não foi ele quem disse que a única certeza é que não devemos ter certeza de nada? Não estou lendo Plínio para ver como a humanidade avançou, e sim para compreender tudo o que perdemos. O conhecimento é relativo. Mistérios podem ser fomentados.

Em um único dia, Henry e Owen veem mais imagens do que Plínio viu em toda a vida, e me preocupo com o fato de que a geração deles precisará se esforçar mais do que todas as que a antecederam para assimilar os milagres do mundo.

Shauna acha que é melhor que eu não tenha visto a neve caindo pelo óculo do Panteão. Às vezes, diz ela, as coisas que não vemos são as mais bonitas.



Chove, o sol aparece. Cinco minutos depois, granizo repica no meio da rua. Hoje de manhã, as colinas Albanas estavam azul-chumbo e aveludadas. Ao meio-dia, estavam brilhantes e brancas. Agora, estão pesadas e pretas, terríveis, apocalípticas.

Lorenzo está encolhido em sua guarita, o aquecedor a mil, uma pilha de correspondências no colo. “Chamamos esse tempo de clima de macaco”, ensina ele. Shauna e eu atravessamos as pedrinhas do pátio a caminho do bar da esquina para tomar *spremute*, copos altos de suco de laranja-de-sangue. Vamos de mãos dadas, bem apertadas uma à outra. Troveja. O oeste, para além do Vaticano, reluz com um brilho próprio, de mil tons de ouro.

As laranjas vêm da Sicília. O suco tem sabor de luz do sol: é vermelho e cheio de espuma.

Seguramos nossos copos com as duas mãos. Tentamos dar valor a tudo.

Primavera

OWEN E HENRY passam todos os minutos em que estão acordados se preparando para começar a andar. Ficam de pé se segurando em puxadores de gavetas, apoiam as palmas das mãos nas portas dos armários. Sentam sobre os calcanhares, giram, caem: são ginastas em treinamento.

Aos domingos, o grande prédio da Academia fica sossegado e quase totalmente vazio; descemos com os meninos pela longa escada de mármore até o subsolo, que abriga escritórios, um dos pisos da biblioteca e três longos corredores com teto em arco e em linha reta, como pistas de atletismo de cinquenta metros de extensão. Pego um velho carrinho de supermercado estacionado debaixo de uma das escadas e coloco Henry dentro. Posiciono Owen atrás do carrinho, para que possa empurrar, e o solto. Ele caminha com os dedinhos enlaçados na grade de metal, os sapatinhos agarrados ao piso de cerâmica, o carrinho deslizando. Owen o conduz ao longo dos três corredores, seu sorriso se abrindo cada vez mais. Shauna então troca os meninos de posição e gira o carrinho, apontando-o na direção oposta. Hora de Henry dirigir.

De quando em quando, fazemos uma pausa para o leite dos meninos.

Antes de partirmos, antes de encaixar um deles na bolsa canguru pendurada no peito e o outro na mochila às costas, coloco os dois no carrinho de supermercado e os empurro o mais rápido que consigo, cantando pneu nas esquinas, acelerando nas retas. Nossas risadas ecoam pelos arcos, para além das pilhas de colchões e escrivaninhas quebradas, para além do auditório com suas cadeiras vazias, para além das vitrines que exibem fragmentos de cerâmica etrusca.



Em 4 de março, a jornalista italiana Giuliana Sgrena é libertada por seus sequestradores. As rádios FM que costumamos ouvir interrompem a programação para dar a notícia, dezenas de locutores tagarelando em italiano, falando muito mais rápido que o normal. Ouço as palavras *finalmente* e *pace*, que significa “paz”,

além de *Il Manifesto*, *Il Manifesto*, o nome do jornal para o qual ela escreve.

De repente, a notícia passa a ser outra. Ao se aproximar de uma barreira de controle de segurança perto do aeroporto de Bagdá, o Toyota Corolla em que Sgrena estava foi alvejado por disparos de soldados americanos. A jornalista foi ferida. Um agente de segurança italiano, Nicola Calipari, pai de dois filhos, foi morto. “Ouvi o último suspiro dele”,⁴³ escreverá Sgrena alguns dias depois, “enquanto ele morria encostado em mim.”

Quem sabe o que pensar numa hora dessas? Do meu terraço, tudo parece igual: pinheiros balançando ao vento, *motorini* riscando as ruas. Mas os acontecimentos dos últimos sessenta minutos tornarão os americanos muito menos bem-vindos aqui. Shauna traz Henry para o terraço para se juntar a mim; inclinada, a ponta do cabelo dela roçando o dele, segura seus bracinhos sobre a cabeça, apenas a ponta dos sapatinhos dele encosta no chão. “Vamos ficar aqui no apartamento hoje”, diz ela.

Na manhã seguinte, nosso vizinho Jon Piasecki está no açougue comprando frango quando alguém atrás dele provoca: “*Sabato con i fascisti.*” Sábado com os fascistas.

Na terça, o caixão com o corpo de Calipari é postado na frente do Vittoriano. A Piazza Venezia está repleta de italianos esperando para ver o corpo. A CNN.com informa que milhares de pessoas foram prestar suas homenagens. Um jornal de Roma estima a multidão em centenas de milhares. Seja como for, pelo que vi quando subia as escadarias de Michelangelo para o Campidoglio, foi muita gente. Algumas bandeiras da paz com as cores do arco-íris tremulam sobre a multidão. Todo mundo — e todos os italianos em todos os lugares — parece estar vestindo casaco azul-marinho ou preto.

Penso nos turistas americanos presos em ônibus no congestionamento que o evento deve estar causando e reflito sobre as esquisitas intersecções entre as nações. Sgrena revela que um dos sequestradores iraquianos torcia para um time de futebol de Roma. Nos jornais, a estrada para o aeroporto pela qual os italianos

estavam viajando é chamada de Rota Irlandesa. Um dos soldados americanos que estavam na barreira, o que operava a arma de dentro do chamado “veículo de bloqueio”, é pai de duas crianças e se chama Mario Lozano. Mario vem de *Marius*, um nome romano de muitos séculos atrás.



A primavera chega rápido aqui: uma invasão bárbara, um tsunami. Cochilo um minuto e, quando abro os olhos, a grama ficou verde. Estamos voltando para casa de um restaurante, passando em frente à Fontanone, quando noto que os andorinhões estão de volta.

Nos vasos abarrotados de bulbos de tulipa, brotos verde-claros despertam um após o outro. A hera se emaranha em muros antigos; as árvores dos jardins se agitam num frenesi invisível: a luz chove nos galhos, a umidade sobe pelos troncos, as raízes sugam o que podem das pedras. Cores invadem a retina: paredes sépia, telhas vermelhas, gramados esmeralda — é como se esse tempo todo houvesse um sistema de holofotes pairando sobre a cidade e, de súbito, alguém finalmente tivesse jogado uma moeda na caixa que faz as luzes se acenderem.

Duas semanas antes da Páscoa, vou a Londres para participar de um programa de TV. Levo no bolso um bilhete escrito à mão por Shauna, no qual as palavras *Boa sorte, papai* estão rodeadas de rabiscos. Quando retorno, quarenta horas depois, cogumelos beges apareceram de repente no canteiro de hortênsias ao lado da entrada do nosso prédio. Subitamente, minhas tulipas já têm quase quinze centímetros de altura. Estou dando café da manhã para Owen e, ao levantar a vista, percebo duas joaninhas acasalando na manga da minha camisa.



Dias de chuva. Acordo às duas da manhã e digito o final do conto a que estava me dedicando, escrevendo a noite inteira, recuando e contornando passagens sem solução, juntando trechos fragmentados.

De manhã, no Trastevere, o rio transborda, e a água turva e espumosa se esparrama sobre as pistas de corrida nas margens. Biguás mergulham um após o outro nas corredeiras em torno da ilha Tiberina e emergem com pequenas enguias marrons se contorcendo em seus bicos.

E assim a cidade inteira parece estar inflando, lufadas de primavera soprando das colinas, fazendo as pilhas de alcachofra crescerem na barraca de verduras, trazendo feijões-brancos e morangos, como se uma série de ondas apontadas para o norte estivesse quebrando na cidade. A austeridade da quaresma abre passagem: romanos saem de casa e tomam as ruas, lotam os mercados em Testaccio, sentam-se espremidos nos bancos à frente do Palazzo Farnese tomando *gelati*. Os turistas também reaparecem, marchando pelo Panteão, circulando pelo Fórum. Praticamente vazia ontem à tarde, a praça de estacionamento do Vaticano está agora lotada de ônibus.



Na segunda semana de março, treino meu vocabulário em italiano enquanto caminho até a padaria: *glassa* é cobertura; *compleanno* é aniversário. Consigo me encaixar na fila e avanço até chegar ao balcão. Uma torta, por favor. *Ciocolata*. Com cobertura. Para trinta pessoas.

Shauna arrasta um carrinho de feira cheio de cerveja e vinho pela distância de quase um quilômetro entre a mercearia e o nosso prédio. Passo duas noites desenhando convites. Compramos balões de gás hélio. Compramos um carro de brinquedo Play N'Ride Deluxe, da Chicco, equipado com um painel de botões e uma barra de segurança. Em casa, Shauna o embala em papel de presente italiano, bem brilhante.

Owen fica em pé em seu cercadinho e salta animado enquanto gritamos "Pula, pula, pula!". Henry chora no berço e na cadeira para alimentação. Passa a ponta da língua de um lado a outro da boca várias vezes e raspa o dedo nas gengivas inchadas.

Então o dia 18 de março chega e os meninos completam um ano de vida. Vou buscar o bolo, que é imenso, do tamanho de uma

escrivadinha. Carrego-o via Carini acima, em meio ao trânsito caótico, e entro no parque em frente ao nosso prédio. Armamos cadeiras e mesas, prendemos balões na grade do portão. As árvores derramam sombras enevoadas no gramado.

Chegam os amigos, em sua maioria americanos. Lorenzo, o porteiro, abandona sua *portineria* e aparece usando maravilhosos sapatos marrons, jeans e os óculos de lentes grossas que deformam seus olhos. Depois de uma hora no ônibus, Tacy chega e presenteia os meninos com um sapatinho de plástico amarelo que toca música. Passará a ser o brinquedo favorito deles.

Cantamos "Parabéns a você" em inglês e depois em italiano. Owen sorri para mim; o rosto dele está lambuzado de bolo, o cabelo grudado nas orelhas. Henry passa meia hora chorando em um dos balanços, sobrecarregado com a agitação. Logo todos vão embora e nos vemos jogando copinhos de papel em sacos de lixo. No terraço, limpo as cadeiras dos meninos com uma mangueira. Há doze meses, nesta mesma data, Shauna segurava Owen em uma cama de hospital, neve voando do lado de fora da janela. Na UTI neonatal, eu permanecia sentado ao lado de Henry, um avental hospitalar por cima da minha camiseta, uma dezena de monitores emitindo bipes à nossa volta, meus dedos no acrílico da incubadora. A circunferência do punho dele era menor que a do meu mindinho. Ele agora aperta a buzina do seu novo carro de plástico enquanto o irmão canta vogais e engatinha, soltando gritinhos, rumo à banheira.

Depois de os deixarmos nos berços e de lavar toda a louça, abrimos uma garrafa de Prosecco e enchemos dois copos comuns. O líquido tem cor de palha. Pequenas bolhas sobem lentamente até a superfície. Pego uma calculadora e faço contas. Nos últimos trezentos e sessenta e cinco dias, Shauna passou cerca de mil e quarenta horas amamentando, fez os meninos tirarem mil quatrocentas e sessenta sonecas, lavou quase quatro toneladas de roupas. Eu dobrei talvez dois quilos delas.

O aniversário é de Henry e Owen, mas brindamos à mãe deles.



Dois dias depois de os gêmeos completarem um ano, a guerra no Iraque completa dois. Estamos caminhando do Panteão para a Piazza Colonna quando alcançamos a rabeira de uma passeata pela paz. Cerca de trezentos *carabinieri* da tropa de choque aguardam parados entre caminhões; um deles passa o que parecem ser metralhadoras por uma porta aberta. Um helicóptero paira acima de nós. Na outra extremidade da rua, manifestantes seguram lençóis com mensagens escritas com tinta e cantam. Tenho a impressão de conseguir sentir os olhares deles em nós, no carrinho dos bebês. Somos americanos, tenho vontade de dizer, mas os Estados Unidos são um lugar muito grande.

O dia seguinte é Domingo de Ramos. Apesar de os jornais duvidarem de que o papa esteja em condições de aparecer diante do fiéis, ele surge à janela do seu apartamento debruçado sobre a praça de São Pedro e ali permanece por não mais que um minuto. O rosto dele tem a mesma cor que sua alva branca; ele parece estar apertando a palma da mão na testa. Meninos agitam bandeiras e gritam "*Viva la Papa!*". Viva o papa. Alguns deles chegam a pular nos braços esticados dos amigos, como num show de rock.

Ele não fala, mas mesmo assim a massa ruge. Depois que o papa se recolhe, os rostos ao meu redor parecem irradiar algo como êxtase. Celebridade, o culto do reconhecimento. Denzel Washington tendo o microfone instalado na 37th Street, mulheres gritando seu nome.



Sempre que passamos com o carrinho por um gato, Owen abre seu sorriso de dois dentes e meio e grita "Didididi!" (sua versão de "kitty", gatinho em inglês). Sempre que abrimos a porta do terraço, Henry solta gritinhos de alegria. Sentados nas cadeiras de alimentação, vento entrando pelas janelas, eles seguram pedacinhos de tortellini entre o polegar o indicador e os deixam escapar, escorregar para o punho e, finalmente, cair no chão.

Comemos *broccolo Romano*, um tipo de brócolis pequeno e claro. Experimentamos *puntarelle*, uma variedade de chicória cujos

brotos finos e doces são mergulhados em azeite e vinagre. Tudo cresce. O verde dos gramados parece sobrenatural. É como se eu fosse capaz de ouvir as raízes crepitando e se esticando nos canteiros de flores.

Segundo meu guia de árvores, no auge da primavera a velocidade da seiva que sobe dentro do tronco de um carvalho chega a atingir sessenta metros por hora, ou seja, um metro por minuto. Debruço-me no parapeito da janela do estúdio, observo o grande tronco do pinheiro italiano à minha frente e reflito sobre a sede dele, sua rede de meio bilhão de ramos de raiz se esparramando pelo solo.

No fim da tarde, duas mariposas que mais parecem lagostas aladas voejam pelo pátio da Academia, sugando néctar dos jasmims. À noite, o Trastevere é tomado por hordas de jovens, um percussionista batendo bongôs com energia demoníaca, crianças correndo no meio da multidão. Em qualquer padaria e *fruttivendolo*, qualquer supermercado e *salumeria* caseira, veem-se imensos ovos de chocolate embalados em papel alumínio pendurados no teto. Ovos rubros, ovos prateados, ovos com a cara do Pato Donald e o diâmetro de um prato raso. *Gran Sorpresa!*, dizem eles, “Grande surpresa!”. Dentro dos ovos há brinquedos: astronautas, jogadores de futebol e pequenos pandas de acrílico encarcerados.

O canto dos pássaros se equilibrando nas calhas é alto o suficiente para nos acordar de manhã. No berço, Henry se levanta apoiado nas ripas verticais da grade, a mão direita balançando do lado de fora, e começa a pular no colchão, experimentando, treinando.



No domingo de Páscoa, derretemos um ovo de chocolate, mergulhamos morangos nele e os deixamos secando em papel alumínio. Só na Itália o chocolate de um ovo contendo dois robôs de plástico é capaz de ser tão gostoso que a gente tem vontade de chorar. Shauna molha a ponta de um dedo no chocolate e a coloca suavemente dentro da boca de Henry; o rosto dele parece se expandir de tão maravilhado. Ele olha para a mãe como que

dizendo “você vive colocando vagem no meu prato sabendo que no mundo também existe *isto?*”.

Pelo país afora, pássaros fazem ninhos e percorrem a trilha do néctar, voando para o norte, seguindo a onda que deixa rastros de floradas. Amor, algo doce para comer, o coração batendo mais rápido. Primavera é isso, não é?

À tarde, um homem pula a grade de proteção da área para turistas no alto da basílica de São Pedro, dezenas de metros acima do teto da igreja, e rasteja sobre a face extremamente íngreme da cúpula. Bombeiros isolam o local, um bispo tenta convencê-lo a descer.

Helicópteros zumbem sobre nosso terraço. O ar brilha com o pólen.

Antes do anoitecer, levamos os meninos no carrinho para passear no parque Villa Sciarra: as fontes jorram água, as cercas vivas estão recobertas por um manto de luz, os ciprestes produzem sombras majestosas. Famílias elegantemente vestidas para a Páscoa caminham ao nosso redor rindo, gesticulando, tomando picolé. Voltando para casa, passamos por dois adolescentes aos beijos dentro de um Volkswagen. Dois carros adiante, outro casal está deitado, um em cima do outro, quatro pernas em jeans e quatro tênis saindo pela janela.

“Para os italianos”, diz nosso amigo George Stoll, “o prazer está acima de tudo.” Cada dia que passamos aqui aumenta nossa certeza de que ele tem razão. Café expresso, pijamas de seda, beijos de cinco minutos, telefones celulares ultrafinos, couro absolutamente liso. Trufas. Iates. Jantares de quatro horas.

Dias atrás, vi no jornal a seguinte receita de um “Nutella Dog”, enviada pela jovem Martina Bartolazzi, de doze anos. Os italianos passam esse creme de chocolate com sabor de avelã em tudo: torradas, crepes, pães, biscoitos e até na pizza *bianca*.⁴⁴

1. Espalhe Nutella nas faces internas de um pão de cachorro-quente cortado ao meio.
2. Coloque uma banana no pão.
3. Aproveite.

O terceiro passo é o mais importante: o *piacere*, “aproveite”.

Nos últimos minutos de luz do dia, Shauna e eu empurramos o carrinho via Carini acima, até a Porta San Pancrazio. Ao cruzarmos a rua, as rodinhas passam sobre caquinhos de vidro encrustados nas reentrâncias do asfalto. Agacho-me um instante: de tão fino, o vidro quase não existe mais, é quase pó, pouco mais que areia. O horroroso barulho do acidente me volta à mente, o pequeno Peugeot arrebatado no mármore travertino.

“Somente aquele que nunca se esquece de como os homens são criaturas frágeis sabe encarar a vida com equilíbrio e moderação”, disse Plínio.⁴⁵ Com efeito, na época dele a vida era terrivelmente frágil: estudiosos estimam que a mortalidade infantil era de trezentos por mil, ou seja, trinta por cento de todas as crianças morriam antes de completar um ano. A expectativa média de vida era de apenas vinte e cinco anos. A morte andava solta por todo canto. Não surpreende que Plínio dedique tantas páginas ao mel, suas diferentes variedades, as melhores épocas para tirá-lo, sua doçura — inebriante porque fugidia. Mesmo hoje, quase vinte séculos depois, os romanos parecem muito mais conscientes de sua própria efemeridade do que os americanos. Romanos falam sobre a morte durante o jantar, esperam em filas para ver o corpo de seus heróis mortos, seguram seus venerados pais idosos pelo braço e os levam para caminhadas nos parques aos domingos. Desde que cheguei à Itália, vi seis ou sete jovens lendo romances em voz alta para suas avós em bancos de praça. Vi mulheres de cem anos escolhendo berinjelas no mercado, puxando carrinhos de feira ladeira acima a despeito de suas juntas desgastadas, ou sentadas em *piazze*, ombros caídos cobertos por xales, turbilhões de sofrimento girando em seus olhos.

Decadência da república, desintegração do império, o desmoronamento atual da Igreja Católica — a morte é o rio que cruza a cidade, correndo lentamente sob as pontes, turvando-se nas corredeiras ao lado dos hospitais da ilha Tiberina. A morte está nas manchas nas paredes, é o peso da lápide de Keats sobre a grama. É o termo de autorização íntimo que os romanos assinam quando

uma garota de cabelo comprido sobe na garupa da Vespa do namorado, quando um banqueiro coloca o carro em ponto morto e envolve a bibliotecária em seus braços: estou de acordo que viverei o agora, viverei o mais docemente que conseguir, sentirei o vento lamber a pele por debaixo das minhas roupas e a luz encher os meus olhos, mas estou ciente de que terei que partir no final.

Somos nós, os americanos, com nossas execuções a portas fechadas, nossos asilos para idosos murados e isolados, que parecemos ter dificuldade para pensar na morte. Imagino o homem acorado no alto da basílica de São Pedro, a menos de um quilômetro daqui, cento e dez metros de ar abaixo de si, sabe-se lá que fadigas no coração, a gravidade puxando-lhe pelos pés, o domingo de Páscoa escorrendo entre os dedos, dois ou três helicópteros planando sobre sua cabeça. A paisagem que chega às retinas dele está em cartões-postais espalhados pelo planeta: a colunata de Bernini; a via della Conciliazione, de Mussolini; o curso do rio que se bifurca; os apartamentos de Roma desaparecendo, engolidos pela escuridão.

Se ele escorregar, se ele se jogar, em que pensará quando vir o teto se avolumando antes do choque?

Finalmente?

Quem dera eu tivesse tempo, filhos, sapatos melhores?

Ou Obrigado, obrigado, obrigado?



Ele não pula. Os bombeiros o laçam e o puxam, passando-o por cima da grade de segurança. O homem tem quarenta e cinco anos e ainda mora com a mãe. Ela aparece nos jornais a semana inteira, agradecendo a Deus.

Mas a morte ainda está no ar. Cinco dias depois da Páscoa, a saúde do papa piora muito. Mesmo que Roma seja uma cidade de freiras, eu nunca tinha visto tantas delas: freiras em hábitos cáqui, freiras em hábitos azuis, freiras em hábitos perfeita e imaculadamente brancos. Elas se reúnem em grupos de três ou quatro na frente da basílica de São Pedro, falando baixinho. Passo por uma que está dedilhando um terço, seus olhos negros — os

mais intensos que já vi na vida — fixos nas janelas do apartamento do papa. É como se os olhos dela fossem se soltar da cavidade ocular e flutuar rumo à luz do sol.

Ao todo, há cerca de mil pessoas na área da colunata. Quase ninguém está sentado. A maioria está voltada para as janelas do apartamento papal. O silêncio cobre a cena — é possível ouvir a água jorrando e caindo nas bacias das fontes. Pombos sobrevoam o obelisco, uma bandeira tremula suavemente no cume.

A uma quadra de distância, em frente ao castelo Sant'Angelo, pelo menos cem vans brancas com antenas parabólicas no teto estão estacionadas em fila, coladas umas às outras. Cinegrafistas de colete mordiscam *panini*, dois repórteres dividem um cachorro-quente.

Hoje parece ser um dia especialmente ruim para morrer: é primeiro de abril, e o clima está perfeito, com pessegueiros e macieiras em flor, caquizeiros começando a florescer. Mais que uma estação do ano, a primavera na Itália é um ataque violento de cores: prata, ouro, verde.

Olho para cima, na direção do quarto do papa João Paulo, e penso: se a cama estiver perto da janela, ele pode observar as nuvens altas além da cúpula — imensas, claras e cheias de tufo. O vento as retalha lentamente. Finas lâminas de luz conseguem atravessá-las e se espalham por toda parte.



O dia seguinte é sábado. As três primeiras páginas de todos os jornais são sobre o papa. A cobertura do *Corriere della Sera* tem vinte e seis páginas. Até as estações de rádio que em geral só tocam música pop falam sobre ele: explosões em italiano, rápidas como uma metralhadora, entre uma música de Lionel Richie e outra do Bee Gees. *Il Papa*, dizem, *Il Papa*. Ele segue definhando em seu apartamento, os pulmões parando de funcionar, os rins parando de funcionar. Todo mundo com quem falamos parece ter alguma informação nova. Ele está consciente, ele está inconsciente, ele reconhece seus assessores, ele não está em coma. Já recebeu a

extrema-unção, o que significa que é apenas uma questão de horas.

Parece impossível, mas hoje o dia está ainda mais bonito que ontem. O azul do céu está perfeito, impecável, infinito. Em toda parte, florezinhas de camomila abrem suas faces brancas para o sol, deixando os gramados brancos como se cobertos de neve.

Uma brisa sopra grandes nuvens de pólen que estava depositado nos ciprestes. Sinos tocam. Orações de fiéis do mundo inteiro — Brasil, China, Polônia — voam até aqui, atravessando nossas janelas a caminho do Vaticano.

Mais de quatro quilômetros de obras de arte estão expostos nos museus do Vaticano. O papa poderia escolher qualquer uma e mandar que fosse levada até ele — um Rafael, um Michelangelo, um Caravaggio, um Fra Angelico. Em vez disso, só quer que alguém leia para ele algumas passagens da Bíblia em polonês.

Ao meio-dia, cerca de cinquenta mil pessoas estão aglomeradas na *piazza*, olhando para as janelas do apartamento papal.



Depois do jantar, depois de pôr os meninos na cama, desço mais uma vez para o Vaticano. É hora da *passeggiata*, e as ruas estão apinhadas. Quase todo mundo está lindamente vestido: sapatos engraxados, paletós, saias compridas. Luzes de câmeras brilham ao longo dos quase quinhentos metros da via della Conciliazione. Cerca de mil lentes apontam para a basílica. Mulheres com bolsas de grife dão entrevistas, padres de branco dão entrevistas. Pombos voam ao redor das fontes. Parece que todo mundo está esperando; e cada jornalista parece estar tentando extrair uma matéria dessa espera.

O céu tem aquela cor púrpura comovente que só se vê em noites muito límpidas, púrpura salpicado com umas poucas estrelas mornas. Silhuetas vagueiam nos tetos dos prédios e da colunata. Velas bruxuleiam aqui e ali.

Há mais gente aglomerada na praça do que no Natal ou na Páscoa — sessenta mil pessoas, eu chutaria. Três janelas do apartamento do papa estão com a luz acesa. Em todo o andar

superior, são as únicas janelas iluminadas. Não consigo deixar de me perguntar se, atrás das cortinas, há uma agitação frenética, médicos correndo de um lado para o outro.

Mais ou menos dez padres estão reunidos do lado esquerdo das escadas da basílica, revezando-se para rezar em voz baixa ao microfone — rosários e ave-marias repetidos sem cessar. A multidão acompanha num murmúrio constante.

Homens com câmeras de mais de vinte quilos esbarram em nós ao abrir caminho pela multidão. Eles dizem que João Paulo II foi o primeiro papa da era da notícia ao vivo, vinte e quatro horas por dia; parece óbvio que também será o primeiro cuja morte será acompanhada em tempo real. Tudo é filmado, todos estão filmando. Braços erguidos acima da cabeça seguram celulares e câmeras digitais. Se pudesse observar do seu parapeito, o papa veria um mar de rostos se iluminando e se apagando com milhares de flashes. Veria também seu rosto pálido transformado em pixels, filtrado por lentes e cabos e espalhado para o mundo em transmissões ao vivo.

Este é o papa que teria brincado: “Se não aconteceu na TV, então não aconteceu.” Bem, isto está acontecendo. Quatro telas gigantes montadas na *piazza* mostram peregrinos, a igreja, um close da barba de pedra de São Pedro. Um pouco afastado da massa, vejo um homem careca de tênis Nike e terno, a cabeça inclinada para baixo. Enquanto o observo, dois fotógrafos diferentes se agacham diante dele e tiram umas dez fotos cada.

Na frente da basílica, um jovem padre pega o microfone e canta uma canção que não reconheço. Sua voz é quase milagrosamente doce. A multidão canta junto. Fecho os olhos. Há algo muito genuíno nesse momento, apesar das câmeras e de toda a espetacularização — algo da tranquilidade que existe sob o frenesi e o corre-corre de Roma, e não me refiro apenas ao silêncio das catacumbas, dos cantos mais recônditos de catedrais ou das ruínas de aquedutos no campo, mas também ao silêncio que emerge de quando em quando em uma *piazza*, no meio de um dia de inverno, ou de um pinheiro no início da manhã. É um suspiro que emana da terra e enche o coração de algo parecido com paz.

O papa morre pouco depois das nove e meia da noite de 2 de abril. Dentro do apartamento papal, um cardeal repete o nome dele três vezes. Uma garota linda ao meu lado chora em silêncio. Sinos começam a ressoar, ou talvez seja um único sino, no alto da basílica, à esquerda, oscilando pesadamente, para a frente e para trás. O badalar ecoa nas pedras do pavimento, nos pilares, nas cabeças reunidas na praça.

Por um instante, tenho a impressão de que verei algo delgado e glorioso surgir no céu, mas nada aparece. A *piazza* está silenciosa, exceto pelo sino e pela água jorrando nas fontes. Penso em Henry e Owen, a um quilômetro e meio de distância, dormindo em seus quartos. Então penso: isto vai acontecer com todos nós.



O mundo inteiro parece afluir para Roma. Em menos de um dia, as ruas ao redor do Vaticano ficam apinhadas de gente. As rádios estimam que dois milhões de peregrinos virão; a internet fala em três milhões. Em todo o Gianicolo, apartamentos são colocados para locação. Os hotéis estão lotados. Alguém diz que Katie Couric está hospedada em algum lugar na nossa rua. Vemos americanos de colete pedindo Pepsi no Bar Gianicolo, um pequeno café ao lado da Porta San Pancrazio.

Apesar de todo o frenesi, sigo trabalhando sem parar no meu conto e, aos trancos e barrancos, concluo uma quinta versão, depois uma sexta, oscilando entre êxtase e desespero.

Há momentos em que penso: "É isso! Esta frase está ótima." No instante seguinte, chego ao ponto de quase jogar tudo no lixo. Mas a esta altura já estou acostumado.



Três noites após a morte do papa, Shauna e eu assistimos a um DVD em nosso computador. Os meninos dormem. A cidade está tomada por visitantes; acampamentos improvisados brotam em gramados, em uma arena de shows, em uma antiga estação ferroviária. O filme se aproxima do fim quando Shauna anuncia: — Não estou me sentindo bem.

— Como assim, não está se sentindo bem?

— Meu pescoço está formigando. Tudo está formigando. — Ela pisca e começa a se abanar. Os dedos dela, percebo, estão pálidos demais. Ela sai da cama. Ela volta para a cama. Olho para o relógio: são dez e trinta e um da noite. Paro o filme. — Não estou me sentindo bem — repete.

Manchas cor-de-rosa irrompem no pescoço dela e logo somem. Corro para buscar um copo de água e, quando volto, ela tornou a sair da cama e está atravessando o quarto a passos rápidos. Shauna coloca o copo na mesa da cozinha e aperta os dedos com força, como se tentando fazer com que eles recobrem a sensibilidade. De repente, seus olhos se reviram e ela desmaia.

Um segundo, mas um segundo em que você sente o mundo parar e virar de cabeça para baixo; sente também aquele enorme olho de Deus atravessar a atmosfera, as nuvens, o teto, suas roupas e sua pele e se fixar nessa criatura cega e autoiludida que é você.

Nossa cozinha parece congelada sob uma terrível luz prateada. Shauna está estirada sobre os cobertores dos meninos em frente ao sofá, um joelho debaixo do corpo. Na queda, a cabeça dela pousou milagrosamente em um pedaço dobrado do cobertor. Penso no papa, nos três dias e em reencarnação. Ondas de pânico se armam no horizonte.

Arrasto Shauna para o sofá. Mais ou menos cinco segundos depois, ela recobra a consciência, mas seus olhos ainda estão esquisitos, como que recobertos por uma película. Ela começa a tremer violentamente — não como em uma convulsão, mas com a mesma intensidade. Aperto os dedos dela entre os meus. As mãos dela estão frias.

— Você desmaiou — digo. Estou tentando acreditar nisso.

— Não consigo respirar — sussurra ela.

Mas está respirando. Amontoio cobertores em cima dela, enfio seus pés em meias grossas. A quatro metros de nós, Owen dorme no banheiro e Henry, no quarto ao lado.

Médicos, penso, médicos. Conheço alguns médicos dos tempos de faculdade. O pai de um amigo de Boise é neurologista. Já é de manhã lá? Me atrapalho folheando a agenda telefônica. A sequência

de números que preciso digitar para ligar para os Estados Unidos desaparece da minha memória. Zero. Zero, zero, um? Ou zero, um, um? Shauna treme debaixo dos cobertores, três deles, todos os que temos no apartamento. Não seria mais fácil fingir que isso nunca aconteceu? Não seria mais fácil se estivéssemos em casa e eu pudesse colocá-la em nosso próprio carro e levá-la ao pronto-socorro em cinco minutos?

— Shauna, você precisa ir para o hospital? Você acha que precisa ir para o hospital?

Os dentes dela batem como uma britadeira.

— Estou assustada — diz ela.

Não me lembro de tudo o que aconteceu depois. Ligo para o porteiro, Norm, que chama um táxi. Ligo para Laura, nossa adorável e destemida vizinha, que aparece à nossa porta em um minuto. Começo a dar instruções sobre o leite e as mamadeiras dos meninos, mas ela me empurra porta afora.

De alguma forma, alcançamos a calçada; de alguma forma, outro colega da Academia, Sean, e um italiano que eu não conheço ficam sabendo que precisamos de ajuda. Os dois esperam conosco na entrada da Academia. O pronto-socorro mais próximo é o Regina Margherita, na viale Trastevere, a menos de dois quilômetros de distância. Shauna está com nosso cobertor felpudo amarelo sobre os ombros. Em meio ao silêncio, consigo ouvir seus dentes batendo.

O taxista dirige como um legítimo taxista italiano; em dois minutos, estamos dentro do hospital. Shauna é admitida após um breve aceno. Um enfermeiro baixinho e calmo, de tênis, nos conduz até uma salinha de exames e vai buscar um médico. O médico é alto, está com cara de sono e cheira a naftalina. Meu italiano macarrônico me deixa na mão: não consigo descrever formigamento, perda de consciência ou dificuldade para respirar. “Desmaio” em inglês é “faint”, que também quer dizer “impreciso”. Só consigo me lembrar da palavra em italiano para essa segunda acepção: *indistinto*.

Faço uma tentativa: “*La mia moglie, lei è indistinta.*” Minha esposa, ela está imprecisa. A certa altura, o amigo italiano de Sean chega e nos salva.

O médico examina, nosso amigo traduz, eu rezo. Amo minha mulher, mas admito, envergonhado, que minhas preces são egoístas. E se eu acabar tendo que cuidar sozinho dos nossos bebês? Vinte e quatro horas por dia preso a eles, ninguém para me enfeitigar, ninguém com quem rir, ninguém a quem perguntar “Vamos relaxar e deixar eles chorando?” quando os dois acordarem às quatro da manhã. Ninguém com quem deixar o outro bebê enquanto troco a fralda do irmão na Piazza Navona.

Viúvo com gêmeos: uma sitcom horrível e destinada ao fracasso.

O médico pede a Shauna que mostre a língua e pinga algumas gotas para deixá-la *tranquillo*. Pergunto se é possível arranjar mais um cobertor para ela. Mais ou menos meia hora depois, Shauna finalmente para de tremer. O enfermeiro baixinho passa um tempão cutucando o antebraço dela com uma agulha, tentando achar uma veia. Em cima de uma maca, minha esposa está levemente sedada e com meias grossas nos pés, nosso amigo italiano fica verde de enjoo e precisa sair e se sentar em outro lugar, e eu ando de um lado para o outro pensando nos meninos no alto da colina, dormindo, e nos pequenos restos de materiais usados — toalhinhas de papel amassadas e embalagens de Band-Aid — jogados nos cantos da sala de exames. Tento fazer Shauna recapitular seu dia, quando comeu, quando bebeu água, mas agora ela está dopada e assustada, e um tampinha de um metro e meio com tênis Reebok fica furando o braço dela com uma agulha.

A certa altura concluímos que ela tomou apenas um copo de água durante todo o dia e não bebeu nada desde o almoço.

— Temos dois bebês — conto ao médico. — Gêmeos.

Ele olha para Shauna e inclina a cabeça, como que processando a informação. É possível também que meu italiano seja tão ruim que eu tenha dito algo totalmente diferente do que acho que falei. Este é um medo constante na Itália: insultar sem querer as pessoas, dar informações erradas, pedir mais molho de toranja.

Conto uma piada para o enfermeiro, em inglês: — Como se chama uma pessoa que fala duas línguas? Bilíngue. Como se chama uma pessoa que fala uma língua? Americana.

Ele não ri. Finalmente conseguem tirar o sangue de Shauna. Dão a ela medicação intravenosa, submetem-na a um eletrocardiograma. Perguntam coisas que eu não entendo sobre menstruação, e começo a pensar que eles suspeitam de que ela esteja grávida. O médico diz que gostaria de mantê-la no hospital *tutta la notte*. A noite inteira.



À uma da manhã, em um hospital em um país estrangeiro, a mente se perde por caminhos espinhosos. Tumor cerebral? Distúrbio neurológico? Sinais, presságios: o grande olho onisciente nos espia a quilômetros de distância e sabe de tudo.

— Talvez você só esteja esgotada por causa dos meninos — digo a Shauna.

— Talvez — responde ela.

Ficamos de mãos dadas. Sua maca é deslizada para dentro de um elevador fedendo a urina. O elevador sobe fazendo um ruído estridente, ela é levada por um corredor e depois passa por uma porta. Um auxiliar de enfermagem acende as luzes. Duas mulheres deitadas em outras macas gemem e se mexem sob os lençóis.

O auxiliar empurra a maca de Shauna para o canto, nos diz algo que eu não entendo, apaga a luz e vai embora. As mulheres suspiram escandalosamente. A que está mais perto da janela é grande e bem velha, eu acho. Começa a tossir. Da janela dá para ver a viale Trastevere, quase exatamente no ponto em que vi o homem com o cachorro na *motorino*. Apesar do horário, o trânsito ainda é intenso: carros, um ônibus, um bonde meio vazio passando — uma garota em pé no último vagão, as palmas das mãos encostadas no vidro da janela.

O quarto tem apenas três macas, dois suportes de medicação intravenosa e um aquecedor de parede com a tinta descascada. Nenhuma cadeira. O banheiro fica no fim do corredor. Shauna está pálida, pálida. Parece que foi deixada no canto inferior direito do *Juízo Final* de Michelangelo, com suas formas e suas figuras de rosto confuso se agachando, amedrontadas, tentando se proteger do terrível remo do barqueiro. “A morte dá muitos sinais”, escreveu

Plínio em um capítulo sobre doenças, “mas não há nenhum sinal de que a saúde está garantida.”⁴⁶

A velha tem um acesso de tosse. A outra mulher está quieta. O medicamento intravenoso de Shauna goteja em silêncio, a bolsa esvaziando imperceptivelmente. Ouve-se um gemido vindo do corredor. Tento me acomodar de alguma forma: ora fico de cócoras no chão, ora me sento na beirada da maca. Eu me sinto paranoico e exaurido, doze meses de pouco sono cobrando seu preço. Laura está cuidando dos meninos e, de qualquer maneira, eles provavelmente estão dormindo, mas me sinto muito desconfortável por não estar com eles. Para mim é como se, de repente, os dois estivessem vulneráveis; como se, durante todo esse tempo na Itália, nós estivéssemos patinando sobre uma camada de gelo recém-formada que, por fim, começasse a ceder.

Nenhuma das enfermeiras que encontro fala inglês. Peço água e me dão um copo vazio. Roubo um cobertor de uma maca desocupada de outro quarto e cubro os pés de Shauna. Despejo água da torneira em sua boca.

Já faz meia hora que Shauna está no quarto quando uma enfermeira entra, acende a luz e — tenho quase certeza — diz que eu não posso permanecer no cômodo durante a noite. Mais gemidos emergem dos outros leitos. Finjo não entender. A enfermeira põe as mãos nos quadris, olha para sua prancheta e apaga a luz. Ouço os passos dela se afastando pelo corredor, o ruído agudo da sola dos sapatos em contato com o piso.

Respiração. Trânsito. O guincho do elevador.

— Estou assustada — sussurra Shauna. Seus olhos refletem a luz de um poste.

— Eu sei.

— O que é que eu tenho?

— Você não tem nada. Só precisa descansar. Eles estão reidratando você.

— E os meninos?

— Está tudo bem com os meninos.

A idosa tosse sem parar. Começo a ter a impressão de que as tossidas são dirigidas a nós, à nossa falta de consideração. Quando vou embora, por volta das duas da madrugada, a bolsa de medicação intravenosa está vazia, e Shauna está longe de pegar no sono. Subo apressado as escadarias vazias sob árvores escuras e avanço correndo pelos quatrocentos metros finais, passando pela Fontanone e suas águas azuis sempre agitadas.



Owen acorda às quinze para as seis. Às dez para as seis, o intestino dele já trabalhou e ele já derrubou um copo cheio de água da mesa da cozinha, encharcando o pijama.

Ligo para Tacy, que conseguirá chegar por volta das dez e meia. Laura está com sono, mas consegue ficar com os meninos a partir das sete. Quando saio, eles estão nas cadeirinhas de alimentação jogando cereal no chão e rindo. Vou trotando para o hospital, passo pela recepção, subo as escadas e entro no quarto de Shauna, sem assinar nada, sem ver ninguém. Ela parece estar muito melhor. Eles lhe ministraram mais uma bolsa de soro durante a noite, e as maçãs do rosto dela readquiriram o tom rosado de sempre. A idosa ainda está tossindo, a mulher mais jovem está sentada, falando ao celular. Já são nove da manhã e ninguém apareceu para falar conosco. Esperamos e esperamos. Descobrimos que, ao dar entrada em um hospital na Itália, você renuncia à soberania sobre seu próprio corpo.

— Você está se sentindo bem?

— Estou melhor. Estou bem.

— Você está grávida?

— Não — responde ela, olhando para mim. — Acho que não.

— Você está se sentindo bem o suficiente para ir embora?

— Acho que sim. Mas a gente não quer saber o que aconteceu?

Esperamos mais meia hora. Estamos bem. Vai dar tudo certo. Compro croissants e um suco de laranja. Pina, a diretora de operações assistente da Academia, uma mulher calorosa e animada que adora os meninos, chega por volta das onze e nos faz companhia.

Na mesma ala em que estamos, em um quarto idêntico ao de Shauna, vejo três médicos andando entre leitos. Um toma notas em uma prancheta, outro faz perguntas, e o terceiro mede batimentos cardíacos. Mais meia hora se passa e nada de alguém vir até o nosso quarto.

Pina nos conta que a cidade está lotada de peregrinos. A espera para entrar na basílica e ver o corpo do papa é de quase vinte e quatro horas. Estima-se que só da Polônia vieram quase dois milhões de fiéis. Pina ficou na fila ontem por oito horas e nem chegou à *piazza*. Ela conta que a polícia começou a proibir novos peregrinos de entrarem na fila, porque o corpo será enterrado antes que as pessoas cheguem até ele. As autoridades estão enviando mensagens de texto a todos os usuários de celular de Roma, alertando: fique longe daqui.

Entrar na fila na quarta, ainda estar nela na sexta.

Por volta das duas da tarde, os três médicos finalmente chegam ao nosso quarto. Passam um tempão com a mulher que estava tossindo no canto, fazendo perguntas, auscultando. Não se faz nada correndo — não há aparelhos de monitoramento eletrônico, não há enfermeiras com roupas manchadas de sangue entrando com más notícias. Por fim eles chegam até nós, ouvem Pina durante alguns instantes e começam a fazer perguntas a Shauna. Pina ri, os médicos riem. Shauna e eu entendemos muito pouco, então assentimos, a boca meio aberta, e esperamos que Pina nos explique o que está acontecendo. É péssima a sensação de estar participando de uma conversa sobre o seu destino, o destino da sua esposa, e ao mesmo tempo não ter certeza de que, na verdade, seus interlocutores não estão falando sobre um programa de TV. Perscruto o rosto de Pina, sua boca que não para, seus grandes olhos. Ouço o médico dizer *soleggiato*, “ensolarado”. Ensolarado? Esse é o diagnóstico?

— Pina — interrompo. — Não estamos conseguindo entender.

Ela dá tapinhas na mão de Shauna.

— Estão dizendo que têm quase certeza de que o desmaio foi provocado por desidratação e esgotamento — explica Pina. — E que, em seguida, você teve uma crise de ansiedade.

Suspiramos. Desidratação. Esgotamento. Ela não está grávida. No fundo, o diagnóstico não é novo para nós: gêmeos. Shauna tem alta uma hora depois. Antes de sairmos, preencho um formulário do tamanho de uma ficha de biblioteca, onde escrevo nosso endereço, o número do meu visto e os números dos nossos passaportes. Nunca receberemos a conta.

Em casa, pago Tacy, que não parece nem um pouco abalada com o episódio, como se mães filipinas desmaiassem toda hora, nada de mais. Sempre que vejo Tacy, me lembro das histórias envolvendo o pintor Rafael, que, aparentemente, estava sempre calmo e nunca ficava bravo com seus assistentes. Bonito e discreto, ele escrevia cartas gentis para duques importunadores, explicando por que um quadro ou uma tapeçaria seria entregue com atraso. Não obstante seu jeito sossegado, ele morreu de excesso de trabalho aos trinta e sete anos.

Shauna toma um banho, brinca um pouco com Owen e Henry e vai para a cama.

Os gêmeos engatinham até mim e deitam a cabeça no meu colo. A pele deles é macia, os dedos estão grudentos. Leio um livro infantil para eles. Tento imaginar como seria ser pai sem Shauna. Empurro o carrinho de bebê até a loja de vinhos na Carini, compro dois galões de água, encaixo-os no cesto na parte inferior do carrinho e volto para casa, suando. Dou uma parada no jardim atrás da Academia e deixo os meninos engatinharem na grama.

As copas dos pinheiros se debruçam sobre nós, complexas, diáfanas. Lembro, pela primeira vez e com grande precisão, das palavras que um amigo disse a Shauna em nossa cozinha em Boise, na véspera de nossa partida: “Não é qualquer um que larga tudo e se muda para a Itália com dois bebês, sabia?”

Naquele momento, achei que era apenas algo que qualquer um diria naquela situação.



Anoitece. Morcegos abandonam as arcadas e se precipitam em rasantes sobre o terraço, voando em arcos sombrios. A noite se infiltra pelas árvores, pelas janelas, pela mente.

Até minha mulher desmaiar na cozinha, eu achava que sabia um pouco de italiano. Agora percebo que não sei nada. Sou capaz de dizer “este carrinho é fabricado na Nova Zelândia” e “gostaria de reservar uma mesa para dois”, mas sou incapaz de perguntar “por que ela estava tremendo tanto?”, ou “qual é de fato o estado de saúde da minha esposa?”, simplesmente porque não consigo formular as perguntas e não conseguiria entender as respostas. Então fico restrito às simplórias muralhas do *Si, No, Buongiorno e Buona sera*, confinado às minhas próprias versões distorcidas da cidade, tentando aprender o que for possível, espiando de vez em quando pelo buraco da fechadura: lá está o casal que vem alimentar os gatos da nossa rua toda noite. Eles estacionam a van branca, descem, assoviam suavemente e deixam aqui e ali porções de carne cozida assentadas em folhas de papel-alumínio. Lá está o rosto bondoso do açougueiro com seu gorro de esquiador na cabeça, acompanhado pelo filho de cabelo descolorido e bronzeamento artificial, colar de surfista no pescoço — nós o chamamos de Jude Law —, que olha o celular tocando, revira os olhos e grita para mim, em inglês: “Namorada, de novo!” Lá estão a Maria, da loja de massas, a nossa amiga Lavínia, do acervo de fotos da Academia, o Marco, cuja esposa está esperando gêmeos, e o bom e velho Lorenzo, o porteiro. Mas será que eu de fato *conheço* algum deles? Posso mesmo afirmar que entendo qualquer parte, por ínfima que seja, de suas vidas?

Vimos para Roma porque nos arrependeríamos para sempre se não viéssemos, porque todo acovardamento cedo ou tarde acaba se transformando em arrependimento. Mas a enormidade do que eu não sei sobre este lugar não cessa de me espantar. Em 1282, o monge toscano Ristoro d’Arezzo declarou: “É terrível que os habitantes de uma casa não saibam como ela foi feita.”⁴⁷ Realmente, é terrível. Na minha opinião, ele quis dizer que precisamos entender a terra em que vivemos, seu céu, suas pedras. Precisamos entender por que vivemos as vidas que vivemos. Mas eu não entendo nem mesmo o apartamento em que moro. Como é feito o piso de linóleo? E o vidro da janela ou a porcelana? Qual é o

mecanismo que faz a água subir até o terceiro andar e jorrar da torneira?

Não apenas a casa: o que dizer do corpo? Arteriosclerose, embolia, trombose, infarto — não sei o que é nenhuma dessas coisas. Será que podemos ter certeza de que Shauna desmaiou porque estava cansada? Ou será que ela desmaiou porque um pequeno coágulo está circulando pelos túneis das artérias dela, esperando para bloquear a circulação e dar cabo da vida da minha esposa?

E o que dizer de Roma? Roma é linda, Roma é feia. As contradições e as incongruências desta cidade são exacerbadas: um outdoor da Levi's tremulando na fachada de uma igreja de quatrocentos anos, um bêbado dormindo no bonde com sapatos de trezentos dólares. Há quatro dias, vi um homem conversar com o padeiro por cinco minutos — enquanto a fila de seis pessoas atrás dele esperava —, depois entrar em um Mercedes e disparar a oitenta quilômetros por hora, como se não pudesse perder nem um segundo.

Ciao, ciao. Buongiorno, buongiorno. Hoje entendo menos a Itália do que em novembro. Talvez entenda menos do que quando tinha sete anos e passava horas preenchendo o interior dos contornos de um desenho do Coliseu em um livro de colorir.

O que é Roma? É um lugar onde um adulto pode dirigir um carrinho minúsculo chamado Panda, ou Musa, ou Punto (o Ponto), ou Stilo (o Estilete) ou Picasso.

É um banquete toda semana. É o enlouquecedor horário de funcionamento das lojas. É um lugar prestes a se tornar metade asilo de idosos, metade museu para turistas. É como os Estados Unidos antes do café "para viagem", quando um parquinho infantil era simplesmente uma área ao ar livre com pedrinhas no piso, algumas guimbas de cigarro no chão e um conjunto de balanços não inspecionados; quando todo mundo fumava; quando os estabelecimentos comerciais do seu bairro eram propriedade de moradores do bairro; quando crianças ainda ficavam em pé no banco dianteiro dos carros em movimento e se apoiavam no painel. É um sistema público de saúde que garante atendimento

equivalente a estrangeiros e italianos e permite que um médico tome a decisão de manter uma paciente como Shauna no hospital por uma noite sem se preocupar se isso vai custar milhares de dólares. Roma é o nosso amigo Cristiano Urbani, o primeiro homem em pelo menos quatro gerações da família a não se tornar peixeiro. "O problema", explica ele, "é que eles acordam cedo demais e vivem cheirando a peixe!" É uma economia em recessão, a menor taxa de natalidade da Europa (1,3 criança por mulher), quarenta por cento das pessoas entre trinta e trinta e quatro anos ainda morando com os pais. Um lugar onde os sinais de trânsito estão sujeitos a diferentes interpretações, onde tomar café com leite depois da refeição é uma heresia e onde um homem com mais de quarenta anos cujo trabalho é bater massa numa pizzaria não é considerado um fracassado. Um país onde os pais deixam os filhos jogarem futebol nas ruas e voltarem para casa sozinhos, onde "pedófilo" não é o primeiro pensamento que vem à mente quando você vê um homem conversando com uma criança na rua.

Caminhando em um quarteirão, me sinto como se estivesse desvendando segredos fundamentais e imemoriais guardados nas hifas, nas heras balançando penduradas na ponte não acabada de Michelangelo atrás do Palazzo Farnese, na água jorrando da boca de um sátiro e caindo em uma concha de vieira. Significados brotam de pedras. Uma chave está girando dentro de uma fechadura e o maior dos portões que me separam da verdade desta cidade vai finalmente se abrir.

No entanto, no quarteirão seguinte, vejo dois homens de jaqueta de couro com fecho de zíper, seus lábios perfurados por argolas, jogando pedras do alto da ponte Sisto nas pessoas que correm na pista lá embaixo. Nesse momento, sinto que nunca entenderei nada deste lugar.

Che carini. Che belli. A lua cintila acima do terraço. Neste momento, de todas as partes, Europa, América do Sul, África, pessoas convergem a Roma para prantear a morte de um homem, para ver de relance um mistério incandescente de dois mil anos. Ando a esmo como se tivesse sido raptado por insurgentes, mas ainda conseguisse ver a beleza que se infiltra pela venda que eles

puseram em meus olhos. De repente, uma a uma, cinco, seis, sete andorinhas mergulham e entram em uma chaminé.

“Mesmo que você seja um mundo inteiro, Roma”, escreveu Goethe em 1790, “sem amor, o mundo não é o mundo, e Roma não pode ser Roma.”⁴⁸

Uma noite de primavera é uma força que varre os feixes de tulipas em flor e inunda seu coração como um rio.



Na manhã do funeral do papa, em 8 de abril, três caças sobrevoam o apartamento, fazendo tilintar os pratos dentro dos armários da cozinha. Helicópteros flutuam sobre o Vaticano.

Shauna parece melhor. Faz piadas e carrega os meninos nos braços de um lado para o outro. Trabalho a manhã inteira na resenha de um livro e depois saio para caminhar pelo topo do Gianicolo, passando pela grande estátua de Garibaldi montado a cavalo, pelos pedestais e bustos de seus tenentes, descendo pela viela íngreme que mergulha na direção do Tibre. No entanto, não vejo as multidões, pelo menos não na dimensão que a imprensa nos faz esperar: entre quatro e cinco milhões de pessoas, fila de quatro quilômetros para ver o corpo do papa, vinte desmaios por hora por causa de exaustão e desidratação.

Então alcanço o rio. As ruas estão bloqueadas por voluntários em uniformes verdes fluorescentes, muitos usando chapéus com penas presas nas faixas. Impossível entrar em qualquer uma das ruas que normalmente uso para chegar à basílica. Há ambulâncias e veículos militares parados nos cruzamentos, isolando a área. Para chegar mais perto, terei que cruzar o Tibre e circundar o Vaticano a partir da margem oposta.

Na ponte mais próxima, a Principe Amedeo Savoia Aosta, veem-se velas apagadas dentro de copos vermelhos ao longo do parapeito. Peregrinos cochilam nas pedras do pavimento: um grupo de universitários, mulheres em cadeiras de praia, um padre com colarinho clerical vestindo o que parece ser uma calça de esquiador. A água lá embaixo é verde, mas ocasionalmente suas pequenas ondulações são tingidas de prata pela luz do sol. Uma prancha de

compensado do tamanho de um carro passa flutuando, levada pela correnteza.

As árvores à beira do rio estão soltando tantas sementes que parece estar nevando. Elas pousam suavemente nas lentes dos meus óculos escuros. Um barco dos bombeiros monitora a área, seguido por outro da polícia. Uma nuvem de poeira parece subir do galpão de imprensa perto do castelo Sant'Angelo.

Pessoas perambulam pelas ruas com sacos de dormir enrolados embaixo do braço. Há barracas enfileiradas dos dois lados da pista de corrida. Um em cada dez peregrinos que vejo carrega nas costas uma mochila grande ou puxa uma mala com rodinhas. Quase todo mundo tem aquele olhar meio vidrado de quem dormiu (e depois acordou cedo demais) várias noites seguidas em uma superfície dura.

A ponte Vittorio Emanuele II está totalmente bloqueada. Na ponte mais próxima rio acima, a Sant'Angelo, peregrinos se espremem como num ônibus na hora do rush. Eu me enfio no meio da multidão. Dezenas de rádios ligados, todos sintonizados na mesma estação. Todo mundo parece calmo e se move lentamente. Um coroinha com um cartaz escrito em polonês avança, esbarrando nas pessoas à sua volta. Duas freiras aguardam sentadas sobre uma folha de papelão com os braços em torno dos joelhos. A oitocentos metros, alguém ao lado do corpo do papa termina um discurso: o aplauso reverbera pelos rádios e emana como um chiado das distantes caixas de som instaladas em andaimes.

Levo quinze minutos para cruzar a ponte. Do outro lado, ao longo do anel externo da multidão, homens vendem de tudo: pratos com a imagem de João Paulo, camisetas com a imagem de João Paulo, cabeças de João Paulo feitas de plástico, uma linha torta seccionando o rosto. Milhares e milhares de pessoas levam nas mãos folhas de jornal contendo o testamento do papa em diferentes idiomas — como se ele fosse um tio rico que poderia ter deixado alguma coisa para elas. Talvez tenha deixado mesmo.

Monto em uma grade e consigo vislumbrar a basílica, imponente e majestosa, a quase um quilômetro de distância, no fim da via della Conciliazione. Uma estreita mancha vermelha formada pelos

cardeais na escada mais alta, uma faixa preta atrás deles — os presidentes, as rainhas, os embaixadores e os primeiros-ministros. Então vêm as fileiras paralelas de postes de iluminação e alguns milhões de corpos, como uma praia de areia multicolorida se estendendo até o rio. Bate uma leve brisa; tendas brancas usadas pela imprensa, armadas no alto dos prédios, agitam-se, indo de encontro aos cabos que as prendem.

Penso que, se todas as vítimas do tsunami se aglomerassem em uma única avenida, talvez o cenário fosse igual a esse. Mas aqui os números são ainda maiores: dois milhões, três milhões. O dobro da população de Idaho. Os números são altos demais para terem qualquer significado concreto para mim, até que me deparo com um quarteirão inteiro tomado por banheiros químicos: pelo menos mil deles, azuis, alinhados em três fileiras curvas, seus exaustores zunindo. De alguma maneira, um caminhão conseguiu passar pela multidão e está esvaziando as privadas, uma a uma.

Agora há aplausos, cantoria. A canção emerge de gargantas, rádios e torres de caixas de som. Alguém na basílica dá início a uma bênção, e praticamente todo mundo à minha volta abaixa a cabeça. *Preghiamo*. Rezemos.

Um cinegrafista no alto de um andaime descasca uma banana. Um padre com os óculos quebrados dorme encostado no tronco de uma árvore. Os ombros dele estão cobertos com uma toalha de praia com o desenho de um mapa-múndi.

É como se eu tivesse caído na maior festa da história, com três dias de duração a mais do que o ideal, e agora a animação estivesse reduzida a gargantas inflamadas e olhos vítreos fatigados — alguns choram, muitos dormem. Voluntários distribuem garrafas de água. Uma mulher acaricia um pastor-alemão imenso. Um homem ronca.

O azul do uniforme dos paramédicos, o verde fluorescente dos voluntários, as calças azul-marinho com faixas laterais vermelhas dos *carabinieri* — todas as cores da Itália saíram às ruas. A Piazza Pia está fechada, a rua Borgo Sant'Angelo está fechada. Percebo que terei que circundar todo o Estado do Vaticano só para chegar ao ponto de onde parti. Todo esse povo de expressão sombria,

ouvindo rádio e olhando para as costas da pessoa à frente. Mesmo quem é muito alto, ou tem muita sorte, só consegue ver as estruturas metálicas e as câmeras; quem não é enxerga apenas a nuca do cidadão à sua frente. Ainda assim toda essa gente está aqui, sentindo-se parte de alguma coisa.

De repente, começo a me sentir como se a cidade fosse minha — por que o *meu* acesso está bloqueado? Quem deu esse direito a esses poloneses segurando bandeiras? Concluo que esta é a questão mais profunda: o papado de João Paulo II, a Igreja Católica e até a própria cidade de Roma pertencem a qualquer um que seja afortunado o suficiente para ter fé. Este é o catolicismo medieval: Roma no centro de uma ampla roda que gira lentamente, um culto à personalidade, uma Metrópole da Igreja. A tecnologia expunha cada ruga do rosto de João Paulo II para bilhões de pessoas; ele era o homem mais conhecido do mundo, era o pastor do seu bairro, seu avô, seu confessor — sem ele, o mundo é um lugar muito menos harmonioso e seguro.

Música volta a sair pelos alto-falantes. Os rádios voltam a cantar. Talvez este exato momento seja o milagre final do papa: de alguma maneira, ele transformou milhões de espectadores em milhões de participantes.

Ao longe, a grande cúpula flutua em uma onda de ar prateado, imponente, dominando tudo à sua volta. É o maior funeral do mundo, a maior reunião de dignitários e a maior peregrinação da história do cristianismo. No entanto, a sensação é que se trata de um evento quase privado. Uma mulher abre caminho em meio à multidão, cabeça baixa, flores silvestres nas duas mãos cerradas. Ao meu lado, um adolescente com pedaços de arame farpado tatuados em torno dos pulsos seca as lágrimas com a bainha da camisa. Uma freira sentada em uma mala sorri para mim. O canto cadenciado se inicia e para, os homens e as mulheres ao meu redor começam a responder à missa, balbuciando em voz baixa em uma algaravia de idiomas. O vento agita o céu acima da cúpula, outro abril, as nuvens resplandecentes deslizando acima dos acontecimentos como sempre fizeram, e quatro milhões de vozes se erguem para encontrá-las.



Três dias depois do funeral do papa, Henry dá seus primeiros passos sozinho. Ele se ergue apoiado na parte da frente do sofá, faz uma pausa, equilibrando-se sobre os dedos do pé, e depois se solta. O corpinho dele cambaleia, avançando em arco até alcançar o puxador de uma gaveta da cozinha, a dois metros de distância. Ele se segura em pé, olhos arregalados, impressionado com a própria façanha.

“Muito bem!”, grita Shauna. “Viva o Henry!”

Passamos a manhã inteira sentados no chão, de pijama, com ele andando entre nós, um marinheiro cambaleando no deque de um navio em alto-mar, Owen observando tudo de seu cobertor com um sorriso confuso.



Aos poucos a cidade vai esvaziando. Cartazes com a imagem do papa João Paulo e a inscrição *Grazie* ou *Santo Subito* (Canonização já) seguem colados nas paredes do Trastevere, mas muitos dos romanos, na feira e nos bares, agora discutem outro assunto: *l'elezione*. Jornais publicam plantas da Capela Sistina, diagramas com a distribuição das cadeiras e os perfis dos cento e trinta e quatro cardeais que votarão. Nosso amigo Steve Heuser, um editor do *Boston Globe* que está passando seis meses aqui, começa a mandar matérias contendo palavras estranhas como *curia* (a Corte Papal) e *escrutinador* (a pessoa responsável pela fiscalização da votação).

Fumaça preta: nada de papa. Fumaça branca: temos um novo papa. Esses sinos tocando são os sinos? Tarde da noite, na Academia, estudiosos fazem palestras sobre a sucessão papal. Até um bolão sobre quem será o novo papa é organizado. Myke Cuthbert, um musicólogo, pendura na porta do seu apartamento um cartaz com um diagrama da eleição ao estilo das tabelas de campeonatos esportivos. O cardeal Dionigi Tettamanzi, da Itália, é um dos cabeças de chave. O cardeal Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga, de Honduras, é azarão. No campo do vencedor, Myke escreveu a lápis “Duke”.

Não católicos parecem tão interessados no conclave quanto os católicos: agnósticos, judeus, gays, um amigo hindu nos Estados Unidos que me escreve e-mails sobre o assunto — todos parecem atraídos pela aura de mistério, pelo vocabulário excêntrico, pela pompa e pelo esplendor. Em 1274, o papa Gregório X teve a ideia de trancar todos os cardeais em uma sala: dormir lá dentro, aliviar-se lá dentro, comer lá dentro. Um prato de comida e uma tigela de sopa por dia por homem. Depois de cinco dias de impasse, a ração seria reduzida a pão, água e vinho. Só poderiam voltar a entrar em contato com o mundo lá fora depois de chegar a um resultado.⁴⁹ O protocolo não mudou quase nada em setecentos e trinta anos.

“Se fosse possível filmar, seria o maior reality show da história”, diz nossa amiga Janna.

Luz de velas, zoom lento no apresentador e, ao fundo, um afresco com *ignudi* musculosos se insinuando. “Após os comerciais, no próximo bloco, o confronto mais dramático que já vimos...”

Pense na rivalidade política e nos milhares de inferências reverberando até no mais corriqueiro dos diálogos. Sussurros e fidelidades, alianças, ortodoxias, mantos carmesim se arrastando por corredores; do lado de fora, enxames de repórteres e cinegrafistas do mundo inteiro aguardando. Dois cardeais param em um pátio interno, apertam as mãos, exalam suspiros chorosos, trocam olhares por meio segundo e pronto: o manto do poder flutua, invisível, de um par de ombros para outro.

Antes de entrar no turno da tarde, Lorenzo, o porteiro, senta-se conosco no jardim atrás da Academia; sorrindo para os meninos, deixa Henry segurar seu dedo enquanto dá voltas em torno da cadeira de madeira. Henry tagarela. Lorenzo nos fala de um velho ditado italiano: “Depois de um papa gordo, sempre vem um papa magro.”

Será que isso significa que depois de um papa magro colocarão um papa gordo? No bolão, marco como vencedor um alemão de sessenta e nove anos, verdadeira zebra, chamado Karl Lehman. Nunca ouvi falar nele, mas, pelas fotos, dá para ver que tem uma majestosa papada.



Os meninos caem e levantam, caem e levantam. Shauna pega um táxi para ir a uma consulta médica, e eu fico sozinho com os bebês. Em menos de uma hora, sou eu quem quase desmaia. Tenho certeza de que há uma metáfora em todo esse cai-levanta, cai-levanta, mas estou ocupado demais tentando evitar que os dois batam a cabeça nas quinas da mesa para refletir sobre o assunto.

No primeiro dia do conclave, uma semana depois de Henry dar seus primeiros passos, Owen começa a andar. É a tarde mais fascinante que vi em Roma, talvez a mais fascinante que já vi na vida. Ramos de flores sobem em treliças, há densos cachos de glicínias pendurados por toda parte. Abelhas zumbem no jardim; o céu, radiante e impecável, resplandece, dourado. Tenho a sensação de que, se pudesse tocá-lo com a ponta do dedo, ele começaria a cantar. "Olhe a luz desse sol", escreveu o poeta romano do século XIX Giuseppe Gioacchino Belli, provavelmente enquanto olhava o céu do Trastevere em um dia como este. "Olhe: está abrindo as pedras."⁵⁰

Um gato afia as garras no capacho em frente a uma porta. Chumaços de pequenas violetas vicejam no alto das paredes do jardim, a trinta metros do chão.

Shauna põe Owen na grama e caminha para pegar um brinquedo a poucos metros de distância. De repente, lá está Owen: ele se levantou, se apoiou no carrinho, caminhou até a mãe e, agora, encosta as mãos nas pernas dela.

Ele sorri. "Ma, ma?", diz. Mais, mais. Passamos a tarde andando pelo jardim com nossos meninos, debruçados com os braços em torno das barrigas deles enquanto seus corpos teimam em pender para a frente. Eles caem e amortece a queda com as mãos. E se levantam novamente.

Henry segura uma tampa de garrafa em cada mão. Owen ri e ri. Eles têm pressa, são impetuosos.



Em 19 de abril, Shauna sai para assistir a uma palestra na Academia. Fico no apartamento e estou ajudando os meninos a

empilhar bloquinhos de montar. Em outro ponto da cidade, os cardeais encerram a apuração dos votos e concluem que conseguiram eleger um novo papa. Fumaça sai pela chaminé da Capela Sistina. "*Bianca, bianca*", gritam as pessoas na *piazza*.

Não vejo nada disso — só sei que preciso trocar a fralda de Henry e que Owen desistiu dos bloquinhos e agora brinca com os fios de eletricidade sob o trocador. Ele derrubou o abajur no chão e está com um pedaço do fio dentro da boca quando o clangor de centenas de sinos invade o apartamento pela janela.

Olho meu relógio: seis e oito da tarde. Não é hora de sinos de igreja baterem.

Coloco o abajur no lugar, troco a calça de Henry, encho as mamadeiras de leite, desço destrambelhado com os meninos e os ajeito no carrinho. Passo pelo portão e aceno para Luca, o porteiro: — Temos um novo papa?

— Sim.

— Quem é?

— Até agora só tocaram os sinos.

Só os sinos. Presa na Academia, a coitada da Shauna, que já perdeu todo o frenesi em torno do papa porque estava hospitalizada, ocupada demais com os meninos ou cansada demais, recebe a mesma informação. No entanto, a palestra continua, e ela não desce até a entrada do prédio.

Giro o carrinho e, depois de passar pela Porta San Pancrazio, sigo bordeando o perímetro do Gianicolo. Cai uma garoa finíssima, quase imperceptível. À minha direita, a cidade está mergulhada na sombra, mas a oeste o céu se apresenta amarelo vivo, como se a qualquer instante meia dúzia de arco-íris fossem brotar.

Evito as ruas sinuosas e mergulho na direção do Vaticano. Um ônibus cheio de freiras passa por nós. Os meninos cantam ao ritmo do sacolejo do carrinho. Ando rápido, mas não corro, e não vejo ninguém correndo. Parece que há mais trânsito do que de costume no sentido norte, mas é difícil afirmar com certeza.

Em algum momento, perto do hospital infantil, o tráfego de carros diminui, os meninos param de cantar e eu ouço, em meio ao silêncio que se instala, o badalar dos sinos, milhares deles. É como

se todos os bairros da cidade estivessem despertando. E é lindo: a luz prateada, a cúpula da basílica de São Pedro coberta por uma película de água, despontando acima dos pinheiros, as pequenas gotas de chuva, Henry e Owen radiantes, seus cabelos esvoaçantes ao vento.

Desço pelo íngreme beco Salita di Sant'Onofrio. O carrinho trepida ruidosamente nos degraus da escada. Já consigo ver as pessoas — todas correndo na mesma direção — submergindo na garganta da via dei Penitenzieri. Umas dez pessoas invadem as pistas e entram no meio dos carros em movimento, sem o habitual talento romano para atravessar a rua com tranquilidade. Os carros freiam cantando pneu, mas ninguém dá a menor bola. Muitos abrem sorrisos grandes e sinceros. Homens de terno, mulheres de mãos dadas, todos estão correndo. Várias *motorini* passam em alta velocidade, quase esbarrando em nós.

Empurrando o carrinho, eu também começo a trotar. Pessoas saem de restaurantes e prédios comerciais. Não é como no funeral: não há policiais, nem agentes de órgãos públicos, nem helicópteros. Não há organização alguma, mas todo mundo parece feliz e em paz.

Quando lá chegamos, apenas metade da praça São Pedro está tomada. Se estivesse sozinho, eu poderia atravessá-la com facilidade e me posicionar à frente da multidão, junto à grade diante da escada principal. Em vez disso, estaciono o carrinho sob a colunata sul, entre dois dos imponentes pilares de Bernini. Atrás de uma fileira de banheiros químicos, consigo entrever grandes cortinas acastanhadas na sacada central da fachada da basílica. Pesco dois pedaços de biscoito no fundo da mochila que usamos para carregar fraldas e dou para os meninos. Espero não ter chegado tarde demais. A multidão cresce atrás de nós. Bandeiras são agitadas, as pessoas falam quase sussurrando. Um menininho passa diante de nós, a mãe logo atrás, e pergunta: "*Che cos'è, Mamma? Che cos'è?*" O que é, mamãe?

A aglomeração na praça aumenta a cada minuto. Na borda do largo del Colonnato estão os já habituais andaimes usados pelos profissionais da imprensa e seus equipamentos de iluminação.

Microfones em punho, homens de terno se postam de frente para os facho de luz, a *piazza* às costas. Sobre a colunata, abaixo dos apartamentos papais, homens em ternos mais escuros estão de prontidão; é provável que sejam seguranças. Um batalhão inteiro de homens da Guarda Suíça está posicionado aos pés das escadas da basílica em seus uniformes de arlequim.

Mais ou menos três minutos depois de chegarmos, há um leve movimento nas cortinas. Um burburinho envolve a multidão. Um homem de solidéu vermelho sai, inclina-se sobre um microfone. “Irmãos e irmãs”, diz, em italiano. “*Habemus Papam.*” Temos um papa.

Eu bato palmas junto com todo mundo, então os aplausos abrandam e ele diz mais alguma coisa, talvez ainda em latim. A massa urra — literalmente *urra*. Os gêmeos caem no choro.

O cardeal recua e surgem alguns assistentes, que prendem à grade um imenso estandarte acarpetado do tamanho de uma piscina olímpica e, depois de verificar que está bem preso, voltam para dentro. As cortinas param de mexer. Tiro os meninos do carrinho, um de cada vez, e tento acalmá-los. Continua garoando. Nuvens espiraladas atrás da basílica de São Pedro se enchem de luz.

Cerimônias são matrizes para histórias. O sangue pulsa nas têmporas, os olhos param de piscar, um silêncio delicado toma conta de tudo e o centro das atenções mundiais congela por um brevíssimo instante. Todos os rostos ao meu redor — do homem apoiado no pedal da bicicleta à mulher de meia-idade com gigantescos brincos de pérola, um ar imperial em sua figura — parecem incrivelmente sérios. Estamos aqui porque queremos mesmo saber quem será o papa? Ou estamos aqui por vaidade — porque queremos poder um dia dizer que estávamos aqui? Pelos dois motivos, é claro. A Igreja está produzindo sua narrativa, e este é o clímax da história. Neste momento, estamos aqui principalmente porque queremos saber o que vai acontecer, uma vez que já acompanhamos boa parte dessa trama rica e complicada. Abre-se a cortina, a orquestra está tocando: é a

emoção inigualável do drama, com a assinatura da Igreja Católica, a mais experiente dramaturga do mundo.

Antes de qualquer resultado, antes do cinismo, da decepção ou do júbilo, há a esperança e a promessa de mudança. A alegria está na expectativa, no imenso potencial que o momento encerra. É a bola arremessada no último segundo voando para a cesta, a última urna com votos colocada na mesa de apuração. É a carta fechada dentro da caixa de correio, a pontinha do telegrama se insinuando debaixo da porta. É a manhã de Natal, é colocar contra a luz o envelope com o resultado do exame de gravidez. É a primavera.

Não saber é sempre mais emocionante do que saber. É no não saber que surgem a esperança, a arte, a possibilidade, a invenção. É o não saber, o bom e velho não saber, que permite que tudo se renove.

Num sussurro, descrevo para Henry o que vejo: as alabardas dos guardas suíços, as pesadas tapeçarias. Um pombo pousa na mureta da fonte e descansa, ofegante. Dezenas de cardeais cobertos por trajes escarlates aparecem em duas sacadas laterais na fachada da basílica. As cortinas acastanhadas da sacada central voltam a se mexer e a multidão uiva. Os meninos começam a gritar de novo, berram em resposta aos urros da massa, ao futuro, ao desconhecido. O barulho é tal que eu, a meio metro deles, não consigo ouvir seu choro.

“Aí vem ele”, digo a Henry.

Um homem sai. Os braços dele estão erguidos. Uma bênção? Parece pequeno perto das cortinas imensas. Está de branco com uma estola preta e parece não ter nada lhe cobrindo a cabeça. Na verdade, o que mais impressiona nele é o cabelo: é deslumbrantemente branco.

É o 266º papa desde que São Pedro sucedeu a Jesus em 32 d.C. Um cardeal segura um microfone. O novo papa umedece os lábios, a luz incendeia seu cabelo. Ele vira um pouco a cabeça para a direita, e meus filhos, acomodados no carrinho encaixado entre dois pilares, estão diretamente na linha do seu olhar.

Ele abaixa os braços e o bramido da massa murcha. Diz uma ou duas frases com o nome de João Paulo II e o rugido renasce, forte o suficiente para fazer com que os velhos pilares vibrem, um rugido que é a soma de milhares de vozes individuais, mas que, de alguma forma, é mais que isso. A esta altura, os gêmeos estão inconsoláveis.

— Quem é? — pergunto, cutucando o ombro de um homem com fones de ouvido ligados a um rádio portátil.

— O alemão — responde ele.

— Ratzemberger?

— *Ratzinger* — diz, com cuidado e um incômodo óbvio, e imediatamente volta a enfiar o fone no ouvido.

— Ahhhh — exclamo.

Mas isso não significa nada para mim. Pelo menos por ora não tem a menor importância. Abro caminho no meio da multidão com o carrinho até chegar de volta à rua, paro ao lado da porta de um restaurante, desafivelo os meninos e os seguro no colo até que se acalmem.

Ainda há pessoas passando apressadas, correndo para o espetáculo, muitas parecendo profundamente felizes, como se estivessem levitando: uma freira correndo com uma menina de maria-chiquinha segurando suas mãos, três padres baixinhos trotando atrás delas, sorrisos imensos nos lábios. Daqui, a uma quadra de distância, a igreja parece estar banhada de luz. Raios de sol se esparramam atrás da cúpula. A multidão é um campo colorido cercado pelas faixas brancas da colunata.



Toda história busca, nas palavras de Emerson, o “invisível, o imponderável”. Fé, perda, emoção. Mas, estranhamente, para conseguir isso, o contador da história precisa lançar mão do visível, do palpável, do tangível. Antes e acima de tudo, o leitor precisa ser convencido. E são os detalhes — os detalhes certos nos lugares certos — que garantem esse convencimento. A boca do sino de nove toneladas, com as paredes verdes por conta da oxidação, aparece, some e volta a aparecer. Um tapete dourado é pendurado

da grade de uma sacada. Duas cortinas altas se agitam levemente antes de serem abertas. Um homem emerge para a luz.

A glória da arquitetura, a chaminé soltando fumaça e o manto branco engomado são detalhes cuidadosamente escolhidos, estão lá para reafirmar a majestade, a divindade, para nos assegurar de que o que dizem estar acontecendo está acontecendo de fato.

E não é exatamente isso que um escritor faz? Costurar retalhos de sonhos? Cavar em algum lugar os detalhes mais vívidos e conectá-los em sequências que permitirão ao leitor ver, cheirar e ouvir um mundo que parece completo; construir um cenário e meticulosamente tratar de ocultar todas as escoras, os fios, as cordas e os buracos de pregos. Depois, afastar-se e torcer para que os visitantes, sejam eles quem forem, acreditem.

Trabalhando em mais um esboço do meu conto, tento me lembrar dessas lições. Alguém que inclui uma passagem em um diário está pensando apenas em si; o registro o ajuda a refinar, perceber e processar o mundo. Mas uma história — um texto trabalhado e acabado — tem como alvo o leitor; deve ajudar o *leitor* a refinar, entender e processar o mundo, o mundo específico da história, que é uma invenção, um sonho. Um escritor fabrica um sonho. E cada novo esboço deve ser uma versão daquele sonho apresentada com mais precisão e sustentada com mais consistência do que a anterior.

Todo dia de manhã, tento me lembrar de me doar por inteiro, de despejar tudo na página, de testar cada frase em busca de brechas no sonho.



Cinco dias após ser eleito, o cardeal Ratzinger toma posse como papa Bento XVI. Sob a garoa, Shauna e eu empurramos o carrinho pelo Trastevere. O antigo papa foi enterrado, o novo foi coberto de ouro, e a cidade parece um teatro vazio; funcionários da limpeza pública caminham pelas ruas com vassouras e pás, varrendo sem alarde os restos da festa.

Numa tarde de domingo, o sol encoberto por nuvens escuras, as portas das lojas fechadas coalhadas de grafite e as grades de ferro

das janelas dos apartamentos térreos dão a Roma um ar sombrio. Na via Ippolito Nievo, perto de uma loja de brinquedos que frequentamos, a água que vazava de uma tubulação estourada carregou detritos por mais de uma quadra: sacos plásticos, cascas de banana, papel picado, um milhão de pedaços de papelão. O lixo se amontoa ao redor dos bueiros, nas sarjetas e em poças debaixo dos carros estacionados. Um trator com vassoura mecânica passa à nossa frente.

No Fórum, arqueólogos se agacham dentro de covas com baldes e espátulas, tirando a argila com a ajuda de pinças. Perto dali, restauradores fixam andaimes em mais uma fachada de igreja. Tente por um instante pensar no avassalador número de saliências, buraquinhos e fendas em superfícies que a cidade precisa manter limpas: fontes, pétalas de flores, frontões, balaustradas, hieróglifos em obeliscos, os vincos dos mantos de dez mil Madonas solenes, as bochechas rechonchudas de cem mil querubins sorridentes. Todos travamos nossas lutas diárias contra a entropia — na hora de remover tulipas murchas do vaso, de juntar migalhas de cereal que caíram no chão, de levar para fora e jogar no lixo fraldas usadas —, mas ninguém padece mais do que Roma. A cidade é um museu do tamanho de Manhattan, sem telhado, sem caixas de vidro para exposição de itens e com meio milhão de motores circulando pelos corredores e salões.

Se você calcular a quantidade de detrito acumulado em Roma ao longo dos milênios, chegará à média de aproximadamente três centímetros por ano. Para entrar no Panteão, Adriano provavelmente precisava *subir* escadas. Hoje, para chegar a ele, descemos por uma ladeira íngreme, segurando o carrinho de bebê para que ele não escorregue rua abaixo. Os quatro templos destruídos do largo di Torre Argentina, que no passado estavam assentados em pedestais na superfície, hoje estão cerca de dez metros abaixo do nível da calçada. Para descer até onde estão, é preciso um *permesso*, além de uma escada. No século XV, o monstruoso palácio do prazer de Nero já havia se transformado em uma série de cavernas subterrâneas usadas como moradia de pastores. Acredita-se que Rafael e Pinturicchio costumavam descer

até as câmaras pendurados em cordas para estudar os afrescos, iluminando-os com tochas.

À nossa volta, o nível das ruas continua a subir de modo imperceptível: chiclete, cocô de passarinho, folhas de árvores, células epidérmicas, colherezinhas de sorvete, partículas de fumaça dos escapamentos, lascas de prédios, fragmentos de asas de insetos, eflúvios de amantes, cascas de minhoca — um fantasmagórico composto se acumulando incessantemente sobre a cidade. Os antigos romanos desmataram a cordilheira dos Apeninos e os romanos da renascença tornaram a fazê-lo. Desde então, as chuvas da primavera arrancam a terra das montanhas e a arrastam para as planícies. Aqui, as tumbas dos mortos ficam um pouco mais fundas a cada minuto. Impossível não se perguntar quantos afrescos, trabalhos em pedra, candeeiros e baixelas estão enterrados sob nossos pés.

Daqui a dois mil anos, talvez tudo o que o papa Bento vê da janela do seu apartamento esteja enterrado no subsolo, trinta metros abaixo da superfície.

Água gorgoleja pelas sarjetas. Henry e Owen chutam a capa de chuva do carrinho. Os bilhões de seres rastejantes de Roma nadam sob nós, deixando suas cascas, navegando pelos oceanos do passado.



Maio traz mais vento: o céu é cristalino, as cornijas dos palácios se iluminam. Andorinhões mergulham, enfiam-se nos vãos acima das venezianas da Academia e sobem até ninhos escondidos; o barulho que fazem estraga o sono dos acadêmicos que dormem nos pequenos apartamentos.

Henry e Owen só querem andar por aí. E, quando andam, arrasam tudo pelo caminho. Machucados e hematomas aparecem e somem do corpo deles como nuvens de temporal: um no nariz de Henry está voltando à cor normal, enquanto outro, na têmpora direita de Owen, está inchando e ficando roxo. No canto do terraço, Owen arranca uma pétala sedosa e brilhante de uma tulipa

amarela, caminha cambaleando num percurso circular e a oferece ao irmão.

No parque Villa Sciarra, os pavões desfilam empoados na gaiola, os ciprestes oscilam discretamente e três mulheres passam por nós, cada uma com uma arara no ombro esquerdo. Uma delas está acariciando a asa da sua ave e dizendo repetidas vezes “*Qui siamo, qui siamo*”. Já chegamos, já chegamos.



Nada de tumores cerebrais, nada de coágulos. Os resultados dos exames indicam que está tudo bem com Shauna. O médico tira cera dos ouvidos dela e recomenda que se mantenha sempre hidratada. Decidimos comemorar deixando os meninos um dia inteiro com Tacy — desde as primeiras horas da manhã até de noite — para ir de trem a Spoleto, uma cidade montanhosa na Úmbria.

Nos despedimos e saímos pelo portão da frente. O azul do céu está precioso. Jogamos o lixo na caçamba e pegamos um táxi. Passamos pelo Vittoriano e descemos a via Nazionale. BMWs e Fiats aceleram ao nosso lado, rostos se alternam como folhas de papel, *motorini* sacolejam nas pedras do pavimento — passam tão rente ao nosso carro, mesmo a cinquenta quilômetros por hora, que eu poderia esticar a mão e tocar no corpo dos motociclistas.

A estação ferroviária, Termini, está lotada de viajantes — ela é metade abrigo de sem-teto e metade centro comercial —, mas o ambiente nos parece sereno. Quase não conseguimos acreditar em quão pouca coisa temos para carregar: dois suéteres, duas mochilinhas, um par de óculos escuros, uma garrafa d’água. Nada de lencinhos umedecidos, nada de caixas de leite, nada de brinquedinhos. Ser pai ou mãe e tirar um dia de folga da função parental é um tipo especial de felicidade — um relâmpago, um momento doce que fica ainda mais doce devido à sua impermanência.

Compramos as passagens e achamos nossos assentos. O mato entre os trilhos contíguos aos do nosso trem é exuberantemente verde, quase tropical. O trem começa a andar e os milhares de cabos da estação Termini passam ao alto da janela. Em um minuto,

estamos no subúrbio: telhados abarrotados de antenas de TV, os fundos de um supermercado, um depósito de ônibus quebrados, uma ponte, um pedaço de um aqueduto, dois templos decaídos que parecem estar sendo restaurados.

Agora estamos fora da cidade: azinheiras e carvalhos, uma nesga de estrada, montanhas se erguendo ao longe vestidas de nuvem. Fios telefônicos correm ao nosso lado, às vezes formando parábolas rasas entre os postes que os sustentam. Penso em Henry e Owen, tão curiosos, famintos de mundo — ontem cambalearam pelos passeios de pedra no parque Villa Sciarra, as árvores acima deles carregadas de flores. “Dadadada”, cantava Owen. Henry passou meio minuto tentando segurar uma pedrinha entre o polegar e o indicador.

Em Spoleto, saímos da estação de trem, subimos para a cidade velha e comemos chocolate em uma ponte do século XIV assentada sobre arcos de pedra de oitenta metros de altura. Uma nuvem invade o desfiladeiro, borriça em nós uma garoa leve e segue seu curso, flutuando vale abaixo, flechada por raios de luz. Colunas de fumaça sobem dos campos. O vento tem cheiro de madressilva, depois de rosa, depois de terra revolvida. Um arco-íris — e não estou brincando — se projeta sobre o desfiladeiro e vem pousar nas colchas formadas pelos olivais aos pés da cidade.

Shauna sorri e dispara correndo; as maçãs do rosto dela estão rosadas e brilhantes. Perambulamos pelo *duomo*, deitamos de costas em um banco e lemos o jornal, passando os cadernos já vistos um para o outro. À tarde, escolhemos aleatoriamente uma porta qualquer e entramos em um restaurante apertado, decorado com tecido aveludado, garçons de smoking, lustres à meia-luz.

O que comemos é um poema.

Campanella soffiata alla caciottina locale con fonduta di parmigiano e tartufo nero; strengozi alla Spoletina con pomodori, peperoncino, pecorino e prezzemolo; lombello di maialino in rete di lardo della Valnerina, salsa delicata al pecorino e pere al rosso di Montefalco; e sformatino caldo al cioccolato con crema all'arancia.

Campanella (massa em formato de sino com as bordas chanfradas) com queijo de cabra local, recoberta por fondue de

queijo parmesão e trufas negras; strengozzi à moda de Spoleto (chamar isso de um bolinho é o mesmo que chamar um Rolls-Royce de carrinho de golfe) com tomate, peperoncino, queijo pecorino e salsinha; lombo de leitão Valnerina em molho de pecorino, pera e vinho tinto Montefalco; pudim quente de chocolate com cobertura de creme de laranja.

Fechaos nossos olhos e lentamente tiramos os garfos da boca. “Isto é ridículo”, diz Shauna.

Ao anoitecer, as planícies ao pé da cidade ficam azuis e o céu, índigo. Deixamo-nos cair nos assentos do trem bronzeados e felizes. De minuto em minuto túneis zunem nas janelas como num piscar de olhos e sugam o ar de nossos ouvidos.

Abro um livro. Shauna fecha os olhos. A cidade acelera em nossa direção. Um dia, digo a ela, voltaremos a Spoleto, passaremos a noite no Hotel Gattapone, construído em um penhasco, cruzaremos a ponte do século XIV ao cair da tarde, caminharemos pela trilha lamacenta do outro lado do desfiladeiro até uma mesa de piquenique acima de um monastério em ruínas, beberemos uma garrafa de vinho, comeremos queijo de cabra e voltaremos pela mesma ponte no escuro, andando sob as quatro lâmpadas pálidas espaçadas a trinta metros uma da outra enquanto nossos filhos correm na frente.

Sonhos de pais e mães. Nosso reflexo estampado nas janelas do trem. De quando em quando a escuridão é rompida por uma cidade distante, as luzes desenhando a silhueta do topo de uma colina ao longe.

Verão

ASSIM SÃO OS dias: o azul mais impecável que se possa imaginar, todas as folhas emolduradas por luz dourada. Morangos minúsculos ganhando corpo no jardim, toldos tremulando, o vento assoviando ao atravessar as copas dos pinheiros-mansos. A Academia e seus bolsistas parecem adolescentes numa colônia de férias: engaiolados, artistas provocam acadêmicos, acadêmicos provocam artistas; nos murais, afixam longos textos inflamados sobre o uso abusivo das vans da Academia; a cozinha do andar de cima cheira a leite, alho e intriga.

Na rua, é possível sentir a luz do sol esmagando seus ombros. É como se a cada dia o sol ganhasse mais massa. As camisas dos meninos estão sempre ensopadas quando Shauna os tira do berço após as sonecas. À tarde, o pequeno banheiro de Owen fica sufocante como um forno.

Só as manhãs permanecem frescas. Lagartixas circulam pelo terraço. Suas costas cor de neon, suas patinhas muito delicadas e suas caudas compridas são como tiras de sombra que se movimentam. Levanto um vaso de tulipas e uma metrópole inteira de microscópicos insetos vermelhos explode em agitação.

Caminhando para meu estúdio, começo a perceber que esta vida que estamos vivendo tem data para acabar. Em dois meses precisaremos deixar a Academia. George, o escultor, terá que embalar suas intrincadas tigelas de gesso. A floresta pintada por Jon Piasecki em seu estúdio desaparecerá. Quando chegar o fim de agosto, os nomes nas plaquinhas das portas de praticamente todos os estúdios pelos quais passo a caminho do trabalho terão mudado. O meu está entre os que serão substituídos.



Decidimos visitar a Úmbria toda quarta-feira pelo restante do nosso tempo na Itália. Em maio, percorremos o vale de Spoleto e passamos uma quarta-feira em Todi, uma em Orvieto, uma em Assis. Saímos do trem e entramos em um sonho: nada de compromissos, nada de lutar para achar a palavra certa para o texto. Os meninos ficam na cidade, cochilando. Aqui, à nossa volta, apenas os becos apertados e sinuosos, os desfiladeiros distantes, os

arcos inesperados, as venezianas pintadas, a sempre majestosa e brilhante luz e o céu infinito. Gerânios transbordam dos canteirinhos das janelas, olhos nos espiam da penumbra pelos vãos das portas. Andamos pelos muros que cercam as cidades, o vento penetra nossas camisas, sopra folhas, grandes nuvens de pólen e, uma vez, um papel com um retrato desenhado de alguém, que voa por cima dos telhados. Nos restaurantes, me convenço de que sou capaz de sentir o sabor desse vento no vinho, nas ervas e, principalmente, no azeite.

Andorinhões em profusão conferem vivacidade a Assis — uma tempestade de pássaros envolve o ar sobre as *piazze*, e turbilhões deles sobrevoam os telhados como imensos cardumes. Para evitar os enxames de turistas, basta procurar as áreas mais altas: dois quarteirões acima da basílica, as ruas são absolutamente tranquilas, as casas se equilibram nas ladeiras e o vale lá embaixo se estira mergulhado na sombra.

Em uma tarde chuvosa, os becos em Orvieto têm cheiro de porão antigo: cisternas, papel velho, bolor. Descobrimos que, sob a cidade, há outra Orvieto, com quilômetros de galerias, criptas, porões, minas esquecidas e túneis cuja extensão permanece desconhecida.

Em Todi, entramos em uma capela pela porta lateral e, de repente, nos vemos em meio a vinte freiras, todas rezando em silêncio: só se ouve o som dos zíperes das capas de seus livros de orações.

Visitamos os famosos afrescos de Giotto em Assis, notáveis por seus azuis de tirar o fôlego: um pigmento que ele obtinha por meio da moagem de lápis-lazúli, uma pedra terrivelmente cara. Ele reservava o azul apenas para os céus mais lindos e os mantos mais sagrados.

Na fachada do domo de Orvieto, o escultor do século XIII Lorenzo Maitani entalhou o que parece ser metade dos livros da Bíblia em lajes de mármore verticais. Tem-se a sensação de que Eva está fisicamente saindo da costela de Adão, de que Caim está realmente a ponto de esmagar Abel com uma marreta. Maitani esculpiu árvores com a riqueza de detalhes de corais; serpentes

saindo de paredes; rostos com expressão demoníaca. No juízo final, montes de corpos emaranhados transbordam da pedra.

Os tons das rochas vulcânicas variam de cidade para cidade: amarelo queimado, rosa-claro, azul manchado. Pequenos escorpiões negros se enfiam dentro de sapatos, besouros rastejam em banheiras, javalis vagueiam nos caminhos. Ciclâmenes pintam faixas coloridas na floresta. Entre os trilhos dos trens, papoulas de caules fininhos — pequenas erupções de tinta vermelha — se agitam após a passagem dos comboios. Volta-se a Roma inebriado, bronzeado e relaxado, mas também um pouco triste pela opressão das *motorini* e dos outdoors, por voltar a ficar entre quatro paredes, por deixar para trás tanto espaço, tanta cor, tanto céu.



Perto do fim do maio, entro na pequena mercearia Beti. Depois de nove meses morando em Roma, digo boa tarde à mesma mulher a quem uma vez pedi molho de toranja e faço meu pedido em italiano: um pão comum, dois pãezinhos de hambúrguer, um bolinho de maçã, trezentos gramas de pizza *bianca* e uma lata de atum. Tudo isso sem errar nem uma sílaba.

O que acontece? Ela me entrega minhas compras. Ninguém joga confete em mim, ninguém bate palmas, as luzes não começam a piscar. A dona da loja não estica os braços por cima do balcão para segurar minhas bochechas e me dar um beijo na testa.

Você se comunicou. E daí? Agora vá até o caixa e pague.

Em vez disso, ela me pergunta num italiano acelerado algo sobre Henry e Owen, alguma coisa a respeito do cabelo deles, mas fala tão rápido que não consigo entender oitenta por cento do que diz. Encabulado, sou obrigado a descer do trono da minha fluência ilusória e pedir: “Desculpe, mais devagar, por favor?”



Em dois de junho, Dia da República, completam-se cinquenta e nove anos desde que os italianos decidiram por voto trocar a monarquia pelo republicanismo. Os romanos comemoram e ocupam a via dei Fori Imperiali, entre o Vittoriano e o Coliseu, para assistir ao desfile oficial, que consiste de tanques, um Lamborghini da

polícia e um torpedo da Segunda Guerra exposto sobre a carreta, seguidos por *carabinieri* com tambores e espadas, soldados da infantaria de boina e até um regimento de líderes de torcida agitando pompons brancos. Para encerrar, uma esquadrilha de nove jatos antitanque risca o céu sobre o Vittoriano, soltando fumaça branca, verde e vermelha.

À noite, somos acordados pelos fogos de artifício disparados da *villa* no outro lado da rua. Faíscas e fumaça sob as árvores, um assovio, uma explosão, e depois faíscas e fumaça acima das árvores. Shauna e eu permanecemos no terraço tentando despistar o sono. A qualquer momento os meninos acordarão e começarão a gritar. As ruas brilham azuis, brancas, vermelhas. Engraçado como, para celebrar a paz, parecemos querer simular a guerra.

Cinquenta e nove é um número recorrente. A Itália teve cinquenta e nove governantes diferentes desde a Segunda Guerra. O governo do magnata da mídia Silvio Berlusconi, atual primeiro-ministro, será o primeiro do pós-guerra a completar o mandato.⁵¹ Ainda assim, os italianos caminham no calor do verão como que dopados, como se paciência fosse a virtude que cultivam com mais afinco.

Eis outra frase do poeta Belli: "Não sou eu mesmo quando me esforço."⁵²

Em nosso restaurante favorito, comemos antepastos desesperadamente deliciosos: tomatinhos assados, fatias fritas de abobrinha italiana finas como papel, vagem crocante, pimentão grelhado. Depois, dividimos um frango salpicado de sal e pimenta-do-reino assado em pedras em brasa. A refeição dura mais ou menos duas horas, mas temos que esperar outra hora e meia até nos trazerem a conta. Digo vários "por favor", aponto para o relógio e falo: — *La babysitter...*

— *Va bene* — responde o garçom.

Está certo. Pode deixar. Mas ainda esperamos outros trinta minutos. Em algum momento a conta chega. Parece que os garçons estão tentando nos ensinar alguma coisa.

Uma tarde, descendo a via Carini para comprar leite, estamos passando na frente da Banca di Roma — onde o segurança tem cavanhaque e carrega uma pistola no quadril — quando noto, pela primeira vez, o aviso na porta informando os horários de funcionamento do banco: *Manhã: das 8h30 às 11h30.*

Tarde: das 14h15 às 15h40.

Fechado aos sábados.

O banco fica aberto durante menos de quatro horas e meia por dia. Lá dentro, clientes esperam sentados lado a lado, segurando folhas de papel, de olho nos grandes números exibidos numa tela de LED, mais um olho de Deus.

O próximo domingo será o primeiro “domingo ecológico” do verão: carros movidos a gasolina são proibidos de circular no Trastevere ou no centro histórico das dez da manhã às seis da tarde. Isso não impede, claro, que a três quilômetros dali, no Foro Italico, aconteça o Quinquagésimo Salão do Automóvel de Roma, com seus dez mil carros, modelos com vestidos Altieri e motores ligados durante todo o fim de semana.



Termino meu conto sobre a pequena cidade inundada. Tem nove mil palavras, e eu levei quase seis meses para escrevê-lo. É o primeiro texto de ficção que concluo depois que os meninos nasceram. Coloco-o no correio para Nova York, bebo meia garrafa de Chianti e adormeço lendo um relato de Plínio sobre minhocas azuis gigantes no rio Ganges. “Elas são tão fortes”, escreve ele, “que arrastam elefantes que vão beber água ali, agarrando as trombas deles entre os dentes.”⁵³

Acordo às três da madrugada, suando. Owen está chorando no berço. O quarto dele está abafado. Deito-me com ele no sofá, adormeço e tenho pesadelos. Seu peso no meu peito, a manhã avançando implacável na nossa direção: a madrugada atravessa o mar Negro, aportando na Bulgária. Em pouco tempo, iugoslavos abrirão as janelas de seus apartamentos e começarão o dia, seguidos pelos croatas e pelo povo da Úmbria. Em seguida, será a nossa vez.

A esta altura, em meados de junho, faz calor até de madrugada. Nuvens espessas aprisionam o calor. Tento deixar as janelas abertas à noite, mas as *motorini* não me deixam dormir e os mosquitos atacam Shauna. Quando fecho as janelas, o ar fica tão abafado que tenho a sensação de estar lacrado em um saco plástico.

Na noite seguinte, Owen acorda chorando às duas, às três, às quatro, às cinco e às seis da manhã. Dou leite para ele, embalo-o. Sinto estar voltando para aquele conhecido mundo da insônia, com suas horas repletas de espectros, de pensamentos lentos, da incapacidade de construir frases claras.

“Os molares dele estão nascendo”, explica Shauna. “Coitadinho.” Ele está no terraço chupando um resto de pizza *bianca*. Tento imaginar como seria ter grandes pedaços redondos de esqueleto brotando das minhas gengivas.

Durante as tardes, caminhamos entorpecidos pela cidade, o céu sufocante sobre nós, a borracha das rodas do carrinho grudando nas pedras do pavimento, seus eixos entortando, como se o metal estivesse amolecendo e toda a estrutura fosse desmontar. Carrego comigo um caderno, mas quase nunca o abro; o calor derrete meu cérebro, é como se chumaços quentes e molhados de algodão tivessem sido colocados atrás dos meus olhos. Minha pele está empapada, meus braços e minhas pernas ficam pesados. Devaneio, mas nada acontece em minha mente: estou apenas olhando para o mundo, e tudo o que vejo é vazio.

“Não tem para onde correr”, ouço Shauna dizer ao telefone uma noite. “Não dá para escapar.” Assaduras causadas pelas fraldas alcançam as costas e o peito dos meninos. Ainda assim, o entusiasmo deles para conhecer o mundo é impressionante. Tudo — um rolo de fita adesiva, um plugue de telefone, o cabelo do irmão — merece ser investigado. Quem diz que os adultos prestam mais atenção do que as crianças está errado: estamos sempre ocupados demais filtrando o mundo, concentrando-nos em alguma tarefa, *sem* prestar atenção. São nossos filhos que passam o dia inteiro descobrindo novos continentes. Às vezes, olhando para Henry e Owen, tenho a sensação de que eles vivem permanentemente

naquele magnífico estado alerta que nós, adultos, só alcançamos quando nossos carros estão derrapando desgovernados no gelo, se aproximando de um cruzamento com sinal vermelho, ou nosso avião está chacoalhando durante uma turbulência.

Minha própria atenção é atraída o tempo todo pela água. Sim, há o Tibre, claro, mas o Tibre é lento demais, marrom demais, descendo sem uma única marolinha — em um clima como este, nem parece água. As fontes são meu foco: fontes de água potável, fontes de bairros, fontes monumentais. Um site de viagens informa que há duzentas e oitenta fontes em Roma, mas parece que são mais: a torre das mitras e chaves papais da Fontanella delle Tiare, no Borgo; as imensas banheiras gêmeas na Piazza Farnese; os leões cuspidos água na Piazza San Bernardo. Há uma bica esguichando água dia e noite em um tanque no fim da via di Porta San Pancrazio, outra bica ao lado do nosso ponto de ônibus e mais uma perto da gigantesca estátua de Garibaldi, no alto do Gianicolo.

Passando pela fonte das tartarugas no bairro judeu sob a inclemente luz do sol, observo um homem sentado na grade descascar uma maçã verde com um canivete; ele gira a fruta como se ela estivesse presa em um torno, a casca se soltando em uma tira espiralada contínua. Quando termina, ele põe a casca no degrau ao seu lado, estica o braço e lava a lâmina na água.

Minhas fontes favoritas não são as dramáticas, com jatos de água que desenham parábolas no ar, ou como a de São Pedro, com seu par de jatos verticais, ou aquelas com a pompa e o troar da Fontanone. As melhores fontes são as que gotejam melancólicas, as que têm bolhas discretas, aquelas em forma de bacia de onde a água transborda, as das costas molhadas de ninfas e centauros, as moldadas em pedra, em estilo grotesco, do parque Villa Sciarra. A pequena pinha borbulhante da Piazza Venezia. Se as removermos do cenário, não há presente, não há sistema circulatório, não há sonhos para compensar as horas que passamos acordados. Não há Roma.

Sento-me com um caderno à mão e observo as ondas de pessoas indo e vindo, cenas de uma tarde em velocidade avançada, manchas de penumbra perturbando a luz, caminhos se cruzando,

energias se aproximando, as fontes nas *piazze* jorrando sem parar. Antes de as residências medievais terem encanamento, era necessário ir até o tanque em frente à sua casa para lavar camisas, verduras ou crianças. Imagine com que frequência você via amigos, inimigos, a vizinha por quem se apaixonou. Pense no eterno escorrer de fofocas, na atmosfera tomada de rumores e boatos. Estes foram os precursores dos filtros de água dos escritórios.

Os antigos romanos tinham suas termas, é claro, colossais e absurdas, imensas, do tamanho de pequenos vilarejos das colinas da Úmbria. As Termas de Caracalla tinham quase cento e dez mil metros quadrados. As Termas de Diocleciano eram maiores, quase o dobro dos setenta e sete mil metros quadrados do complexo de jardins e edificações da Casa Branca. Depois de trabalhar até o meio-dia, você ia para as termas com sua garrafa de azeite de oliva e sua bucha para limpeza de pele: banheira morna, banheira quente e, para terminar, enxágue com água fria.

No fim do império, os aquedutos romanos levavam um milhão, setecentos e quarenta e sete mil metros cúbicos de água por dia para a cidade. Considerando que a população era ligeiramente inferior a um milhão de habitantes, são cerca de mil, setecentos e cinquenta litros por pessoa. Por dia.⁵⁴

Em uma tarde de trinta e dois graus, Shauna e eu paramos ao lado da fonte no lado norte da Piazza Navona — não a gigantesca Fonte dos Quatro Rios, de Bernini, mas a Fonte de Netuno, o deus dos mares, nu e prestes a enfiar a lança em uma serpente que se aperta em torno de sua coxa. O tanque está vazio. Dois funcionários da prefeitura, de macacão, esfregam o mármore com vassouras de cerda de náilon. Mangueiras grossas e inertes jazem nas pedras do pavimento. “*Buongiorno*”, dizemos, mas eles respondem com um protocolar meneio de cabeça. Tudo está empalidecido, sem vida: manchas escuras nos músculos das costas de Netuno, cocô de pombo nas ninfas. De alguma forma, parece que todo este lado da *piazza* também está sem viço. Não há crianças nem risadas. Os toldos dos cafés quase não se mexem. É

como se a história estivesse escapando das pedras, aprisionando o ar, abafando tudo.

Mas não demora muito para a fonte se encher novamente quando a bomba volta a funcionar; as águas da inocência calam as da experiência, o presente subjuga o passado, reanima-se o cadáver. Roma volta a viver.

Neste calor, quando chega a noite, a cidade inteira entra numa espécie de redemoinho: a umidade, o odor pantanoso do Tibre, o vapor de gasolina pairando em um beco, o tilintar distante de talheres e pratos. No verão de Roma, é possível olhar para uma fonte ao crepúsculo e não ver nada, não sentir nada; toda a existência se resume à água parada no ar por um milésimo de segundo, no ponto mais alto de sua ascensão, banhada de luz, antes de começar a cair. É um estado de espírito a ser buscado.

Não importa onde você esteja — do hidrante permanente na praça Campo dei Fiori ao grandioso barco de Bernini na Piazza di Spagna —, a água circula por esta cidade antiga, pulsando em suas artérias, batendo em seus corações. Mesmo a grande algaravia em torno da Fontana di Trevi — com seus grupos de turistas ruidosos, seus camelôs vendendo bugigangas, seus milhares de pontos de chiclete endurecido e sua galáxia de colherezinhas de sorvete fluorescentes presas entre as pedras do pavimento — é de alguma forma essencial. É a vida se renovando, sempre se renovando.

Nos debruçamos na grade e jogamos moedas para os deuses.



Depois de procurar em três lojas, encontro uma piscina inflável. Levo-a para o apartamento e a encho no terraço. Despejamos duas jarras de água um pouco morna e colocamos os meninos dentro. Owen solta gritinhos de prazer, batendo na água, rolando uma bolinha de um lado para outro. Henry se retesa, seu corpinho petrificado. Ele não chora, mas tampouco se mexe. Depois de um tempo sem tocar em nada ao redor, ignorando os gritinhos e a água espirrada pelo irmão, ele começa, hesitante, a despejar água de um bloco de Lego para outro.



Shauna passa a manter nossas venezianas fechadas o tempo inteiro. São pretas, de alumínio: ao meio-dia, o sol já esquentou tanto as da face sul que não conseguimos mais encostar nelas. A cidade está entorpecida pelo calor: as pedras estão mortas; as ruas, desesperadamente silenciosas. Da uma às quatro da tarde, ninguém se move. As venezianas ficam cerradas, as portas das lojas, abaixadas: é como se fossem três da madrugada. Experimento tirar uma sesta, como os romanos, mas não dá certo. Começo a suar, e sequências de pequenas preocupações, conjecturas e listas de coisas a fazer sitiam minha mente. Eu me levanto, fico zanzando na penumbra cinza do apartamento, lendo romances e escrevendo em meu diário, raios de sol varando as frestas entre as lâminas das venezianas.

Como alguém consegue escrever um livro nestas condições? Como Plínio conseguia? Percebo que o verão empurra os romanos para as extremidades, para as manhãs e as noites, para as casas de campo, para os subúrbios. No calor das tardes de verão do centro da cidade, as igrejas são o único refúgio possível, escuras e frescas, os pisos salpicados de manchas, quadros sombrios e irrealis, altares parecendo pequenos debaixo de lustres empoeirados, grupos de turistas se arrastando por corredores de colunas. Tenho vontade de ficar horas seguidas nessas igrejas, tirar a camisa e deitar no mármore, meu peito contra a pedra, e me deixar envolver pela sombra perene.

Em vez disso, roubo hortelã da horta da Academia, trituro-a em copos com açúcar e rum e, na companhia de amigos, fico no terraço com os pés mergulhados na piscininha dos bebês.



Em meados de junho, estamos voltando de mais uma quarta-feira na Úmbria, que passamos num pequenino vilarejo na montanha chamado Narni. Gotas de chuva riscam as janelas do trem e as manchetas dos jornais anunciam: *Sangue na autoestrada da Úmbria — dois mortos*. Mas talvez eu esteja entendendo errado, porque ontem dois caminhoneiros morreram queimados em um

túnel alpino perto de Turim, a seiscentos e trinta quilômetros daqui. Talvez os motoristas estejam morrendo em duplas pelo país inteiro.

Mosquitos voam pelo corredor. Em um barraco no meio de um descampado, um homem de rosto escuro olha de trás de uma mesa de folha de ferro corrugado. Surge o Tibre, verde e lento, as bordas repletas de sacos plásticos. Pouco depois, ele desaparece. Shauna dorme ao meu lado, as mãos cruzadas. Poucos quilômetros à frente, nossos meninos correm atrás de Tacy no apartamento. O trem desacelera ao entrar em Tiburtina, a última parada antes da estação Termini.

Passamos por uma ponte, as paredes inferiores cobertas de grafite. Pichações revestem todas as superfícies de um vagão isolado, até mesmo as janelas. Em uma parede nos fundos de um supermercado, lê-se *TYSON* e *Chiamate subito Rambo*, que significa "Chamem o Rambo imediatamente". Consigo decifrar também as inscrições *Onion!* e *Piantatela* (Parem). Para cada inscrição legível, há cem ilegíveis: profusões de círculos e volteios, assinaturas drásticas e estilizadas.

Penso em Idaho. No meio de junho, flores fervilham nas campinas dos platôs, artemísias desabrocham, riachos rumorejam. Mesmo no vale, em Boise, o calor ainda não deve ter fincado suas garras; as noites ainda devem estar longas, frescas e perfeitas.

Mas aqui, neste calor, tudo parece grudento e gasto, visitado demais, examinado demais. Parece não haver superfície que não tenha sido alvo de inscrições: monumentos, janelas, latas de lixo, toldos, pedras. Tornozelos, costas, ombros. Isso fica mais evidente quando se está no trem, à medida que vão ficando para trás os desfiladeiros e pomares da zona rural e surgem os conjuntos habitacionais e as funilarias, a linha do horizonte cada vez mais próxima. Quanto mais gente, mais tinta. Hordas de turistas perambulando pelas ruas. *Parem o Bush, Febo, TASMO, Magik, Els, DMG não toque.*

Segundo um artigo de dias atrás, as autoridades romanas gastam dois milhões e meio de euros por ano para limpar mais de quatro milhões de metros quadrados de pichações dos muros da cidade. Provavelmente essa cifra é muito menor que o gasto dos

proprietários de imóveis. Já vi uma dezena de vezes homens com água, palha de aço e algum tipo de solvente destruidor parados com desânimo diante dos tijolos nas fachadas de seus restaurantes. Quase todas as paredes no nível da rua do centro da cidade são mais desbotadas do que as demais, de tanto serem lavadas e esfregadas. E depois tornam a ser pichadas: *Panda7*, *Dumbo*, *Satan!*. Muitos vagões do metrô são tão completamente cobertos que se transformam em grandes cenários coloridos: verdes, vermelhos e azuis, vagões de tinta percorrendo, ruidosos, o labirinto subterrâneo.

Kung tem trabalhado bastante no Trastevere. *Tio Festah* também. Na via Nazionale, em uma única placa de "proibido estacionar", havia cerca de dez adesivos ligados ao surfe junto com pichações como *Foda-se a polícia*, *Rex* e *Rock de verdade*, todas em inglês. Ao longo de um quarteirão inteiro da via Cavour, paredes exibiam aproximadamente cem reproduções de uma imagem de folha de maconha aplicada com estêncil.

Sem sangue por petróleo está em toda parte. *Não à guerra e Nè USA, nè Islam!* (Nem EUA, nem Islã) e *USA GO AWAY* (Fora EUA) também são muito comuns. Os filhos de Laura chegam em casa da escola e perguntam se *Yankees Go Home* significa o que eles acham que significa.

Foices e martelos, suásticas, pentagramas, A de anarquismo. A parede acima da campainha de uma agência governamental recebeu a legenda *Assassini*. Em uma veneziana perto dela, lê-se *Tetti per tutti* (Teto para todos).

Até slogans aparentemente inofensivos têm, no mínimo, mesmo que tangencialmente, alguma conotação política. *Me ne frego* (Não estou nem aí) era o lema dos grupos paramilitares de Mussolini, os camisas-negras. *Carlo vive* é uma referência a Carlo Giuliani, um manifestante de vinte e três anos morto pela polícia durante a cúpula do G-8 em Gênova, em 2001.

Mas as melhores pérolas estão escritas em um inglês bem tosco: *Punk rains* (Punk chove), *Einstein Rules Relatively OK?* (Einstein comanda relativamente OK?) e *Always let you guides by love* (Sempre deixe você guia pelo amor).

Minha pichação favorita fica perto da Fontana di Trevi: *Viva Nixon*.

Grafites não são novidade por aqui. Há exemplares deles de mais de dois mil anos na antiga cidade portuária de Ostia. Em Pompeia, a lava vulcânica ajudou a preservar uma série deles. No museu Palatino, há um desenho do século I em que Cristo na cruz é representado com uma cabeça de burro. Vários metros abaixo do altar de São Pedro, peregrinos do século II imprimiram suas marcas no que se acredita ser a tumba de Pedro.

Há também os grafites medievais que vi na coluna de Trajano. Nossa amiga Janna me conta que, em 1528, um invasor alemão riscou *E por que eu não deveria rir? Os Lansquenetes* [soldados alemães] *obrigaram o papa a fugir* logo acima de um afresco na Villa Farnesina, no Trastevere. Cantores de coral assinaram seus nomes na capela Sistina; soldados de Napoleão deixaram marcas nas paredes da Villa Madama. O lendário arquiteto e gravurista Piranesi escreveu *Piranesi 1741* com giz vermelho em uma gruta na Villa Adriana.

Quem sou eu para julgar? Eu mesmo já deixei meu nome pintado aqui e ali. Todos nós marcamos nossos espaços de alguma forma. O cheiro da tinta spray, o prazeroso som da esfera tilintando dentro de uma lata: em uma cidade em que o privado está sempre se defrontando com o público, talvez a tinta ajude a definir fronteiras.

Mesmo a Úmbria, com sua natureza que às vezes parece tão selvagem, já foi atingida, e de várias maneiras: uma assustadora coluna de fumaça subindo da fogueira atizada por um fazendeiro, penhascos de pedreiras iluminados, um bosque de pinheiros que vejo pela janela do trem em movimento e percebo que foi plantado em fileiras retas.

Nativos ou exóticos? Mesmo o pinheiro-manso, símbolo de Roma, talvez não seja uma planta nativa: alguns acreditam que os etruscos o trouxeram do Oriente Médio. Mas está certo um botânico continuar a classificar como exótica uma espécie de árvore que há mais de três mil anos nasce, cresce e morre neste lugar?

Quando sentimos saudade de casa, não é tanto pela falta de filmes não dublados, nem de sacos plásticos Ziploc para guardar alimentos, tampouco de sanduíches de peru, mas sim da paisagem, das colinas beges e do céu liso e extenso de Idaho. Embaixo das ruas de Boise não há intrincadas cidades antigas escondidas e, sob seus gramados, não há nenhum império à espreita. Apenas casas tranquilas e rostos conhecidos.

Nosso trem manobra pela malha de trilhos que se afunila até chegar à estação Termini. A chuva tamborila no teto do vagão. Um trecho final de quatrocentos metros de muros e paredes grafitados fica para trás. *Rex, SLIM e Up! Up!*. Shauna e eu penduramos nossas mochilas nos ombros, damos as mãos, caminhamos pelo corredor até a porta. Estamos de volta à cidade.



Noite do solstício de verão. Homens caminham de um lado para o outro em ambas as margens do Tibre acendendo duas mil, setecentas e cinquenta e oito velas, uma para cada ano desde a fundação de Roma. De onde estou, na ponte Garibaldi, no Trastevere, é possível ver rio acima duas linhas curvas de luz, seu reflexo pousado na água encrespada, como aquelas fotos de longa exposição de esquiadores descendo montanhas à noite com tochas acesas.

Estou com sono, mas não consigo dormir. Caminho pela cidade no escuro, circundando o Palatino, a primeira das sete colinas de Roma. As ruínas de antigos palácios têm aspecto fantasmagórico. Em torno de um campanário, cigarras ocultas começam a ensaiar seu canto. São as primeiras. Dentro de poucas semanas estarão bramindo furiosamente.

Daqui de cima, tarde da noite, a cidade arfa, parece expelir o ar do pulmão num espasmo há muito reprimido: uma voz distante vinda de uma sacada, os canos de escapamento, o vento nas árvores. Suspiros, asas batendo, estática difusa. Talvez, talvez eu tenha ouvido um rouxinol num telhado (apesar de eu não escutar nenhum há um ano). O tempo devora a todos — Rômulo, Plínio, John Keats, João Paulo II —, mas nesta noite parece que eles estão

rondando, pairando entre nós, tons, sombras, um imenso acúmulo de almas.

A cidade respira. O ar que exala se espalha no campo, e o silêncio tenta engoli-lo. No alto do Gianicolo, meus meninos de um ano dormem em seus berços, inalando e exalando.

Do portão trancado no Clivo di Venere Felice, com o Fórum escuro e silencioso às minhas costas, o pedaço do Coliseu que consigo ver está envolvido por holofotes acesos e é um espectro amplo e solitário, congelado no clarão. Uma ramada de hera balança suavemente. Mesmo agora, depois da meia-noite, turistas pequenos e fatigados continuam rodeando o lugar.



Insônia: remo na direção do sono, mas ele recua e some além do horizonte. É como se milhares de pequenos fios tivessem sido arrancados do meu pescoço. Trava-línguas em italiano reverberam como britadeiras em meus ouvidos: *Pelè partì parà per il Perù, però perì per il purè*. Pelé partiu paraquedista para o Peru, porém pereceu como purê. *Pio Pietro Paolo Pula, pittore Palermitano, pinse pittura per poco prezzo*. Pio Pietro Paolo Pula, pintor de Palermo, pinta pinturas por uma pechincha.

Vou à banca de frutas e verduras com os meninos numa manhã de sábado. Minha mente entra em parafuso: *pesca* é pêssego, *pesce* é peixe. No plural, pêssegos vira *pesche*. *Pizza* é pizza, mas *pezzo* é pedaço, *pozzo* é poço, *pezze* são retalhos e *pazzo* é maluco. *Puzza* é fedor: trocando a fralda de Henry, Shauna cantarola para ele: "*Puzza, puzza.*"

Quando o calor derrete nossos cérebros e estamos esgotados e rodeados de italianos, a poesia da língua pode rapidamente se transformar em blá-blá-blá. *Buongiorno* pode virar *bom jogo*, e preços podem soar como canções de ninar. Cento e oitenta e oito é *centottantotto*, quinhentos e cinquenta e cinco é *cinquecento cinquanta cinque*. Sou entrevistado por um repórter de uma revista local no bar da esquina; tento responder a algumas perguntas em italiano, mas, depois de dois passos, tropeço nas armadilhas da língua. Em italiano, um texto ficcional é *racconto*, que tem a mesma

raiz que a palavra inglesa *account*, que quer dizer relato. Mas um relato é *narrazione*. História é *storia*, romance histórico é *romanzo storico*. Um romance pode ser um *romanzo* ou um *racconto*.

Nas edições holandesa, francesa e alemã do meu livro mais recente, a palavra *roman* aparece sob o título: um romance. Porém, em italiano, *romano*, claro, é alguém ou algo de Roma. Concluo que pelo menos a palavra *novella* em italiano tem o mesmo significado que *novella* em inglês, um romance curto, mas ela também pode ser empregada para se referir a ficção em geral e, complicando ainda mais as coisas, a contos. Também significa “nova” ou “notícia”. Ufa.

Tento dizer ao entrevistador que acabo de escrever um conto e estou tentando ressuscitar um romance histórico já bem esboçado, mas ele me responde explicando a diferença entre um *resoconto* e um *racconto*.

Pelé, digo a ele, partiu paraquedista para o Peru, porém pereceu como purê.

Se pensarmos na língua italiana como uma cidade, descobriremos que debaixo dela há imensas cidades subterrâneas — ítalo-dalmático, toscano, latim, grego — e, sob estas, as catacumbas do oscano, do úmbrio, do sabino; túneis escuros que conduzem a cavernas, fantasmas e ossos, criptas que se abrem para túneis ainda mais profundos e vagos, ecos de frases em línguas tribais que nunca tiveram um alfabeto. Túneis silenciosos de escrita cuneiforme, aquíferos de hieróglifos, canais finos como um fio de navalha que brotam do protoindo-europeu e desaguardam no grego, escorrem do grego para o latim, do latim para o italiano — a história do mundo está invisivelmente comprimida nas palavras que dizemos uns aos outros, não importa em que língua. *Mãe, mother, madre, mater* — os sons que neste exato momento Henry e Owen estão tentando aprender a fazer.



No primeiro dia de julho somos despertados por trovões. Eles estouram sobre a cidade uma, duas, três vezes. As janelas tremem. Ficamos à porta do terraço e observamos os raios cortarem a

escuridão. Depois de mais ou menos um minuto, a lateral do Vittoriano, até então iluminada por holofotes, desaparece. Um segundo depois, o resto da cidade está às escuras. O apagão atinge também a nossa casa: os números nos visores dos relógios somem, os ventiladores param de girar. As árvores do outro lado da rua mergulham no breu, cobertas por um imenso manto.

Ouve-se um estalo ao longe, como se fosse estática. Então uma pausa breve, um suspiro, e agora o único som é o de um motor se afastando, talvez o último motor que ainda funciona, e o ar sobre a rua passa de preto para branco.

Chove tão forte que não conseguimos ver nada além da grade do terraço. A água martela as janelas. O vento a empurra para dentro pelas frestas do peitoril; Shauna vai ao banheiro buscar toalhas para vedá-las. Os meninos acordam e afundam as testas em nossos ombros, mas não choram. “É só chuva”, diz Shauna para tranquilizá-los. “Só chuva.” Ficamos com eles na cozinha por alguns minutos. O prédio estremece. Granizo repenica no piso do terraço.

O temporal vai embora tão depressa quanto veio. As árvores gotejam, o vapor sobe da rua, montículos de granizo brilham pálidos nas sarjetas. O Vittoriano reaparece, reluzindo lá embaixo. Colocamos nossos filhos de volta nos berços. Os ventiladores voltam a girar. Shauna pendura as toalhas molhadas no boxe do chuveiro. Uma *motorino* passa na rua. Estrelas reluzem nos vãos entre as nuvens.



Alguns dias depois da tempestade, levamos Henry e Owen ao Panteão e, pela primeira vez naquele espaço amplo e lotado, os tiramos do carrinho e os soltamos. Eles batem em uma grade em torno do andaime usado para alguma restauração, perambulam em meio a uma floresta de pernas. Owen se agacha nos pontos em que as cores do mármore do piso mudam — de marfim para vermelho, de vermelho para cinza —, bate as mãozinhas na pedra, pisa forte nos círculos e quadrados, ergue-se e olha para nós, rindo e pulando com suas sandalinhas.

Corremos atrás deles. Estou descobrindo que o amor pelos filhos é um tipo de amor que não tem fim, um sentimento que se multiplica e se alimenta de si mesmo. Não é quantificável, mas é quase certamente inesgotável: não importa quantos filhos temos, não importa o que façam, parece impossível que nosso amor por eles possa acabar.

Se existe um Deus, a devoção Dele por nós é assim, como o sentimento que temos por nossos filhos. Sinto que há algo no Panteão que simboliza isso, na interseção entre a estrutura e o céu, na expressão de um prédio reformado e em ruínas ao mesmo tempo, na forma como o círculo de luz no alto resiste enquanto tudo à sua volta está na penumbra.

O óculo revela uma gaivota solitária, branca e minúscula, voando sobre a cidade, tendo ao fundo uma nuvem deslizando veloz no céu. Pisco: em meio ao calor e à poeira que me envolvem, vejo cabeças de devotos de dois mil anos atrás voltadas para cima. Filhos, filhas, mães, pais.



Meio-dia em Roma. O sol está minúsculo, não mais que uma tachinha ofuscante enfiada no azul, mas frita a gente como se fôssemos formigas nas pedras do pavimento. A cidade se transformou em um emaranhado de corredores superaquecidos. Garotas tiram as meias e mergulham os pés nas fontes; monges e freiras caminham em suas pesadas indumentárias como se fossem refugiados de outra era.

Hoje é feriado, mais um, porém não tenho energia para descobrir qual. Fileiras de roupas de baixo penduradas em varais, lojas fechadas. Em torno da Piazza Garibaldi, homens sentados em seus carros leem jornal. Empapados de suor dentro do carrinho, cabelo grudado na pele, os meninos bebem sofregamente suas mamadeiras.

Dentro de poucas semanas, em meados de agosto, praticamente todos os romanos terão abandonado a cidade, deixando-a para os turistas. *Ferragosto*: as lojas estarão fechadas, as *piazze* ferverão. Nós também vamos embora.

Assim que voltamos para o apartamento, tiro as grandes sacolas de viagem de baixo da cama, chacoalho-as na janela. Owen e Henry se enfiam em uma delas e riem. Feixes de poeira flutuam no quarto.

— Logo mais vamos voltar para casa — diz Shauna aos meninos.

Owen se agarra à palavra que entende e começa a repetir “mais, mais, mais” até que ela se torna indistinguível em sua boca.

— Ma, ma, ma — cantarola Owen.

— Ma, ma, ma — canta Henry.



No Estúdio Tom Andrews, tiro as fotos dos B-17s e das cidades bombardeadas das paredes. Guardo as páginas do meu romance em pastas de cartolina. Vou concluí-lo em Idaho, digo para mim mesmo, embora talvez isso seja uma mentira.

Passo o resto da manhã lendo o último volume da *História natural* de Plínio. “No mundo inteiro”, escreve ele, “de todas as terras sob o firmamento, a Itália é a mais bonita, premiada com as mais preciosas joias da coroa da Natureza. A Itália é a governante e a segunda mãe do mundo — com seus homens e suas mulheres, seus generais e soldados, seus escravos, sua destacada posição nas artes e nos mais diversos ofícios, sua abundância de talentos brilhantes, sua localização geográfica, seu clima temperado e saudável, sua fácil acessibilidade por todos os outros povos e sua orla com muitos portos e ventos generosos que empurram o navegante em sua direção”.⁵⁵

No jardim, o calor doura as alamedas e os muros. As copas dos pinheiros se equilibram nos troncos finos, imóveis e entorpecidas. Plínio está errado, penso. Todo lugar tem sua própria beleza. Em Detroit, Michigan, uma vez me peguei no meio de uma nevasca na rodovia interestadual; o gelo se acumulava nos limpadores de para-brisa, as lanternas do carro à frente avançavam lentamente. A certa altura, o vento sossegou de repente, e a neve que caía pareceu parar no ar, dezenas de milhares de cristais, um campo de diamantes suspensos no meio do nada acima do para-brisa. No instante seguinte, os flocos começaram a *ascender*: uma

tempestade em câmara lenta de baixo para cima. Em Nairóbi, no Quênia, observando de cima um mercado absurdamente lotado, os cheiros de argila e corpos e esgoto por toda parte, vi uma mulher abrir um pano sobre um quiosque; o vento o arrancou das mãos dela, ele tremulou ao sol, seda saturada de luz, e escapou voando sobre os telhados.

O mundo não é um concurso de beleza: assim como o amor, ela não é quantificável. Não se pode ranquear a geografia.

A *História natural*, os pinheiros-mansos, a igreja de Sant'Ivo criada por Borromini, a questão dos estorninhos e a questão da paternidade — meu interesse nesses assuntos está ancorado em uma questão central: se nós, criaturas que vivemos nesta Terra, estamos aqui apenas para garantir a continuidade das nossas espécies, se a natureza só se preocupa com a reprodução, se nossa missão é criar e cuidar dos filhos até atingirem idade de procriação e depois estamos liberados para definhir e afundar em direção à morte, por que, então, o mundo se esmera tanto em ser tão chocante, tão intrincado e absurdamente belo? Tudo se resume a variação genética? Geologia e clima? Combinações químicas, impulsos elétricos, penas, cantos e danças de acasalamento?

Plínio não tem a resposta. Devolvo a *História natural* para a biblioteca, no andar de baixo. Tiro minhas coisas do Estúdio Tom Andrews e atravesso o pátio. Desço a escada da frente, passando pela fonte circular da entrada no meio dos pedriscos. Um melro pousa na mureta da fonte, a menos de quatro metros de mim, pula para a frente e começa a bebericar. Fecha um de seus olhos emoldurado por um anel amarelo. E desaparece.



Marco e Lula, sua esposa, nos fazem uma visita. Ela já teve os gêmeos, estão com três meses agora, e a mãe dela ficará cuidando deles no Trastevere durante a tarde. Ambos os pais parecem exaustos, o rosto pálido marcado por olheiras. Ficam de mãos dadas, sorriem. É como se eu e Shauna estivéssemos diante do espelho, olhando para uma versão antiga de nós mesmos.

Marco se encanta com nosso terraço. “*Lula, la terrazza*”, grita ele. Ela e Shauna saem e se juntam a nós. Henry e Owen correm em volta da piscininha. Sob o calor, bebemos Fanta e conversamos aos trancos e barrancos, ora em inglês, ora em italiano: horários de sonecas, marcas de fralda, amamentação. Somos soldados de exércitos diferentes lutando em guerras similares.

“Se você conseguir, faça com que eles cochilem no mesmo horário”, aconselha Shauna. “*Insieme?* Junto? Senão, você não terá tempo para si mesma.”

Lula assente.

“É difícil”, conclui Shauna, e ela e Lula se olham. É estranho pensar que, de repente, nós agora somos os experientes. Nós, que não sabíamos nada sobre cuidar de bebês até um ano atrás.

Antes de Marco e Lula partirem, enchemos o porta-malas do carro deles de coisas usadas das quais não precisaremos mais: sacos de roupas de bebê, lençóis para berço, um tapete, um balde de peças de Lego tamanho extragrande. Eles ficam agradecidos, mas não com a efusão que americanos provavelmente demonstrariam. Parecem considerar o gesto normal, previsível — o que mais poderíamos fazer com essas coisas?

Algumas horas depois, nos despedimos de Laura e da família dela, que vão passar o próximo mês viajando de trem de Roma até a Lapônia. “*A presto*”, digo a Laura, mesmo tendo certeza de que não voltarei a vê-los tão cedo, porque voltarão da Finlândia direto para Massachusetts.



Cinco dias antes de irmos embora da Itália, levamos os meninos para um pequeno vilarejo chamado Spello, na Úmbria. Entramos no trem com as mãos carregadas: dois bebês, dois carrinhos, duas grandes sacolas de lona, duas mochilas para transportar bebês, dois litros de leite de caixinha, as embalagens tão úmidas que, quando sirvo o leite, tenho a impressão de que meu polegar vai furá-las.

Antes mesmo de o trem deixar a estação Termini, Henry e Owen já se cansaram de brincar com as fivelas dos cintos de segurança, com as cortinas elétricas da janela e com as tampas dos cinzeiros.

Os dois se contorcem em nossos braços e pisoteiam nossas virilhas com suas sandalinhas. Todo brinquedo ou livro que lhes oferecemos é imediatamente jogado no chão. Quando chegamos a Tiburtina, dez minutos depois de partirmos, eles já estão correndo para cima e para baixo nos corredores, batendo a cabeça nos apoios de braço dos assentos.

— Sabe quando você está num avião — diz Shauna — e alguém com aparência cansada e olheiras desponta no corredor com uma bolsa em uma mão e uma criança berrando na outra e você só pensa em uma coisa: “Por favor, que essa pessoa não venha se sentar ao meu lado, que essa pessoa não se sente ao meu lado”?

— Sei.

— Pois é, *nós* somos essa pessoa agora.

Spello é um imenso canteiro de gerânios vermelhos e cor-de-rosa. Chupamos picolés, empurramos os carrinhos com os meninos pelas ruas e os deixamos soltos para andar em um parquinho poeirento e quente. Os moradores do vilarejo sorriem para nós, e o sol desce sobre os vinhedos. À noite, comemos pizza e reduzimos a temperatura do nosso quarto de hotel a um nível que só a consciência dos americanos permitiria.

Às três da madrugada, a lua cheia atravessa a janela e nos olha fixamente lá do céu. Owen chora no berço portátil. Fecho as cortinas, acaricio as costas dele e passo a meia hora seguinte a embalá-lo no banheiro. Mesmo através das cortinas, a lua brilha tanto que chego a pensar que até ela emana calor.

Ontem, em Roma, enquanto esperava na fila da máquina para comprar as passagens de trem, uma mulher com barro no cabelo e três riscos de sujeira na bochecha abordou o homem à minha frente. Quando ele se recusou a dar dinheiro, ela começou a xingar e bater o pé no chão. Vi o último fio de autocontrole se romper dentro dela, como um cabo enferrujado, então ela fechou os olhos, tornou a abri-los e desferiu um soco no esterno do homem. Ele cambaleou e quase caiu. Eu estava estendendo o braço para ajudar quando ela arremessou nele uma enorme garrafa de cerveja, que, surpreendentemente, não quebrou. Depois de ricochetear na perna dele, a garrafa caiu no chão. Ficamos os três observando-a rolar,

girando algumas vezes antes de parar, ainda com um pouco da bebida em seu interior.

Hostilidade, fervor: não é à toa que essas cidadezinhas localizadas no alto de montanhas são fortificadas por grossas muradas. Aníbal e seus cartagineses mataram legionários nas colinas acima de Tuoro dois mil e duzentos anos atrás. Depois disso, vieram os guelfos, os lombardos, o ducado de Spoleto, os papas tiranos, todas as famílias nobres irremediavelmente cruéis do início da Renascença e todos os forasteiros sem nada a perder que vagavam entre as cidades. Na Itália inteira, agências de viagens exibem nas paredes cartazes com fotos da Toscana e da Úmbria e seus girassóis, seus ciprestes, suas cidadezinhas com janelas de folhas de madeira castanha. São promessas de paz: carne de porco temperada, sol, romantismo, vinhedos, olivais, afrescos e festivais. Mas a história de violência está gravada nas pedras. Foligno, a apenas cinco quilômetros de onde estamos, foi bombardeada e obliterada sessenta anos atrás. Mignano, San Pietro e San Vittore foram varridas do mapa durante a guerra. Tampouco está longe a cidade de Cassino, onde alemães, americanos, neozelandeses e poloneses (os avós dos turistas dormindo nos quartos vizinhos ao nosso) morreram às pencas nas rochas abaixo do velho monastério.

O que a Itália me ensinou? A não ter muitas certezas. A qualquer momento um trio de jatos passará zunindo acima do apartamento, uma fralda se desintegrará misteriosamente ou um bebê pulará as sonecas. Funcionários das empresas de transporte público entram em greve quando querem. Do nada, uma latinha de moedas de um mendigo pode aparecer à sua frente. Você espera sol, mas o que vem é chuva.

Olhe bem de perto: é inevitável que aquilo que é pitoresco na superfície se desmanche e se torne mais interessante. Em nosso pequeno quarto de hotel, estou sentado na tampa da privada, a cabeça de Owen repousada no meu ombro. Às vezes o couro cabeludo dele cheira a arroz molhado, ainda cru. Uma vez, teve cheiro de folhas encharcadas. Hoje tem o cheiro de um lago fundo e frio no verão.

A cidade dorme. O coraçãozinho dele bate junto ao meu.



Três dias antes de partirmos, Roma nos brinda com uma noite fresca. Durmo o sono mais profundo que já tive desde que os meninos nasceram. Sonho que estou em um pinheiro-manso como o que fica na frente do Estúdio Tom Andrews. O detalhe é que, de alguma forma, eu sou a árvore — sinto o vento nas folhas pontudas como o sentiria nos pelos dos meus braços. Quando me viro, a árvore também vira. Henry e Owen se aproximam, param perto do meu tronco e abrem os casacos, de onde passarinhos brancos saem voando. Eu me agacho, e eles — os meninos e os passarinhos — sobem em mim. Divisamos uma cidade branca infinita, cúpulas prateadas brilhando entre templos, raios de luz perfurando vãos entre nuvens, bandos de cisnes como pontinhos brancos em lagos de metal líquido.

Ao meio-dia, Shauna e eu comemos sanduíches de mozzarella e tomate com vinagre no jardim. Bate uma leve brisa. Os meninos cambaleiam sob as árvores ao nosso redor e pegam damascos no chão; às vezes dão uma mordida. Conversamos longamente e, mesmo assim, as crianças ficam bem, não precisam de nada, não precisam que a gente corra atrás delas, não pedem nem leite, nem consolo. É provável que esta seja a primeira vez que conseguimos conversar por quinze minutos enquanto os meninos estão acordados, sem precisar pagar uma babá para ter esse luxo.

Uma sensação de imenso bem-estar toma conta de mim, nuvens brancas e gordas cruzando o céu, folhas adejando suavemente. Um ano é uma infinidade de percepções: não apenas as formas dos estorninhos, a morte do papa, acompanhar nossos filhos aprendendo a andar, mas também o aroma de carne assando em um beco, os olhos castanho-escuros de um mendigo nos degraus de uma igreja, uma solitária semente de dente-de-leão pousando silenciosamente no hábito de uma freira no bonde. Este ano teve um trilhão de momentos como esses: eles inundam a memória e transbordam para o papel na forma de anotações no diário. Os físicos não ensinam que mesmo em um volume finito existe um número infinito de pontos?

Mas hoje, na grama fresca, a sensação é plena, doce. É como se um prisma tivesse girado e o mundo tivesse gradualmente voltado a se alinhar. As bordas das nuvens parecem mais delineadas contra o azul, mais do que em qualquer outro momento da história do mundo.

Na madrugada seguinte ao nascimento de Henry e Owen, saí do hospital em minha bicicleta e voltei ao nosso apartamento, passando por ruas cobertas de neve derretida. Subi as escadas até a entrada, peguei a correspondência — inclusive o envelope que nos traria a Roma — e entrei em casa. Lembro que, ao passar pela porta, fiquei impressionado por encontrar os objetos da nossa vida antiga ainda intactos: uma revista sobre o sofá com a capa virada para baixo, um vaso de margaridas comprado em um loja, fotos das sobrinhas penduradas na geladeira. Tudo estava exatamente como tínhamos deixado vinte e poucas horas antes. Durante a noite — Owen chorando nos braços da mãe, Henry na UTI, enfermeiros e enfermeiras ao redor dele, máquinas apitando atrás de cortinas — eu tivera a certeza de que *tudo* estaria mudado, que nossas vidas anteriores teriam sido apagadas e que nada poderia ser como antes. Mas ali estavam meus livros, meu computador, os e-mails que eu precisava responder, o mesmo carpete marrom na escada, nosso imenso saco de roupa suja e os dois cestos ovais, ainda em seus sacos plásticos, esperando a chegada de seus ocupantes.

Havia a nossa vida antiga, no apartamento, em que tínhamos tempo para concluir a maioria das tarefas que começávamos, em que podíamos tomar longos banhos e nos lembrávamos de regar nossas plantas. E havia agora a nossa vida nova, no hospital, a um quilômetro e meio dali, onde Shauna precisava tomar morfina, dois bebês precisavam se alimentar a cada três horas, dia e noite, e um menininho minúsculo em uma incubadora de acrílico tomava leite materno de uma mamadeira e recebia medicação intravenosa e radiação de luz ultravioleta.

Lembro-me de pensar que precisaríamos descobrir um jeito de conciliar a vida antiga com a nova.

Um ano depois, ainda temos dias do mais devastador cansaço, madrugadas em que acho que estou enchendo uma mamadeira de

leite, mas na verdade estou entornando tudo na bancada. Ontem levei cinco minutos tentando lembrar o código postal dos meus pais.

Agora, porém, há manhãs como esta, em que acordamos e percebemos que dormimos a noite inteira, em que podemos caminhar pelo gramado como se tivéssemos voltado a ser pessoas normais, como se finalmente estivéssemos aprendendo as sílabas desta nova e estranha língua.

Em um poema, Tom Andrews uma vez rogou ao Senhor: “Inocula em mim o Transtorno do Excesso de Atenção para que eu consiga ver o que está a um palmo do meu nariz.”⁵⁶ Tentarei me lembrar para sempre dos olhos dos romanos idosos quando viam Henry e Owen no carrinho, lentamente se dando conta de que se tratavam de gêmeos, a alegria a inundá-los. De maneira mais aguda do que qualquer um, talvez, esses senhores e senhoras talvez sentissem o poder transformador do frescor infantil. Apoiados em suas bengalas, eles se inclinavam para a frente, queriam chegar mais perto.

Em certo sentido, nosso desafio este ano foi o mesmo que o de Roma: reconciliar a nova e a velha vida, cavar um túnel de volta para o futuro.



Gostaria de ter conhecido mais italianos. Gostaria de ter convidado Maria para jantar, a dona da loja de massas que chama Henry de *Enrico*, tira-o do carrinho e o leva para trás do balcão sempre que vamos lá. Ela ama alugar um trailer no verão e viajar para o norte, até a Suíça. É adorável, mas também um pouco abatida, não por causa de alguma tragédia — pelo menos não que eu saiba —, mas simplesmente por causa da passagem do tempo. Ao me mostrar a foto do próprio filho, hoje com doze ou treze anos, ela pressiona dois dedos contra os lábios.

Gostaria de ter passado três ou quatro dias nas dobras das encostas das colinas Albanas que vejo do nosso terraço, caminhando na neve, bebendo *colli albani* nas pequenas fazendas e comendo escargot, olhando para o outro lado do vale, para a cidade

distante abraçada pela bruma. Gostaria de ter alugado uma canoa na Úmbria e, partindo bem cedo com uma mochila cheia de sanduíches, navegado pelo Tibre até Roma, onde ancoraria na margem e subiria andando para casa. Gostaria de ter passado uma noite em Maremma, na costa a oeste de Florença, onde dizem haver um arvoredor de pinheiros-mansos de vários quilômetros à beira-mar.

Gostaria de ter pedido a um monge permissão para entrar nas catacumbas debaixo de uma das igrejas na via Ápia, equipados apenas com um toco de vela, sem lanterna nem lâmpada pendurada no teto, para podermos perambular pelas antigas pedreiras na escuridão, envolvidos pelo frio, pelas paredes úmidas, percorrendo avenidas subterrâneas se abrindo aqui e ali, passando pelos milhares de tumbas e suas pequenas prateleiras de pedra sobre as quais havia frascos de vidro contendo sangue de mártires. Tudo isso com não mais que uma chama bruxuleante a nos guiar.

Gostaria de ter achado um jeito de conseguir que o papa João Paulo II abençoasse Henry e Owen, seus rostinhos voltados na direção dele, os dedos velhos e cheios de joias tremendo sutilmente, aproximando-se para roçar de leve as testas dos meninos.



Dois dias antes de partirmos, uma família que passava na frente da Academia me pede orientação para chegar à Fontanone. Falam em italiano, mas têm cara de turistas: ligeiramente perdidos, pés doloridos, com pressa para chegar a lugar nenhum. Talvez sejam do norte.

"Sigam-me", digo. Descemos e viramos à esquerda: lá estão a corrente e as águas azuis agitadas. Apoiados na balaustrada, eles apreciam a vista boquiabertos, sem respirar. O pai vasculha uma mochila e pesca uma câmera. Lá embaixo, ao longe, estão o disco escuro do óculo do Panteão, o balão azul de turistas na Villa Borghese, o Vittoriano, a profusão de telhados. É a cidade.

A água espirra atrás de nós, Roma ferve a nossos pés, nuvens deslizam acima de nossas cabeças.

"*Eccolo!*", exclama a menina mais nova, esticando o braço com a mão espalmada, como um mágico concluindo um número. "*Ecco Roma!*"

Aqui está Roma.



É o último dia de trabalho de Tacy. Ela ainda não arrumou outro emprego. "Quando cheguei na Itália, me candidatei a empregos em hotéis, como recepcionista, concierge. Os anúncios diziam que fluência em inglês era um dos requisitos. Mas, quando me chamavam para as entrevistas e me viam, eles nem queriam me deixar falar. Diziam: 'Não, estamos procurando gente cuja língua materna seja o inglês.'"

Doce e maravilhosa Tacy: nos últimos tempos, ela tem trazido reluzentes folhas de hera, grandes como folhas de papel sulfite, que coloca ao alcance dos meninos para que eles passem os dedos nelas.

Na hora da partida, nós três choramos. Shauna põe dinheiro e um cartão de agradecimento na bolsa de Tacy, como se isso nos eximisse de tentar entender como a situação dela é mais difícil do que a nossa, como se algumas poucas centenas de dólares fossem tornar mais fácil a luta para encontrar outro emprego clandestino e mandar dinheiro toda semana para as Filipinas, a treze mil quilômetros de distância, onde está seu filho de catorze anos, cujo rosto ela não vê e cujo cabelo ela não acaricia há quase três.

Damos a ela o cobertor da nossa cama, alguns pratos da nossa cozinha. Tenho que convencer Shauna a não dar a ela tudo o que temos na nossa conta bancária.



É a última vez que espero, do lado de fora, no calor, na fila do açougue. Há três mulheres na minha frente. Uma delas, a mais velha, se vira e se inclina sobre o carrinho.

"*Sono gemellini?*"

Sim, gêmeos.

"*Che belli!*", diz ela, disparando uma torrente de palavras em italiano. Consigo acompanhar muito pouco. Algo a ver com o

apartamento contíguo ao dela. Algo a ver com crianças pequenas. Ela parece estar apresentando várias linhas narrativas, seus dedos alimentando um tear invisível. Alguma coisa a ver com meninas gêmeas, um sedã, uma ligação na noite de Natal.

Ela passa um minuto contando a história, com intensidade crescente. Sou alvejado por palavras e palavras. Ouço “flores”, ouço “pão”. Mas agora ela está se aproximando, apontando o indicador na minha direção, e eu não tenho mais como fazer o que deveria ter feito há muito tempo: pedir que ela fale mais devagar.

As mulheres à nossa frente vão embora com suas compras. O açougueiro deposita um lombo de vitela na bancada e grita: “Signora Cimorini?” Ela segue contando sua história sem desacelerar, aponta o indicador para ele, agita-o um pouco e depois volta a recolhê-lo. A narrativa parece estar chegando ao clímax agora; atrás das lentes curvas dos seus óculos, vejo que começou a chorar.

De repente ela para, morde o lábio, parece mergulhada num redemoinho de lembranças.

— Tão lindas — diz. — Aquelas meninas.

Faço uma tentativa.

— No Natal?

Ela assente e passa a chorar ainda mais. Lágrimas escorrem por suas bochechas como cachoeiras. O açougueiro chama o nome dela de novo. Ela olha e pisca; passam-se alguns segundos até que reaja e diga a ele para cortar a carne em filés mais finos.

Os meninos a observam enquanto tomam leite.

— *Santo Cielo* — digo, finalmente.

“Deus do céu”, porque às vezes isso faz os italianos darem um sorriso. Ela tira um lenço da bolsa e seca os olhos. Devo abraçá-la? Não faço nada. Pisco. O açougueiro lhe diz que a vitela custa nove euros, ela despeja um monte de moedas no balcão e ele separa o valor devido.

Antes de sair, ela dá beijos de adeus em Henry e Owen.



A última manhã. O céu está tão azul que é quase preto, o sol esparrama sua luz quente sobre tudo. Vou trabalhar uma derradeira vez no Estúdio Tom Andrews, e Lorenzo acena para mim da guarita, pernas cruzadas na altura do tornozelo, olhos na TV. A água da fonte gorgoleja mansamente, e alguns poucos e lânguidos jasmims, os últimos, seguem agarrados aos caules.

Vão ficando para trás o longo corredor do andar de cima, o carpete vermelho em linha reta, as portas brancas dos apartamentos dos bolsistas. A chave, a porta, a janela, o catre estreito amarrotado, um lápis quebrado na escrivaninha.

Abro meu diário. Olho o tronco do pinheiro-manso. Em pensamento, na minha lembrança, caminho pelo Trastevere, cruzo o rio a jusante da ilha Tiberina e subo uma ladeira íngreme chamada Clivo di Rocca Savella. Só subi essa ladeira uma vez, mas, sentado à escrivaninha, a imagem dela se afigura cristalina para mim: o verde recobrando os muros, os tijolos manchados pela água, a luz rebatendo nas pedras. Há pilares dos dois lados, e as pedras do pavimento estão revestidas de musgo.

A colina Aventina, no alto, está tranquila e enfolhada. Passo na frente das venezianas fechadas das casas e viro à direita. Pouco depois, a rua termina, desembocando em uma *piazza*. No lado noroeste, em frente ao consulado do Egito, uma porta verde trancada impede a entrada nos jardins atrás do priorado dos Cavaleiros de Malta. A tinta está desbotada; a ferragem de bronze, manchada nas bordas, presa por quatro parafusos. Encosto o olho no buraco da fechadura.

Emolduradas nos limites do buraco oval há duas cercas vivas altas e paralelas que se entrelaçam no alto. Entre elas, uma das mais maravilhosas vistas do mundo. O olhar passa sobre o Circus Maximus, contorna o Gianicolo e voa por mais de um quilômetro. Só vai pousar bem no centro da basílica de São Pedro. Daqui, olhando por este buraco de fechadura, a imensa igreja — sobre a qual Henry James, impressionado ao vê-la pela primeira vez, escreveu: “impossível conceber qualquer coisa maior do que isso”⁵⁷ — é apenas um brinquedo, uma casa de boneca extravagante, seus

pequenos pilares equilibrados no campanário em primeiro plano, a metade de baixo oculta atrás de pinheiros do tamanho de florezinhas.

Se eu conseguisse enfiar e girar a chave para abrir o portão, poderia segurar a basílica na palma da mão.

“Moldura de cercas vivas” é uma imagem apropriada. Elas contornam a basílica assim como a zona rural emoldura Roma: colinas Albanas de um lado, Sabinas do outro, campos, quarteirões de apartamentos e ruínas se esparramando, o âmbar e o púrpura das distâncias, os azuis do crepúsculo, as depressões sob os aquedutos, os vinhedos e os olivais que encerram Roma, circundando-a como um cinturão, enterrando-a.

Reino e tempo, arquitetura e mato. Roma é imensa, Roma é minúscula.

Uma brisa invade o estúdio pela janela e vira as páginas do meu caderno. Meu olho volta do passeio. Se existe algo que atravessa ininterruptamente a história de Roma — dos etruscos a Plínio a Caravaggio ao papa João Paulo II a Henry e Owen —, esse algo é a luz: a luz da alvorada, a luz do crepúsculo. A luz caminha sobre todas as coisas, revelando-lhes novas faces, sussurrando: Aqui está! Aqui está! *Ecco Roma!* Irrompendo do sol, rasgando o espaço, contornando Vênus, com apenas oito minutos de idade, mas ao mesmo tempo eterna, infinita, aqui vem a luz, anônima e intangível, viajando por cento e cinquenta milhões de quilômetros sem obstáculos através do implacável vácuo escuro para explodir em uma parede, uma cornija, uma coluna. Ela preenche, entalha e dá textura. Transforma a cidade em um imenso relevo.

As moedas caem pela fenda, a caixa emite um clique, as luzes se acendem.

Quando comemos um bife, absorvemos suas proteínas em nosso organismo e parte de nós se transforma em boi. Coma uma alcachofra e parte de você será uma alcachofra. Beba um copo de suco de laranja e parte de você será laranjeira. Ao fim e ao cabo, tudo acaba se metamorfoseando: desde o primeiro gole de leite de nossas vidas somos corrompidos, o mundo corrompe, o tempo corrompe, e nós passamos a vida querendo mais.

Eu me pergunto se essa máxima vale também para a luz de Roma: se nossos olhos forem expostos a grandes quantidades dessa luz, se olharmos para alguma coisa por muito tempo, talvez nós a absorvamos. Talvez ela se torne parte de nós. Talvez resplandeça dentro de nós, eternamente refletindo e iluminando tudo.

O óculo do Panteão, a cúpula da basílica de São Pedro, os tufo de folhas nos troncos dos pinheiros-mansos e o buraco da fechadura da porta verde do lado de fora dos jardins dos Cavaleiros de Malta na colina Aventina: são todos olhos de Deus. Vemos através deles, eles nos veem por dentro. Luz é a base de tudo.

Amanhã voltaremos para casa. Pelo menos por um tempo é provável que Boise pareça mais fácil depois dessa experiência: todos os endereços em inglês, todas as placas inteligíveis, todas as verduras no supermercado lustrosas e uniformes. As lojas abrirão no horário indicado na plaquinha pendurada na porta, e eu provavelmente passarei algumas semanas sem ter que abrir um mapa. Quando os meninos ficarem doentes, saberemos aonde levá-los, e não precisaremos digitar duas dúzias de números para falar com um amigo.

Voltar para casa, acho, será como acordar de um sonho longo e complicado, aquele momento em que você percebe que está no próprio quarto e que tudo à sua volta continua igual, mas agora parece um pouco estranho — talvez um pouco decepcionante também.

Roma já viu tantos artistas chegarem e partirem, deixando neles todo tipo de marca, que minha experiência pessoal não mereceria nem ser mencionada, não chega a ser uma folha de grama. É Roma em si, a aura em torno dela — assim como a Academia Americana — que persiste e sobrevive, muito além de qualquer um dos indivíduos que por ela passam. As pessoas se dedicam a ela por algum tempo, mas as circunvoluções das estações as arremessam para longe. Roma independe de pessoas, é quase imaterial. É o que existe entre os prédios, sob os jardins; ela obriga o visitante a perceber o que está escondido.

Pense nestes escritores: Dante, Byron, Wharton, Calvino, D'Annunzio, Moravia, Pasolini. Goethe, que aqui quebrou o celibato. Keats, que aqui deixou seu corpo. Hawthorne, que aqui viu seu fauno de mármore. Charles Dickens, Henry James, Bernard Malamud. Santo Agostinho. Ovídio. Virgílio. Horácio. Cícero. Plínio, o Velho. Ler uma lista apenas dos que trabalharam neste estúdio, ou nos outros estúdios do corredor, é como passar o olho nas lombadas dos livros de uma biblioteca de pesos pesados: William Styron, John Ciardi, Harold Brodkey, Anne Sexton. Ralph Ellison, que teria tentado assar patas de porco na cozinha do andar de baixo. Tom Andrews, cujos antebraços suaram sobre a madeira desta mesma escrivaninha. Eleanor Clark, esposa de Robert Penn Warren, que veio para Roma como bolsista para escrever um segundo romance, mas logo se deu conta de que a cidade o subjugara. Mais tarde ela diria que o romance resistiu no máximo duas semanas.⁵⁸

Tantas palavras despejadas em um lugar, sobre um lugar: quem ousaria colocar mais uma única frase no monte?

Não sei nada. Vivi em Roma durante quatro estações. Nunca consegui atravessar os portões que me separavam dos italianos. Não posso dizer de forma alguma que me tornei romano. No entanto, não consigo me controlar: uma caneta, um caderno, o impulso de demarcar a experiência.

Roma, dizem, non basta una vita. Uma só vida não é suficiente.

O Tibre corre sob as pontes, outro papa acorda e veste sua alba, o calor do verão vai chegando ao ápice. As estações completam seu ciclo. A Terra se inclina e vai oferecendo seu outro hemisfério ao sol: as noites estão ficando mais frescas. Logo, logo, os andorinhões partirão para a África, os elmos perderão suas folhas e a neve recobrirá de branco as colinas.

Nos restaurantes, chefs preparam seus nhoques, suas lulas, *bruschetta* e *straccetti*. No mercado, as mulheres das bancas de verduras empilham os damascos e arrancam as flores das abobrinhas. Fregueses arrastam carrinhos de compras, idosos batem nas poças com as bengalas, monges de rostos brancos e batinas pretas cochicham em corredores enfeixados por colunas, e

mulheres lindas caminham nas pedras do pavimento usando saltos de sete centímetros. Turistas olham pelo óculo do Panteão. Em seu apartamento perto da estação de trem, Tacy caminha de um lado a outro, sabendo que muito provavelmente nunca voltará a ver Henry e Owen.

Crepúsculo. Entre as copas das árvores, retalhos da cidade se revelam como pedaços de um sonho. Nesta noite, as ruas devolverão o calor do sol para o céu. Pavimentos úmidos e miragens de telhados, a hera que avança, o trânsito frenético, ventiladores girando, nuvens agrupadas, tudo e qualquer coisa, a cidade do sempre.

Fecho meu caderno. Vou andando pelo corredor, a caminho de casa.

Notas

1. Plínio. *História natural*. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Plin.+Nat.+toc> (em inglês).
2. *Simon and Schuster's Guide to Trees*. Nova York: Simon and Schuster, 1977. Prancha 34.
3. *The Log of Christopher Columbus*. Edição e tradução de Robert H. Fuson. Camden: International Marine Publishing Company, 1987.
4. Magueijo, João. *Mais rápido que a luz: a biografia de uma especulação científica*. Lisboa: Gradiva, 2003.
5. Wade, Nicholas. Ideas & Trends; Prime Numbers: What Science and Crime Have in Common. *New York Times*, 27 de julho de 2003.
6. Plínio, *História natural*. Livro 8, cap. 42.
7. Plínio, *História natural*. Livro 28.
8. Plínio, *História natural*. Livro 8, cap. 7.
9. Plínio, *História natural*. Livro 8.
10. Ibid.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. Plínio, *História natural*. Livro 28.
14. Plínio, *História natural*. Livro 9, cap. 7.
15. Ibid.
16. Breus, Michael. Chronic Sleep Deprivation May Harm Health. Disponível em: <http://www.webmd.com/content/article/64/72426.htm>.
17. Plínio, *História natural*. Livro 7, cap. 40.

18. Mukherjee, Neel. Dream Lover. *New York Times*, 7 de novembro de 2004.

19. Plínio, *História natural*. Livro 36, cap. 1.

20. Andrews, Tom. Ars Poetica. In: *Random Symmetries: The Collected Poems of Tom Andrews*. Oberlin: Oberlin College Press, 2002, p. 84.

21. De uma carta para a revista *New Scientist* 162, n. 2188, 29 de maio de 1999. p. 55.

22. Brockman, Elin Schoen. A Monument's Minder. *New York Times*, 27 de junho de 2004.

23. Lívio, Tito. *História de Roma*. Livro 1, cap. 36. "Em todos os eventos", escreve, "os augúrios e o colégio de áugures eram tão respeitados que em tempos de paz ou guerra nada era realizado sem a sanção deles; assembleias de sacerdotes, assembleias de legionários eram suspensas ou desfeitas se os sinais dados pelos pássaros não fossem favoráveis."

24. Plínio, *História natural*. Livro 10, cap. 14.

25. Plínio, *História natural*. Livro 10, cap. 24.

26. Plínio, *História natural*. Livro 10, cap. 59.

27. Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2014. Livro 9.

28. Este é o mesmo papa que, nos primeiros dias depois de sua eleição, supostamente ordenou que todos os pássaros que ficavam do lado de fora da janela de seu apartamento fossem mortos, porque perturbavam seu sono.

29. Plínio, o Jovem. *Cartas de Plínio, o Jovem*. Disponíveis em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/2811> (em inglês).

30. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, mais de quinze mil pessoas morrem na Itália todo ano por causa da fumaça dos carros.

31. Dickens, Charles. *Pictures from Italy*. Nova York: Penguin Classics, 1998.

32. Dião Cássio. *História romana*. Livro 54, cap. 23. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/54*.html (em inglês).

33. Plutarco. *Vida de Júlio César*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1966.

34. Muitos eram esmagados. Em 1882, no dia 21 de fevereiro, onze cavalos mataram quinze observadores em frente à igreja de San Lorenzo em Lucina. Todos os anos, os judeus eram obrigados a pagar uma taxa para não serem forçados a disputar corridas a pé atrás dos cavalos.

35. Goethe. *Viagem à Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

36. Dickens. *Pictures from Italy*, p. 122.

37. Em *Rome and a Villa*, Eleanor Clark cita um arquiteto do início do século XX que diz mais ou menos a mesma coisa: "Perceba, quanto mais no tempo você volta, melhor fica a qualidade do trabalho."

38. Tácito, *Tacitus on Britain and Germany*. Trad. H. Mattingly. Nova York: Penguin Classics, 1948, p. 52.

39. Norton, Trevor. *Underwater to Get out of the Rain*. Cambridge: Da Capo Press, 2006, p. 25.

40. Plínio, *História natural*. Livro 10, cap. 2.

41. Plínio, *História natural*. Livro 8, cap. 14.

42. Plínio, *História natural*. Livro 28, cap. 2.

43.

<http://www.cnn.com/2005/WORLD/europe/03/06/il.manifesto/>.

44. O site do fabricante informa que uma família italiana de quatro pessoas consome em média oitocentos gramas de Nutella por ano.

45. Plínio, *História natural*. Livro 7, cap. 6.

46. Ibid.

47. Pesic, Peter. *Sky in a Bottle*. Cambridge: MIT Press, 2005, p. 26.

48. Goethe, Johann Wolfgang von. "Roman Elegies I".

49. Para os cardeais, embora hoje seus apartamentos tenham ar-condicionado, foi bom o papa João Paulo II não ter morrido em agosto. Em 1623, oito cardeais e quarenta assistentes deles morreram de malária durante um conclave realizado sob calor sufocante.

50. Eleanor Clark, *Rome and a Villa*. South Royalton: Sterrforth Italia, 2000, p. 335.

51. Silvio Berlusconi teve efetivamente o mais longo governo da Itália do pós-guerra. Em maio de 2006, depois de cinco anos como primeiro-ministro e de semanas de controvérsias, ele por fim admitiu ter perdido as eleições parlamentares. “Eles sentirão saudades de mim”, teria dito Berlusconi a seus ministros antes de apresentar a carta de renúncia.

52. Clark, *Rome and a Villa*.

53. Plínio, *História natural*. Livro 9, cap. 17.

54. Clark, *Rome and a Villa*.

55. Plínio, *História natural*. Livro 37.

56. Andrews, Tom. North of the Future. In: *Random Symmetries*. Oberlin: Oberlin College Press, 2002, p. 264.

57. James, Henry. *Horas italianas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

58. Clark, *Rome and a Villa*.

Agradecimentos

Meu mais profundo agradecimento a Rosecrans Baldwin e ao *The Morning News* (www.themorningnews.org) por conceber, melhorar e publicar minhas cartas de Roma. A Becky Kraemer e a Melville House Publishing, que me convenceram de que poderia valer a pena fazer um livro a partir dos meus cadernos. A Laura Gratz-Piasecki e família. A Steve e Jennifer Heuser. A Cristiano Urbani. A Sarah Kuehl e Ben Trautman, pela ajuda, pela amizade e pela mesa. A *todos* os colegas bolsistas, especialmente Lisa Williams e Georg Stoll. A Azar Nafisi. A Lester Little e Lella Gandini, que dirigiram a Academia com singular elegância. A Tacy, por tudo. Aos meus pais e irmãos. A Hal e Jacque Eastman. À incomparável Dana Prescott. A Lorenzo, Norm, G.P. e Pina. À Academia Americana de Artes e Letras e à Academia Americana em Roma, por proporcionarem a escritores esse incrível presente. À Oberlin College Press, por permitir que eu citasse Tom Andrews. A Emily Forland e Emma Patterson. A Anna de Vries. A Clare Reihill, por sua acolhida. A Nan Graham, por sua fé e confiança inabaláveis. A Wendy Weil, por sempre entender. E, finalmente, é claro, a Shauna — sem ela, o mundo não é mundo e Roma não pode ser Roma.

Se cometi algum erro aqui — e tenho certeza de que os cometi —, a culpa é toda minha.

Sobre o autor



© Todd Meier

Anthony Doerr nasceu nos Estados Unidos, é formado em história e dono de uma narrativa de extrema sensibilidade, que passeia com igual sucesso por contos, memórias e romances. Autor premiado de cinco livros e best-seller em diversos países, publicou no Brasil pela Intrínseca o romance *Toda luz que não podemos ver*, ganhador do Pulitzer de ficção e finalista do National Book Award. Atualmente mora no estado americano de Idaho com a mulher e os filhos gêmeos.

Conheça outro título do autor



Toda luz que não podemos ver

Leia também



A filha perdida
Elena Ferrante



A lebre com olhos de âmbar
Edmund de Waal